

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

PRISCILLA GOMES REIS

MIGRAÇÃO, TURISMO E QUALIDADE DE VIDA EM FLORIANÓPOLIS: A
ABORDAGEM DA MÍDIA ESCRITA NO PERÍODO DE 1997 A 2006

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL
DEFENDIDO E APROVADO
EM: 18/07/2007


Rosana Maria Gaio
Deplo de Serviço Social / CSE

FLORIANÓPOLIS

2007/1

PRISCILLA GOMES REIS

**MIGRAÇÃO, TURISMO E QUALIDADE DE VIDA EM FLORIANÓPOLIS: A
ABORDAGEM DA MÍDIA ESCRITA NO PERÍODO DE 1997 A 2006**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Serviço Social,
Departamento de Serviço Social, Universidade
Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Teresa dos
Santos.

FLORIANÓPOLIS

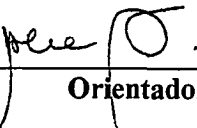
2007/1

PRISCILLA GOMES REIS

**MIGRAÇÃO, TURISMO E QUALIDADE DE VIDA EM FLORIANÓPOLIS: A
ABORDAGEM DA MÍDIA ESCRITA NO PERÍODO DE 1997 A 2006**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Serviço Social.**

BANCA EXAMINADORA:



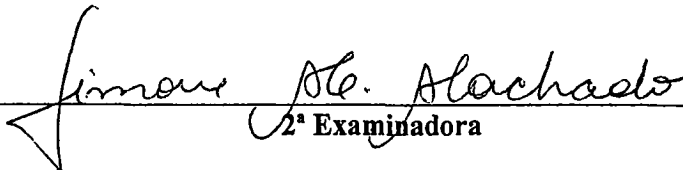
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª Maria Teresa dos Santos - Universidade Federal de Santa Catarina



1^ª Examinadora

Prof^ª. Ms. Iliane Kohler – Universidade Federal de Santa Catarina



2^ª Examinadora

Assistente Social Simone Matos Machado

Florianópolis, Julho de 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que participaram e me apoiaram nessa caminhada, sempre me incentivando com palavras, gestos, acolhida e tolerância.

À minha família, pela dedicação e carinho. À minha mãe, Sueli, pela amizade e cumplicidade. Ao meu pai, Celso, por estar sempre perto, mesmo quando a distância nos separa, pela amizade e confiança. À minha irmã, Lívia, amiga de todos os momentos, agradeço pela alegria e compreensão. Agradeço aos meus pais e à minha irmã pela contribuição efetiva na coleta de dados para a realização deste trabalho, sem vocês tudo seria mais difícil.

Ao meu noivo, companheiro e amigo Thiago, pelo carinho, compreensão e apoio incondicional nesta etapa da minha formação profissional.

À minha avó, Carolina, pela dedicação, pelo amor, por estar sempre presente e apoiando minhas decisões. Aos meus tios e primos, pelos momentos especiais, especialmente à tia Sirlei, pelo incentivo e por acreditar.

Aos meus grandes amigos que das mais diversas formas contribuíram nesta etapa da minha vida. Obrigada pelos incontáveis momentos de alegria que passamos juntos, pelo convívio, pela amizade e companheirismo.

À equipe do Programa NAF – Rodoviário que me ajudou a crescer profissionalmente, pelos momentos especiais que compartilhamos. Principalmente, agradeço à minha amiga e supervisora Leyla, pela confiança, pelo incentivo e carinho.

À minha orientadora, professora Maria Teresa, pela sensibilidade, sabedoria e disposição, qualidades que me inspiraram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Às amigas de turma: Cristina, Adriana, Daiana, Dilceane, Roberta e Juliana, pela amizade construída, pelo convívio e momentos que passamos juntas.

Aos professores e funcionários do Departamento de Serviço Social, em especial à Ondina, pela competência e disponibilidade.

REIS, Priscilla Gomes. **Migração, turismo e qualidade de vida em Florianópolis: a abordagem da mídia escrita no período de 1997 a 2006.** Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007, 150 f.

RESUMO

Este estudo teve como intuito realizar uma análise da abordagem da mídia escrita sobre o processo migratório para Florianópolis. O impulso inicial partiu do interesse em pesquisar a temática da migração para a capital, devido ao estágio curricular obrigatório realizado no Núcleo de Apoio à Família – Rodoviário, programa da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Partimos da hipótese de que a abordagem da mídia escrita e a real situação da cidade se contradizem. A metodologia de pesquisa contemplou uma pesquisa documental no jornal *Diário Catarinense*. Foram selecionadas aquelas notícias relacionadas à migração para Florianópolis, as notícias que dão ênfase à *qualidade de vida* e à *vocação turística* da capital, as notícias que enfatizam as oportunidades, principalmente de trabalho, que supervalorizam a capital, bem como aquelas que envolvem a migração dos segmentos subalternizados. O período analisado foi de 1997 a 2006, isto devido a necessidade de pesquisar a realidade social dos migrantes através de fenômenos atuais, enfocando os momentos históricos nos quais o país estava inserido. A partir dessa contextualização, procuramos analisar a notícia sob um viés crítico, como uma mercadoria, percebendo as concepções ideológicas reproduzidas pelo jornal. Nesse sentido, no decorrer do trabalho, foi abordado aspectos relacionados à mídia e a notícia, à atividade turística exercida na capital e sua estreita relação com o fenômeno migratório, e a *qualidade de vida*, como símbolo de Florianópolis. Embora não fosse objetivo inicial fazer algumas reflexões sobre a *vocação turística* de Florianópolis, houve a necessidade de contemplar este tópico, devido ao grande destaque dado a esta temática pelo jornal *Diário Catarinense*, fato que foi possível constatar durante a realização da coleta de dados no jornal. Questionar o discurso da *qualidade de vida* na capital, já tão naturalizado na sociedade local, contrapondo com aspectos da real situação vivida por grande parcela da população, tornou-se foco deste trabalho. Foi possível perceber os interesses que estão por trás de cada notícia, de cada destaque e de cada omissão do jornal, interesses da classe dominante, de empresários e políticos. A mídia tem um papel significativo no que diz respeito a formar opiniões, pois não apresenta neutralidade em seus conteúdos. Realizamos esta pesquisa com o propósito de interrogarmos sobre fatos e características de Florianópolis e do Estado de Santa Catarina expostos na mídia como únicos e verdadeiros. Compreender a realidade sob um viés crítico, de maneira mais aprofundada, é uma necessidade para analisar e questionar o modelo societário vigente, para que respostas efetivas possam ser construídas, é uma necessidade de profissionais que se relacionam cotidianamente com questões contraditórias e conflitantes, como o assistente social. Quanto mais o assistente social conhecer a realidade, maior será sua capacidade de agir diante das demandas, problematizando-as.

Palavras-chave: Notícia; Migração; Turismo; Qualidade de vida.

ABSTRACT

The idea of this study was to analyze how the press approaches the migratory process in Florianópolis. The initial idea started with the interest about research the migration theme in the capital, due to my internship at Family Support Nucleus – Road (Núcleo de Apoio à Família – Rodoviário), a program offered through the city hall. Starting from the point where the written press and the real situation of the city contradict. The research methodology analyzed a documental research at the *Diario Catarinense* tabloid. In this study, were selected the headlines related to the migration to Florianópolis, the headlines that emphasize the *quality of life* and *touristic means*, the job opportunities, headlines that overvalue the capital, as well as the ones dealing with the migration of subordinate segments. The researched period is from 1997 to 2006, due to the necessity of research the migrants' social reality using current facts, focusing on the historical moments which the country was inserted. From this contextualization, we intended to analyze the headlines under a critical bias, like a merchandise, noticing the ideological perceptions from the tabloid. In this aspect, throughout the study, it was covered topics related to the press and the news, the tourist activity in the capital and its straight relationship with the migration phenomenon, and the quality of life as a symbol of Florianópolis. Although the main objective was not to reflect over *touristic means* of Florianópolis, it was observed the necessity to go over this topic, because of the great emphasis given by *Diario Catarinense* tabloid, a fact that could be perceived when collecting information from the tabloid. Question the idea about *quality of life* in the capital, being a natural aspect in the local society, opposing with real situation aspects from a great number of the society, became the objective of this study. It could be alleged the real interest behind each headline, each highlight and each omission of the tabloid, special interests from the ruling class, from the businessmen as well as politicians. The press has a great influence on forming opinions, therefore it does not present neutrality in its contents. The purpose of this study was to question the facts and characteristics of Florianópolis and the state of Santa Catarina exposed by the press as the unique and true ones. Understand the reality under a critical bias, in deepen way is a necessity to analyze and to question the effectiveness of today's society model, so that effective answers can be constructed, it's a requisite coming from professionals that deal with contradictory and conflicting subjects such as the social workers. The more the social worker knows the social reality, the greater will be his or her capacity to act towards the demands, causing problems for them.

Keywords: headline – migration – tourism – quality of life

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição das Notícias por Meses.....	36
Tabela 2: Distribuição das Notícias por Seção.....	37
Tabela 3: Atendimentos do Programa NAF – Rodoviário de 2007.....	48
Tabela 4: População Residente do Aglomerado Urbano de Florianópolis, 1970 a 2000.....	57
Tabela 5: Motivo da Migração para Florianópolis.....	59

LISTA DE SIGLAS

ALCA	Área de Livre Comércio das Américas
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento BID
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento Mundial
CECCA	Centro de Estudos, Cultura e Cidadania
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina
CRAS	Centros de Referência de Assistência Social
DC	Diário Catarinense
FMI	Fundo Monetário Internacional
FHC	Fernando Henrique Cardoso
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPUF	Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome
NAF – R	Núcleo de Apoio à Família – Rodoviário
OMT	Organização Mundial do Turismo
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
RBS	Rede Brasil Sul
SUAS	Sistema Único da Assistência Social
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PANORAMA HISTÓRICO CONJUNTURAL E A NOTÍCIA.....	14
1.1 O CONTEXTO DA MIGRAÇÃO: NEOLIBERALISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO.....	14
1.2 A POLÍTICA SOCIAL NO GOVERNO FHC E GOVERNO LULA.....	20
1.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NOTÍCIA.....	28
1.4 SOBRE O DIÁRIO CATARINENSE.....	32
2 DO TURISMO À MIGRAÇÃO.....	39
2.1 ATIVIDADE TURÍSTICA COMO “VOCAÇÃO” DE FLORIANÓPOLIS.....	39
2.2 O FENÔMENO MIGRATÓRIO E A PROCURA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA.....	53
2.2.1 O povoamento em Florianópolis.....	53
2.2.2 O fenômeno migratório para Florianópolis.....	56
3 A IDEOLOGIA DA QUALIDADE DE VIDA.....	65
3.1 A IDEOLOGIA E A NOTÍCIA.....	65
3.2 QUALIDADE DE VIDA: EXPRESSÃO PRESENTE NO DISCURSO DO JORNAL.	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE.....	96
Apêndice A - Levantamento Geral das Notícias do Jornal Diário Catarinense (1997-2006)	97
ANEXO.....	149
Anexo A - Capa do Jornal Diário Catarinense	150

INTRODUÇÃO

Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, conhecida por suas belezas naturais, além de receber inúmeros turistas, vem ao longo de décadas sofrendo um aumento considerável de sua população através do fluxo migratório.

A imagem criada de Florianópolis, tanto para os turistas quanto para os migrantes, veiculada principalmente pela mídia, é a de uma capital sem muitos problemas, “Ilha da Magia”, onde prevalece a idéia de cidade do lazer e das oportunidades. Porém, o município de Florianópolis apresenta ao longo dos últimos anos um processo de urbanização e aumento da população, o que vem causando impactos visíveis no campo social e ambiental.

O interesse em pesquisar a temática de como a mídia escrita aborda a questão da migração para Florianópolis partiu do estágio curricular obrigatório realizado no período de setembro/2006 a fevereiro/2007 no Núcleo de Apoio à Família – Rodoviário (NAF – R) vinculado à Secretaria da Criança, Adolescente, Idoso, Família e Desenvolvimento Social, que pertence à Prefeitura Municipal de Florianópolis.

O NAF – R tem como objetivo principal acolher e atender às famílias migrantes que se encontram em situação de vulnerabilidade social e econômica, através de apoio, orientação e encaminhamentos para programas da rede social, bem como recambiamento para a cidade de origem.

O Serviço Social no NAF – R desenvolve atividades de orientação, encaminhamento e acompanhamento acerca dos serviços sociais; articula e tece uma rede entre Conselhos, Sociedade Civil Organizada, Municípios, Estados e Programas e Projetos de âmbito municipal, que visa a troca de informações de atendimento ao migrante e possibilita a construção conjunta de ações que promovem soluções de problemas, bem como recambiam usuários adultos em situação de rua para suas cidades de origem e/ou a reintegração familiar.

Durante o estágio curricular obrigatório, foi possível perceber a necessidade de políticas públicas mais efetivas voltadas à população subalternizada em Florianópolis; os migrantes que chegam à capital procurando melhores condições de vida deparam-se com um município, assim como em outras capitais do país, com desigualdade social, crescente violência urbana, com carência de recursos e com serviços públicos que não atendem esta demanda.

Os migrantes, usuários do NAF – R, buscam em Florianópolis oportunidades que não obtinham na cidade de origem. Existem diversos fatores de repulsão na cidade de origem e atração pela imagem divulgada da capital. Esta população, muitas vezes proveniente da área rural, é atraída para o centro urbanizado pela oportunidade de emprego e também por uma questão de sobrevivência.

A grande maioria dos usuários do NAF – R são homens que têm entre 18 e 28 anos, não possuem qualificação profissional e chegam à capital com o objetivo de trabalhar. Porém, ou estes usuários se inserem no mercado informal de trabalho, ou não conseguem permanecer na cidade devido ao alto custo de vida, por este motivo, decidem retornar para a cidade de origem, sem maiores expectativas.

Este processo migratório coloca grandes desafios para as administrações locais, demandando intervenções urgentes que focalizam os problemas urbanos de forma integral.

O contato direto com famílias pobres, usuárias do NAF – R, contribuiu para o surgimento de questões instigantes. Por que tantas famílias deixam suas cidades e migram para a capital? O que faz com que estas famílias acreditem que em Florianópolis há melhores oportunidades de emprego?

Pensar na mídia como detentora de poder, como meio de comunicação de massa que poderia veicular notícias sobre a capital que não fossem condizentes com a realidade, trouxe para nós o interesse de questionar a relação da mídia com a questão da migração para Florianópolis. Analisar em particular a mídia escrita tem o intuito de desmistificar a idéia de que notícia é pura e verdadeira, já que existem por detrás significados que não são transparentes.

Segundo Marcondes Filho (1986), a possibilidade da notícia de possuir a verdade é falsa e tende ao discurso dogmático; a objetividade é impossível. A notícia conduz a despolitização do real: é a apresentação dos fatos como algo unívoco, sem contradições.

A migração para Florianópolis ocorre por diversos fatores, porém vamos analisar pelo viés da mídia escrita, que exalta a imagem da capital, fazendo com que as pessoas migrem para Florianópolis com o objetivo de viverem melhor. A questão da migração em si é muito mais complexa e está relacionada ao frágil sistema em que estamos inseridos.

A mídia escrita exerce importante função no processo de formação ideológica, o que não é diferente das notícias que abordam o município de Florianópolis. A imagem divulgada da cidade não reflete sua realidade. A consequência disto é que inúmeras pessoas migram para a capital com a esperança de viverem melhor e com mais dignidade do que na cidade de origem.

De acordo com Marcondes Filho (1986, p. 39):

O tratamento que sofre a notícia antes de chegar ao receptor é o principal modo de se operar a chamada “manipulação” jornalística. Entre a ocorrência de um fato social relevante, o acontecimento “objetivo” e sua apresentação ao público surgem diversas formas de intervenção que alteram sensivelmente o caráter e, principalmente, o efeito dessas notícias. É nessa altura que se opera a adaptação ideológica, a estruturação da informação com fins de valorização e de interesse de classe.

A mídia não representa a realidade tal como ela é. Qual é a necessidade concreta? Qual a real contradição? Quais relações estão por trás? É necessário ultrapassar a condição genérica para decifrar aspectos intrínsecos da realidade.

Analisar a realidade desta população migrante e como a mídia escrita aborda a questão da migração é de extrema importância para compreendermos o meio em que estamos inseridos, situando a particularidade desta realidade. Analisar e compreender a realidade social é um passo importante para a construção de respostas para problemas que permeiam o cotidiano de grande parcela da população.

É neste enfoque que analisamos a abordagem da mídia escrita sobre a questão da migração para Florianópolis. Os objetivos específicos de nossa investigação são: refletir sobre a realidade dos migrantes “pobres” que se deslocam para Florianópolis à procura de melhores condições de vida; compreender a influência da mídia escrita no processo de formação ideológica dos migrantes da classe subalterna; identificar o perfil da classe subalterna que migra para Florianópolis e, identificar e analisar as notícias veiculadas sobre a *vocação turística* e a *qualidade de vida* em Florianópolis.

É importante ressaltar, segundo Yazbek (2004), que subalternidade diz respeito à ausência de protagonismo, de poder, expressando a dominação e a exploração. A subalternidade se expressa em um diverso conjunto de perspectivas, pluralidade que configura um amplo leque de desigualdades, injustiças e opressões.

As concepções que nos apoiamos para a realização desta pesquisa são: (1) o discurso do jornal que exalta a *qualidade de vida*, a *vocação turística* e as oportunidades de Florianópolis, não condiz com a realidade concreta e leva à migração de pessoas de outros Estados, bem como do Estado de Santa Catarina, (2) a migração para Florianópolis nos últimos anos vem causando um crescimento desorganizado, aumento da violência urbana e crescimento do processo de favelização, (3) a mídia na sociedade atual tem uma postura efetiva no que se refere à construção do processo ideológico, mesmo que de forma indireta.

A metodologia para a análise da abordagem da mídia escrita sobre o fenômeno migratório para Florianópolis ocorreu através de uma pesquisa documental, que segundo Richardson (1985, p. 182):

Em termos gerais, a análise documental consiste em uma série de operações que visem estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionados. Os documentos constituem a base da observação documental. Esta pode ser definida como a observação que tem como objeto não os fenômenos sociais, quando e como se produzem, mas as manifestações que registram estes fenômenos e as idéias elaboradas a partir deles.

Após ter definido o tipo de pesquisa, recorremos à Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, porém esta só tem disponível para consulta os jornais de 2007, os demais não são arquivados. Após, partimos para a Biblioteca Pública de Florianópolis, que não possuía um arquivo completo do período delimitado nesta pesquisa. Por fim, nos dirigimos ao arquivo do jornal *Diário Catarinense* (DC).

A possibilidade de acesso é o que garantiu a viabilidade da pesquisa, o arquivo da própria sede do jornal *Diário Catarinense* é o que possui melhor sistematicidade e um acervo organizado com a possibilidade de consulta. Por esta razão e por ser o jornal de maior circulação no Estado é que o elegemos para a realização desta investigação.

O período delimitado para a pesquisa foi de 1997 a 2006, período recente, pois existe a necessidade de pesquisar a realidade social dos migrantes através de fenômenos atuais. Dentre este período, selecionamos uma amostra para que a pesquisa pudesse se concretizar.

Elegemos a seguinte amostra para a realização da coleta de dados: 1997 e 1998; 2002 e 2003; 2005 e 2006, de acordo com os momentos históricos nos quais o país estava inserido. Em 1997 e 1998, o Presidente do país era Fernando Henrique Cardoso (FHC), que estava nos anos finais do seu primeiro mandato; os anos de 2002 e 2003 foram os da transição do governo de Fernando Henrique Cardoso para o governo de Luís Inácio Lula da Silva, já 2005 e 2006, foram os dois últimos anos do primeiro mandato do governo Lula. Selecionamos estes períodos com o intuito de analisar o movimento da realidade e as tendências do jornal.

Realizamos um levantamento exploratório; a princípio foram selecionadas as notícias referentes à migração para Florianópolis, as notícias que dão ênfase à *qualidade de vida* da capital, que enfatizam as oportunidades, principalmente de trabalho, que supervalorizam a capital, bem como aquelas que envolvem a migração dos segmentos subalternizados. Na seleção destas notícias despontaram àquelas relativas à *vocação turística* de Florianópolis.

A organização deste trabalho foi realizada da seguinte maneira: no primeiro momento, fizemos a pesquisa empírica no *Diário Catarinense* e categorizamos o que foi levantado nesta investigação. Destacamos alguns tópicos, em um quadro, que foram levantados em cada notícia, tais como: livro, data, dia da semana, seção, página, título e observação. Este quadro pode ser verificado como Apêndice deste trabalho. Em um segundo momento, a partir do que foi levantado na pesquisa no jornal, estabelecemos o que iríamos abordar nos capítulos deste trabalho, e por fim procuramos analisar o discurso do jornal e a realidade concreta seguindo o método dialético.

De acordo com Gil (1994, p. 162),

Os documentos de comunicação de massa, tais como jornais, revistas, fitas de cinema, programas de rádio e televisão, constituem importantes fontes de dados para a pesquisa social. Possibilitam ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, realizamos uma análise de conjuntura do período de 1997 a 2006, levantando os aspectos nacionais e locais de maior evidência e fazendo uma relação com o fenômeno migratório, tendo como foco o mundo do trabalho e suas conseqüências. Neste capítulo, procuramos abordar a notícia na imprensa, focando na mídia escrita e no *Diário Catarinense*.

No segundo capítulo, temos como eixos de análise o turismo e a migração. Buscamos apreender como se dá essa relação na mídia escrita. A questão do turismo foi levantada após a realização da pesquisa no jornal, isto porque, ficou claro como o jornal supervaloriza a *vocação turística* de Florianópolis. Neste capítulo, pretendemos expor o perfil dos usuários do NAF – R e analisar as notícias veiculadas pelo *Diário Catarinense* que enfocam o turismo e a migração.

No terceiro capítulo, realizamos uma discussão acerca da ideologia e da *qualidade de vida*. O discurso da mídia escrita fornece importantes subsídios para o processo de formação ideológica acerca da questão da *qualidade de vida*. Esta *qualidade* que o jornal veicula sobre Florianópolis é para quem? É usufruída por todos? Questionamos esta supervalorização da capital e do estado de Santa Catarina feita pela mídia, pois Florianópolis apresenta inúmeras contradições e uma desigualdade social acentuada, que pouco recebe enfoque da mídia local.

1 PANORAMA HISTÓRICO CONJUNTURAL E A NOTÍCIA

Pretende-se, neste capítulo, realizar uma análise de conjuntura do período de 1997 a 2006, situando historicamente este trabalho que tem como objetivo analisar a abordagem da mídia escrita sobre o fenômeno migratório para Florianópolis. A notícia na imprensa também será abordada neste capítulo.

A notícia não pode ser entendida separadamente do contexto histórico da qual está relacionada. Neste presente capítulo, buscamos melhor compreender a relação entre a notícia e o período analisado. No decorrer da pesquisa, foram levantados aspectos importantes que possuem uma estreita ligação com a questão da migração para Florianópolis. Estes aspectos foram analisados através da mídia escrita, neste caso, mediado pelo jornal *Diário Catarinense*.

1.1 O CONTEXTO DA MIGRAÇÃO: NEOLIBERALISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Faz-se necessário destacar a expansão do modo de produção capitalista, principalmente o desenvolvimento do capitalismo do pós-guerra (1945), algumas conseqüências e transformações, permitindo uma melhor compreensão do panorama histórico atual. O fio condutor deste trabalho é uma reflexão sobre a abordagem da mídia escrita sobre a questão da migração para Florianópolis, e para isto, iniciamos por uma análise da conjuntura histórica referente à nossa pesquisa.

Segundo Iamamoto (1999), a partir de década de 40, a economia capitalista obteve uma ampla expansão sob a liderança do capital industrial. O Estado buscava ampliar mercados e preservar um certo poder aquisitivo da população, com o objetivo de dinamizar a economia. Criou-se uma política voltada para impulsionar a expansão do emprego, mantendo o padrão salarial, a teoria keynesiana.¹

Na perspectiva keynesiana, a política social teria função econômica de incentivar o consumo com salários indiretos, que subsidiariam o ingresso da classe subalternizada no

¹ John Maynard Keynes comandou a revolução teórica que tornou possível a regulação estatal da conjuntura, sobretudo no período posterior à Segunda Guerra Mundial. As proposições essenciais desta teoria podem ser sintetizadas na relação entre nível de produção e de emprego, de um lado, e demanda efetiva, de outro. (SINGER, 1987).

mercado de trabalho. Esse padrão de desenvolvimento possibilitou o avanço de certas conquistas no campo do bem-estar-social.

Em meados da década de 70, há claros sinais de estagnação da economia mundial. Começa a se instalar a primeira crise do capitalismo internacional, frente a não conversão do dólar em ouro, a consequência é que o dólar não poderia ser mantido no mesmo patamar anterior. (IAMAMOTO, 1999).

Com o desmonte do Leste Europeu, abriu-se espaço para que os Estados Unidos buscassem impor ao mundo uma nova ordem. O fortalecimento do poder dos Estados Unidos, o surgimento do neoliberalismo, segundo o qual o poder de intervenção do Estado na economia deve ser muito limitado, a globalização da economia², entre outros fatores, contribuíram para o reordenamento da ordem econômica mundial.

O movimento de ajuste global, como resposta à crise do capitalismo, articulou-se com políticas macroeconômicas voltadas a um amplo processo de reordenamento em âmbito internacional, a partir de dois movimentos: a reestruturação produtiva, fundada na reorganização do mundo do trabalho e das forças produtivas e as alterações no âmbito do Estado, através do questionamento do seu papel regulador e interventor, o que originou uma ampla e profunda revisão de suas funções, com medidas de cunho administrativo, econômico e ideológico. (SIMIONATTO, 2004).

Segundo Duarte (2005), a crise deflagrada nos anos 70 vai instaurar um terreno fértil para a difusão da ideologia neoliberal. O ideário neoliberal surgiu no pós-guerra (1945) e combatia, principalmente, a intervenção estatal na economia e os gastos com o Estado de bem-estar-social. Com a eleição de Thatcher na Inglaterra, em 1979, e de Reagan nos Estados Unidos, em 1980, deu-se início a implementação do receituário neoliberal.

De acordo com Iamamoto (1999, p. 117):

O projeto neoliberal surge como uma reação ao Estado de Bem-Estar-Social, contra a socialdemocracia. Com a crise dos anos 70, as idéias neoliberais são assumidas como a grande saída, preconizando a desarticulação do poder dos sindicatos, como condição de possibilitar o rebaixamento salarial, aumentar a competitividade dos trabalhadores e impor a política de ajuste monetário. Essas medidas têm por fim atingir o poder dos sindicatos, tornar possível a ampliação da taxa natural de desemprego, implantar uma política de estabilidade monetária e uma reforma fiscal que reduza os impostos sobre as altas rendas e favoreça a

² A globalização do capital implica na integração dos mercados financeiros mundiais organizados em blocos econômicos, baseia-se no surgimento das empresas transnacionais, provocando a fragmentação do processo de produção; na flexibilização da produção; na precarização do trabalho; no desemprego estrutural e na desregulamentação das relações de trabalho. (DUARTE, 2005).

elevação das taxas de juros, preservando os rendimentos do capital financeiro.

Duarte (2005) enfatiza que o neoliberalismo se difundiu na América Latina no final da década de 80. No Brasil, o neoliberalismo começou a ser implementado a partir da década de 90, na gestão Collor, mas a efetivação das medidas neoliberais vai se dar com o Plano Real no final do governo Itamar Franco e, principalmente, na gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

O Brasil e os demais países periféricos se ajustaram à economia globalizada, seguindo as orientações dos centros hegemônicos representados pelas instituições financeiras, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento Mundial (BIRD) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Essas instituições reuniram-se em novembro de 1989, em Washington, e traçaram diretrizes tais como: estabilização, reformas de Estado e retomada de investimentos estrangeiros. Essa reunião ficou conhecida como Consenso de Washington, indicando que o processo de modernização na América Latina deveria realizar-se através de reformas econômicas, em nome do equilíbrio fiscal e da competitividade global. (DUARTE, 2005).

Na década de 90, o Estado tornou-se mínimo para a área social, ampliou-se a transferência de responsabilidades para a sociedade civil no campo de prestações de serviços sociais. Além das relações Estado/sociedade transformarem-se, as organizações da sociedade civil passaram a ter maior visibilidade e representar um papel mais efetivo na sociedade, ocupando campos diversos.

Para Emir Sader (1999), o caráter mínimo do Estado só está presente na deteriorização das políticas sociais, no caráter de maiores geradores de desempregos que esses Estados assumem, no enfraquecimento generalizado da educação pública, da saúde pública, etc. O autor fala da existência de um Estado mini-max: máximo para o capital, mínimo para o trabalho.

Com o neoliberalismo, a população que vive em países de Terceiro Mundo passa a estar sujeita ao mercado e ao capital de forma mais desigual que a população que vive nos demais países. No caso do Brasil, há uma centralidade da matriz econômica em detrimento da matriz social, existe uma dependência do capital externo, o que gera pressões de todas as ordens. Aumentando o fosso que separa o bem-estar dos ricos do Norte e a miséria dos pobres do Sul.

Segundo Iamamoto (1999), com o neoliberalismo busca-se uma flexibilidade no processo de trabalho, em contrapartida à rigidez da linha de produção em massa e em série: uma flexibilidade do mercado de trabalho que vem acompanhada da desregulamentação dos direitos do trabalho, de estratégias de informalização da contratação dos trabalhadores.

A autora enfatiza que a classe trabalhadora sofre conseqüências drásticas com o processo de desregulação econômica e reestruturação produtiva, como a não garantia de direitos e a perda de benefícios. Com a diminuição gradativa dos direitos trabalhistas, é ampliada uma rede extensa de serviços e comércios informais, aumenta o número de subempregados e desempregados. (IAMAMOTO, 1999).

No Brasil, o desemprego tem um caráter estrutural, os traços históricos de desigualdades de nossa formação social influenciam as relações de trabalho nos dias atuais. É um traço histórico que persiste e avança com o neoliberalismo.

As empresas tornam-se menores, o que tende, cada vez mais, a precarizar as relações de trabalho. Os salários diminuem, os contratos passam a ser temporários, há intensificação no ritmo de trabalho, subemprego, desemprego e os direitos conquistados no pós-guerra são afetados.

O trabalho precarizado tem sido uma saída para milhares de trabalhadores que buscam alternativas para garantir seu sustento e de sua família. Estes quando passam a trabalhar no setor informal, geralmente o fazem sem conhecer os riscos desta atividade.

Há uma ampla expulsão da população trabalhadora de seus campos de trabalho, a tendência é que o mundo do trabalho passe a exigir cada vez mais pessoas altamente qualificadas. O trabalhador passa a ser exigido com capacidades e conhecimentos necessários para mobilizar competências no desempenho de ações.

A procura por trabalho, por melhores condições de vida, é uma das causas do fenômeno migratório. Segmentos da população deixam a cidade de origem, por diversos motivos, com o objetivo de trabalhar e com isso viverem de forma mais digna. As migrações somam-se aos processos de instabilidade e de falta do emprego urbano.

Neste trabalho daremos ênfase às migrações internas. Até a década de 1930, a maioria da população brasileira trabalhava nas áreas rurais, porém com a crise econômica mundial, aumentou o fluxo migratório em direção às cidades.

Desta maneira, de acordo com Lisboa (1993), até meados da década de 50, Florianópolis foi uma cidade pequena, com precária infra-estrutura e apenas alguns balneários. Durante os anos 60 e 70, como capital do Estado, a cidade expandiu o setor terciário, principalmente as repartições públicas. A partir dos anos 70, houve um aumento

significativo de empreendimentos imobiliários, estas obras criaram muitos empregos e atraíram muitas pessoas para a capital. A mobilidade interna que ocorreu entre as décadas de 80 e 90, com as transferências intermunicipais e inter-regionais, superou a casa dos 70%, indicando uma migração direta das áreas rurais para as cidades industrializadas ou com maior oferta de serviços.

Porém, nem sempre os centros urbanos conseguem absorver a chegada dos migrantes na cidade. Estes acabam se deparando com a falta de moradia, de trabalho, de alimentação, de qualificação, direcionando-se para o mercado informal de trabalho, ou aumentando o índice de desemprego.

Através do estágio curricular obrigatório realizado no NAF – R, programa da Prefeitura Municipal de Florianópolis, foi possível perceber que os migrantes, usuários do programa, vieram para Florianópolis à procura de emprego e de melhores condições de vida. Uma parte significativa dos usuários atendidos está em situação de rua. A grande maioria são homens de 18 a 28 anos de idade, do oeste catarinense, bem como do Paraná e do Rio Grande do Sul. Estes usuários afirmam que ao chegar na cidade se deparam com uma situação diferente da esperada. Muitos conseguem apenas empregos temporários ou ficam desempregados. Permanecem cerca de um mês na capital e quando decidem voltar para a cidade de origem, estão sem dinheiro para a passagem de volta. Ficam então, submetidos a programas sociais oferecidos pelo poder municipal. Porém, não há políticas sociais para acolher esta população fragilizada em diversos aspectos.

Segundo Iamamoto (1999), segmentos cada vez maiores da população tornam-se sobrantes, estoques de força de trabalho descartáveis para o mercado de trabalho. Atingindo amplos segmentos da população, cuja força de trabalho não tem preço, porque não tem mais lugar no mercado de trabalho. Porém, os usuários do NAF – R não fazem parte desta população sobrante, a maioria não possui nenhuma qualificação, encontram-se em situação de rua, vivendo de forma miserável. A condição em que vivem é tão deplorável que estes estão à margem desta linha da população sobrante, Fernandes (1989) afirma que são os “desenraizados”. A sociedade capitalista precisa fabricar milhões de desenraizados como uma necessidade social para a reprodução da ordem existente. É vantajoso para aqueles que dominam se aproveitarem da “ignorância” e aparente apatia da classe subalterna, desta maneira continuam impondo um modelo societário.

Grazia (2007) aborda esta questão colocando que com o advento do chamado desemprego estrutural, o antigo e sempre imprescindível exército de reserva não mais admite a mesma rotatividade, nem flutua apenas ao sabor de fatores conjunturais. Com o fechamento

crescente e definitivo de postos de trabalho, uma grande parcela da população tende a permanecer indefinidamente fora do mercado. Essas pessoas nem mais constam nas estatísticas de desemprego.

A questão da migração da população que busca melhores condições de vida é também abordada pela mídia escrita local, já que Florianópolis recebe cotidianamente um grande número de migrantes, o jornal *Diário Catarinense* se refere a este assunto:

Migrações

Prefeitos das principais cidades do Estado, além da preocupação diária com a falta de dinheiro em caixa, enfrentam agora uma verdadeira bomba-relógio social: as migrações internas, que estão multiplicando bolsões de miséria e marginalidade nas periferias, e acelerando as invasões de áreas públicas e particulares. Levantamento realizado em Florianópolis constatou que cerca de 12% da população sobrevive na faixa cinzenta entre a pobreza e a miséria. Destas, 90% são migrantes, que vieram do interior e de outros Estados (DIÁRIO CATARINENSE: 06.10.1997, p. 3).

Esta notícia encontra-se na seção *Visor*, parte em que o jornal expressa sua própria opinião. Nesta matéria, a migração é sentida como um fato negativo, como mais uma preocupação. A migração interna é aqui abordada como uma situação a ser enfrentada, como a real causa da pobreza em Florianópolis. Porém, por diversas vezes, como veremos neste trabalho, este mesmo jornal exalta a imagem da capital, o que pode acarretar um maior número de migrantes. O que interessa é a migração da população com maior poder aquisitivo e não este tipo de migração que a notícia acima enfatiza.

Em outra matéria, a migração para o Estado é relacionada de acordo com o potencial que Santa Catarina possui:

Migração provoca a explosão demográfica

Depois de consolidado o crescimento industrial de Santa Catarina, o Estado experimenta a explosão demográfica nos grandes centros. O desenvolvimento turístico do Estado é acelerado a partir de 1980. Com a intensificação da migração de paulistas, gaúchos, paranaenses e até mesmo de países vizinhos, principalmente para as cidades litorâneas, em busca de oportunidades de emprego e de qualidade de vida, surgem novos negócios e empreendimentos. Ainda que os investimentos no setor turístico ainda sejam insuficientes diante do potencial do Estado, a demanda pelas praias catarinenses, durante as temporadas de Verão, fortalece o comércio e os serviços das cidades do Litoral. Novas atividades econômicas também são alternativas para garantir a diversificação econômica (DIÁRIO CATARINENSE: 07.08.2005, p. 4).

O jornal demonstra que a migração para o Estado ocorre devido ao potencial de cada região, no caso de Florianópolis as praias fortalecem as atividades econômicas. A *vocação turística* de Florianópolis, bastante colocada pelo *Diário Catarinense*, é uma das causas da migração, pois através do turismo muitos empregos são gerados. Este enfoque será abordado no segundo capítulo deste trabalho.

Com o intuito de aprofundar a análise do contexto histórico em que a pesquisa está inserida, foi necessário realizar uma análise de conjuntura dos governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e Luís Inácio Lula da Silva. Cabe esclarecer que o presente estudo estabelece uma relação direta da mídia escrita, e conseqüentemente da notícia com o período histórico em que a pesquisa se destinou.

1.2 A POLÍTICA SOCIAL NO GOVERNO FHC E GOVERNO LULA

A análise da abordagem da mídia escrita sobre a migração para Florianópolis no período de 1997 a 2006 considerou os seguintes anos como amostra: 1997 e 1998, 2002 e 2003, 2005 e 2006. Nestes períodos, o país foi governado respectivamente por Fernando Henrique Cardoso e por Luís Inácio Lula da Silva, atualmente em seu segundo mandato.

Fernando Henrique Cardoso governou o país de 1995 a 2002, por dois mandatos, seguindo os ideais neoliberais. O Brasil, desde o governo Collor, está subordinado aos ditames do capital financeiro internacional. O governo FHC levou esta política ao extremo, cedendo às pressões externas, desestruturou o Estado brasileiro através da desregulamentação da economia, privatização das empresas estatais, precarização das relações de trabalho, priorizando o mercado e descartando as políticas sociais.

A partir de 1994, FHC, como Ministro da Fazenda do Governo Itamar Franco, deu início ao plano de estabilização que ficou conhecido como “Plano Real”. O Plano Real consistiu em uma combinação de abertura comercial e liberalização financeira, utilizando o recurso às importações baratas como elemento de força contra eventuais pressões inflacionárias internas nos setores de bens comercializáveis internacionalmente. (LESBAUPIN; MINEIRO, 2003, p. 13, 14).

Segundo Luiz Antônio Filgueiras (2000), o Plano Real se constituiu, antes de tudo, num produto econômico, político e ideológico da confluência, em escala mundial, de três fenômenos que marcaram o desenvolvimento do capitalismo nas duas últimas décadas desse século: a hegemonia da doutrina e das políticas liberais, a difusão do processo de

reestruturação produtiva a partir dos países capitalistas centrais e a reafirmação do capitalismo enquanto um sistema de produção globalizado.

Inicialmente, esse plano de estabilização econômica, a partir do final de 1993, foi denominado “Plano FHC”, como uma homenagem ao então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e a partir de julho de 1994, foi rebatizado como “Plano Real”. Esse Plano, por um determinado período, conseguiu manter a inflação em níveis baixos, o que contribuiu para a campanha eleitoral de FHC para a Presidência de 1995. O Real forte e a inflação baixa garantiram uma forte base social de apoio às políticas neoliberais nos quatro anos do primeiro mandato de FHC. (FILGUEIRAS, 2000).

Para Filgueiras (2000), num primeiro momento, o Plano Real aumentou o emprego e os rendimentos reais dos trabalhadores de menor poder aquisitivo, com a melhoria conjuntural do consumo das camadas da população de mais baixa renda. No entanto, num segundo momento, acarretou o aumento do desemprego, que atingiu níveis inéditos na história do país.

Desde o primeiro mandato, o governo FHC operou no sentido da desregulamentação do mercado de trabalho, tendo como base a perspectiva neoliberal. Lesbaupin e Mineiro (2003, p. 19) afirmam:

Em um sentido geral, o mercado de trabalho tornou-se mais informal ao longo do período que se inicia em 1994, significando uma redução percentual dos trabalhadores com carteira assinada no mercado de trabalho, o que significa impactos negativos não apenas do ponto de vista da abrangência da garantia de direitos trabalhistas, mas também do ponto de vista do financiamento da Previdência Social, para o qual os trabalhadores com carteira assinada contribuem automaticamente. [...] Quanto ao nível de emprego, a taxa de desemprego subiu consistentemente, a partir de meados de 1995.

Estes autores enfatizam as principais mudanças na Legislação Trabalhista a partir do Plano Real, estão entre elas: em 1996, a precarização das relações de trabalho dos funcionários públicos; em 1997, a desvinculação da correção do salário mínimo de qualquer índice de reposição da inflação; em 1998, suspensão temporária do contrato de trabalho, bem como a regulamentação da jornada parcial (com redução proporcional de salários e benefícios), entre outras.

No Governo FHC ocorreu a ampliação das privatizações. A mídia nacional utilizou argumentos para convencer a opinião pública de que as privatizações trariam benefícios, tais como: as empresas estaduais transferidas para o mercado, tornariam-se mais competentes, e a

privatização era necessária para reduzir a dívida pública. Desta maneira, o Estado deixaria de desperdiçar com estas empresas, passando a interferir de forma mais efetiva em outras áreas, como saúde, educação e habitação.

Em suma: em razão dos investimentos, das dívidas e dos pagamentos assumidos, a venda das estatais não abateu a dívida pública. Somando-se os recursos empregados antes e os utilizados pelo BNDES, até abril de 1999 a conta era negativa: o governo havia recebido R\$ 85,2 bilhões e empregado R\$ 87 bilhões. E na carta de intenções que o ministro Pedro Malan entregou ao FMI em 1998, ele admite que o governo não conta mais com os lucros que as estatais davam. A inutilidade da privatização para a redução do déficit público se confirma quando se olham os valores das dívidas: tanto a dívida externa como a dívida interna cresceram assustadoramente. Um dos argumentos que justificavam a privatização – reduzir o déficit público –, portanto, não se confirmou. (BIONDI apud LESBAUPIN; MINEIRO, 2003, p. 30 e 31).

É possível afirmar que a área que obteve menos enfoque durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso foi a área social, foi o setor que mais sofreu com cortes. Defendeu-se a estabilidade da moeda, mas para que esta meta pudesse ser alcançada, houve um crescimento considerável do desemprego, com constante corte de verbas para a saúde, a educação, o saneamento básico, a habitação popular, o meio ambiente e a segurança pública. A classe subalternizada foi quem mais sofreu com o aprofundamento dos problemas econômicos e sociais do país.

A implementação do neoliberalismo passou a beneficiar apenas uma pequena elite. A imensa maioria da população brasileira fica à margem dos benefícios gerados pelo sistema econômico. Esta população vem perdendo ao longo dos anos direitos que foram garantidos, participa de uma luta diária pela sobrevivência, pois depende do trabalho para seu sustento e não está qualificada para se inserir no mercado de trabalho. É um ciclo repleto de contradições e injustiças.

A saúde é uma das mais importantes políticas sociais e a que mais foi afetada pela política neoliberal de FHC. A reforma do setor saúde seguiu a proposta do Banco Mundial, que subordina os princípios de equidade aos de eficiência, efetividade e economia nos gastos públicos. Nesta perspectiva, a saúde não é vista como um direito, ao qual todos devem ter acesso gratuitamente. A redução do investimento na área da saúde e o incentivo à formação de planos e seguros de saúde seguiram esta perspectiva. Na ótica neoliberal, a saída para uma suposta crise na área da saúde também seria a privatização. (LESBAUPIN; MINEIRO, 2003).

O governo FHC promoveu um desmonte da área social. A desigualdade social aumentou de forma significativa durante os seus mandatos, o Brasil passou a ser um país mais injusto e desigual. A intensificação da pobreza e da miséria e a redução das perspectivas de melhoria de vida para maior parte da população tiveram como consequência o aumento da violência.

Porém, apesar de todas essas questões, a moeda forte e a inflação baixa elegeram duas vezes o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Os compromissos que foram assumidos com o FMI fizeram com que a classe subalterna fosse a maior prejudicada neste contexto, já que houve um acirramento da desigualdade social. (FILGUEIRAS, 2000).

De acordo com Filgueiras (2000), a desvalorização do real, ocorrida em janeiro de 1999, logo após as eleições presidenciais, acabou com o mito da moeda forte e deixou no povo brasileiro, um sentimento de estelionato eleitoral. Como resultado, os índices de popularidade do Presidente FHC se reduziram drasticamente. O desastre econômico que estava previsto para o ano de 1999 não ocorreu, pelo menos na proporção prognosticada. A retomada da inflação não atingiu os níveis das previsões mais pessimistas. O governo conseguiu cumprir o acordo com o FMI e manteve os preços das mercadorias sob controle. A dependência do país aumentou e a solução do governo foi continuar o processo de privatização.

De forma geral, nesse modelo, a imensa maioria da população foi afetada e passou a ter mais dificuldades no enfrentamento das questões cotidianas, pioraram as condições de emprego, houve redução dos investimentos nacionais na educação, habitação, saúde e assistência. Muitas empresas estatais foram privatizadas, piorando e encarecendo certos serviços.

No âmbito estadual, é necessário destacar que em 1995 foi eleito Governador do Estado, Paulo Afonso, que governou de 1995 a 1999, elegendo como diretriz a “construção de um Estado de Qualidade”, com diversos projetos em áreas prioritárias. Porém, seu mandato foi marcado por uma tentativa de *impeachment* que não deu resultado, o que arranhou sua reputação. Foi sucedido por Esperidião Amim Helou Filho, que em 01 de janeiro de 1999 assumiu o governo do Estado, sendo esta sua segunda gestão. Fixou cinco postulados para o seu Planejamento Governamental: incluir, crescer, preservar, parceria e bom exemplo, e governou de 1999 a 2002. No âmbito municipal, podemos destacar que em 1997, Ângela Amim foi eleita prefeita de Florianópolis e reeleita em 2001, governando de 1997 a 2004 (WIKIPEDIA, 2007).

Nas eleições para presidente de outubro de 2002, o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, venceu o candidato José Serra do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), sendo então, eleito presidente do Brasil. Existia no país um sentimento de esperança compartilhado pela população, uma maneira de romper com o que havia de conservador nos governos passados.

Luís Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência da República em janeiro de 2003, com uma extraordinária adesão popular; parecia que se iniciava uma nova era no Brasil. Segundo Freitas (2007, p. 66):

A eleição e posse de Lula para o exercício das funções de chefe de governo e de chefe de Estado inaugurou um novo ciclo na política brasileira, do ponto de vista sociológico – pela origem do presidente (retirante nordestino, vítima da seca) e por sua trajetória forjada na luta sindical contra a ditadura militar e as injustiças sociais – e também do ponto de vista político, pela coalizão político-partidária – aliança do PT com o PL (Partido Liberal) – e pela agenda programática com elevada ênfase social.

Este governo se comprometia a resgatar o caminho do crescimento, mas estando voltado para as políticas sociais, prometia mudanças, como a viabilização das reformas reclamadas pela sociedade: a reforma da Previdência, a tributária, a reforma política e da legislação trabalhista, bem como a reforma agrária.

O governo optou por estabilizar a economia, pois sua credibilidade estava ameaçada no mercado internacional. Neste sentido, deu continuidade ao modelo assumido pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Porém, a perspectiva era de uma ruptura com o modelo vigente, o que ficou difícil de ser efetuada devido à profundidade da crise em que o país se encontrava. A continuidade da política de FHC foi motivo de muitas críticas. (FREITAS, 2007).

Martins (2007, p. 36) coloca que se há continuidade entre as gestões de FHC e Lula convém, entretanto, ressaltar suas diferenças:

A gestão de Fernando Henrique Cardoso pode ser inserida dentro de um padrão tipicamente neoliberal de políticas públicas: crescimento da dívida externa, expansão acelerada da dívida pública, expressivos déficits em conta corrente, elevadas taxas de juros, privatização, desmonte dos segmentos de maior valor agregado de nossas indústrias, desregulamentação do mercado de trabalho e abertura comercial e financeira acelerada através de políticas de valorização cambial [...]. O governo Lula [...] volta-se para a contenção dos desequilíbrios macroeconômicos gerados no governo anterior e busca substituir a agenda de políticas públicas, mas condiciona o alcance de sua

implementação à liberação de excedentes econômicos a serem alcançados através de uma gestão que preserve os contratos e os mecanismos de mercado, particularmente os do setor financeiro [...]. As políticas sociais, o combate à pobreza, a recuperação do setor industrial e do desenvolvimento, ou o ativismo da política externa tornam-se objetivos condicionados às metas de estabilidade macroeconômica.

É necessário ressaltar a dificuldade em analisar o governo Lula, já que este se encontra em andamento, por esta razão, existem diferentes concepções sobre as ações do Presidente. Há divergências entre os autores que estudam esta temática. Desta maneira, a problematização deste governo e suas avaliações são de extrema importância. Torna-se complexo avaliar um governo atual, pois não há um distanciamento para que as análises sejam realizadas de forma mais aprofundada.

Freitas (2007) levanta algumas ações que representam melhorias para diferentes setores da população: a política externa tem adotado uma postura mais independente e ativa, conseguiu até o momento deter a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA); quanto à pressão dos movimentos sociais, o governo não os criminaliza, mantendo uma disposição de diálogo, onde inova face aos governos anteriores; a dívida externa foi reduzida de US\$ 210 bilhões, em 2002, para US\$ 157 bilhões, em 2006; não deixa de dar apoio significativo para agricultura familiar, o que beneficia os assentamentos; aumento real do salário mínimo, pequeno comparado com as antigas exigências do PT, porém maior do que foi concedido por FHC e tem o maior poder de compra dos últimos 24 anos.

Com relação à transferência condicionada de renda como uma estratégia de combate à fome e à pobreza, o governo federal instituiu, em outubro de 2003, o Programa Bolsa Família, que é vinculado ao Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e destinado às famílias que se encontram em situação de pobreza ou de extrema pobreza. A linha de pobreza é estabelecida a partir da renda familiar, cujo valor é de, no máximo, R\$ 120,00 per capita. (SENNA et al, 2007).

Segundo Senna (et al, 2007), em dezembro de 2003, o Programa atendia 3,6 milhões de famílias, um ano depois, passou a atender 6,5 milhões. Em dezembro de 2005, atingiu um total de 8,7 milhões, e no início de 2006, já atingia a meta de 11,1 milhões de famílias atendidas.

O Programa Bolsa Família é a principal intervenção do governo Lula no campo da política social, entretanto é um programa restrito devido aos critérios de seletividade, como a definição de uma linha de pobreza muito baixa. Deixando de atingir famílias que também se

encontram em situação de vulnerabilidade social, porém um pouco acima da linha de pobreza estabelecida. (SENNA et al, 2007).

Grazia (2007, p. 80) aborda esta questão de maneira crítica:

As polêmicas em torno da eficácia dos programas de transferência de renda são extensas [...]. Na grande imprensa, principal porta-voz da concepção neoliberal, a grande preocupação é saber se as famílias beneficiadas estão dentro das camadas definidas como as mais pobres do país. Apesar de algumas discordâncias, há um amplo consenso, o que inclui elogios do FMI, Banco Mundial, em torno do Bolsa Família como um programa de eficiente focalização. O que significa dizer que é um programa que gasta pouco porque “corretamente restrito aos mais” miseráveis dentro do universo dos extratos já situados na extrema pobreza. Mesmo assim não são raras as reclamações contra o aumento desse tipo de gastos.

As críticas daqueles que seguem a concepção neoliberal passam a ser freqüentes quando o governo aumenta o repasse de verbas para a área social. A mídia afirma, por vezes de forma indireta, que o aumento desses gastos representaria uma ameaça à estabilidade e ao crescimento do país. A preocupação primordial é com a economia de recursos, economia dos gastos sociais.

Compreende-se que esses programas de transferência de renda são seletivos, pois substituem a política de direitos universais por uma concepção focalista, a idéia de renda mínima para os mais miseráveis. Este modelo de programa é fruto de um Estado que é cada vez mais mínimo para a área social e não atende as necessidades sociais da população.

É um Programa necessário, pois devido ao seu caráter emergencial atende situações urgentes. O ideal seria que além de atender de forma emergencial fosse complementado com ações de políticas para o incentivo ao crescimento econômico, com políticas voltadas para a criação de empregos. Este tipo de programa só teria uma atuação efetiva se oportunizasse condições para que as famílias que recebem este benefício pudessem ter reais soluções para as suas necessidades.

O governo Lula realizou significativas mudanças em algumas áreas, porém estão longe de serem suficientes. Freitas (2007) ressalta que em 2000 o orçamento para a saúde era de R\$ 17 bilhões e, em 2006, chega a R\$ 40 bilhões. De 1998 a 2002, durante o governo FHC, o Piso de Atenção Básica, repassado diretamente para todos os municípios brasileiros, ficou congelado em R\$ 10 per capita. De 2003 a 2004, passou a R\$ 15 per capita, ou seja, um aumento de 50%.

Em julho de 2005, foi publicada a Norma Operacional Básica, formando as bases para a implantação do Sistema Único da Assistência Social (SUAS). O Sistema Único integra “uma política pactuada nacionalmente, que prevê uma organização participativa e descentralizada da assistência social, com ações voltadas para o fortalecimento da família” (FREITAS, 2007, p.72). O Presidente Luís Inácio Lula da Silva no seu Plano de Governo para o segundo mandato assume o compromisso de consolidar o SUAS por meio dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS).

Há muitos equívocos no governo Lula, há muito que fazer e o que mudar para que no país a desigualdade social diminua de forma significativa. Para Paiva:

Por fim, cabe ressaltar que o governo Lula de fato realizou modificações importantes, sobretudo quando comparado aos feitos desastrosos do Governo anterior. Porém, isto não elide o fato de que a timidez e o continuísmo no conteúdo, na forma e no alcance das políticas sociais em nada asseguram qualquer alteração na composição das estruturas de poder político e econômico, imprescindíveis à recomposição das estruturas públicas de proteção social, com clareza de propósitos universalistas, para além dos alegados problemas de caixa. (PAIVA, 2006, p. 6).

Faz-se necessário trazer algumas questões gerais do âmbito Estadual e Municipal deste período do governo de Luís Inácio Lula da Silva. Em 2003, Luís Henrique da Silveira foi eleito governador do Estado, tendo como plano de governo a descentralização para que o governo estivesse presente em todo o território catarinense, promovendo a redistribuição de funções, com o intuito de substituir funções centralizadas por regionalizadas. Criaram-se secretarias e conselhos de desenvolvimento regional, ato muitas vezes criticado devido à possibilidade de criação de cargos comissionados (WIKIPEDIA, 2007).

Em 2006, Luís Henrique da Silveira foi reeleito, derrotando o então candidato Esperidião Amim, no primeiro turno, com 52,7% dos votos válidos, foi o único governador reeleito da história de Santa Catarina.

Em 2005, Ângela Amim foi sucedida por Dario Elias Berger, este foi eleito prefeito de São José em 1996 e reeleito em 2000 com 84% dos votos. Dario Berger é o atual prefeito de Florianópolis.

Feitas tais considerações, em seguida trataremos de aspectos importantes sobre a notícia e o jornal *Diário Catarinense*. O tratamento dado pela mídia a questões referentes à migração para Florianópolis inclui a análise de notícias que exaltam a capital e o Estado, como enfatizamos neste trabalho e destacamos no item a seguir.

1.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NOTÍCIA

O conceito de notícia admite numerosas definições e é hoje um bem de primeira necessidade. Segundo Marcondes Filho (1986, p.13),

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica.

A notícia faz parte de um jogo de forças da sociedade. Os meios de comunicação divulgam as notícias como verdades sem contestação, porém as relações que existem por detrás destas notícias escondem o poder político ou econômico que as sustentam. A notícia traz a realidade fragmentada, já que muitas vezes traz a “verdade” de apenas um ângulo da situação em questão.

Atualmente já é difícil imaginar o cotidiano sem notícias, seja por razões culturais, sócio-políticas e econômicas. A tecnologia tem potencializado a difusão da notícia. Tal como os meios de comunicação, a notícia também se globaliza.

Fontcuberta (1999) enfatiza que hoje as notícias são divididas em duas grandes categorias: as globais (que a tecnologia da comunicação leva em simultâneo a quase todo o mundo) e as locais (as do nosso bairro, as do chamado jornalismo de proximidade). A globalização da notícia conduz a uniformizações de critérios de classificação de acontecimentos. A notícia é algo que, por ser tão complexo e importante na vida de uma sociedade, o jornalismo simplifica e, por vezes, menospreza.

A notícia é um bem construído. Trata-se de um produto manipulado pelo homem de representações da realidade, tanto quanto ela permite ser representada. Existem aspectos econômicos e comerciais que servem como desvirtuadores de alguns princípios da informação.

Thompson (apud Andrade, 2004) coloca que a concepção de sociedade moderna se assenta no desenvolvimento dos meios de comunicação tanto no plano político quanto econômico. Estudar o poder na sociedade contemporânea significa estudar a mídia.

A mídia está tão onipresente no cotidiano, que se torna difícil imaginar como seria viver em um mundo sem jornal, televisão, rádio, pois é desta maneira que as informações nos

são apresentadas rotineiramente. Porém, estas informações são criadas e repassadas de acordo com interesses de grupos particulares e são aceitas como únicas e sem questionamentos por parte dos receptores. O que faz com que, cada vez mais, a reprodução de modelos dominantes ocorra.

Com relação ao poder que a mídia exerce, Marcondes Filho (1986) afirma que a informação significa também poder, e no jogo com sua utilização estão implícitas relações de dominação. O autor explica que o uso do conhecimento é também utilizado como forma de poder, de distinção, de dominação e opressão.

Assim como qualquer mercadoria, a notícia também pode ser comprada, o jornal expõe a mercadoria notícia à venda e para vendê-la ela deve ser atraente. “Sem artificios, a mercadoria não vende, seu valor de troca não realiza”. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 25).

As notícias têm caráter sensacionalista, usam e abusam de estratégias para que jornais sejam vendidos, a televisão seja assistida. Como exemplos desta situação, estão diversas notícias do *Diário Catarinense* que abordam aspectos que valorizam a vida em Florianópolis. Para vender, a capa do jornal deve trazer notícias de cunho exagerado, mesmo que não reflitam a real condição de vida de grande parcela da população. Há uma incidência de notícias no *Diário Catarinense* que faz com que o leitor subentenda que em Santa Catarina e em Florianópolis o nível de vida supera a do restante do país.

Na capa do jornal em 02 de março de 2005, estava estampado:

SC tem crescimento superior ao do Brasil

IBGE registra o melhor PIB nacional nos últimos 10 anos. A riqueza brasileira cresceu 5,2% no ano passado, o melhor resultado desde 1994, no primeiro ano do Plano Real, conforme pesquisa do IBGE. A indústria, as exportações e a recuperação do mercado doméstico tiveram participação significativa no índice. Há 10 anos, o Produto Interno Bruto (PIB) havia crescido 5,9%. Os números sobre a economia de Santa Catarina ainda não estão concluídos, mas já se sabe que ficarão acima da média nacional. A estimativa é que o PIB do Estado tenha aumentado entre 5,5% e 6% em 2004 (DIÁRIO CATARINENSE).

E a reportagem na Seção *Página Quatro* continua:

Riqueza de SC supera média do país

O crescimento do produto Interno Bruto (PIB) catarinense em 2004 deverá superar a média da economia brasileira no período. Tanto a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc) como o Departamento

Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Diese) avaliam como positivo o crescimento econômico catarinense no ano passado. [...] “Tivemos um desempenho expressivo na produção industrial, que foi de 11,4% contra 8,3% do Brasil. No âmbito geral, fomos o terceiro Estado cuja indústria cresceu mais no país. Só perdemos para São Paulo e Paraná”, diz Glauco José Corte, presidente da Câmara de Assuntos Tributários e Legislativos da Fiesc. Na análise do economista e professor Idaulo José Cunha [...] a indústria catarinense recuperou no ano passado o fraco desempenho exibido nos dois anos anteriores. Por conta disso, Cunha projeta para 2004 um percentual que também fica acima da média brasileira. [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 02.03.2005, p. 4).

Quais os interesses em colocar esta informação na capa do jornal? Os interesses não são transparentes, mas existem de forma constante por detrás de cada notícia no jornal. É possível perceber que o *Diário Catarinense* enfatiza os aspectos em que Santa Catarina é superior ao país, dando destaque ao fato e as estatísticas. Estas estatísticas condizem com a realidade do Estado? O jornal não omite aspectos da realidade sem intenção, as notícias com maiores destaques têm um porquê do seu conteúdo.

É de interesse do jornal que as pessoas se sintam bem informadas; a notícia como mercadoria precisa ser vendida cotidianamente, isso faz com que os leitores criem o hábito de acompanhar as notícias veiculadas pelo jornal, tendo a sensação de estarem sempre bem informados sobre o que acontece global e localmente.

O sentimento de “saber das coisas”, a aparência do estar bem informado, e de ter realmente uma ação no mundo não de todo conformista corresponde à necessidade, no que se refere à informação, de participar, mesmo que de forma aparente, das resoluções das questões sociais. É necessário que o leitor acredite que está rompendo com a aceitação passiva de tudo, com a mera submissão aos homens e às instituições (MARCONDES FILHO, 1986, p. 20)

Santos (2004) comenta que a estratégia de particularização dos fenômenos sociais pela imprensa não favorece a compreensão da realidade em sua complexidade, assim como não favorece a mobilização e a organização da classe trabalhadora para a luta pelos direitos sociais.

A notícia reflete a realidade? Ou a realidade é o que diz a notícia? Como ilustra a notícia que segue:

Florianópolis, beleza!

“Uma beleza que a natureza pintou com amor”. As palavras do poeta expressam uma realidade incontestável. Ter nascido ou viver nesta cidade significa ser privilegiado. E eu me considero uma dessas pessoas. Aqui nasceram meus filhos, aqui eu me profissionalizei, aqui vivo sentindo a alegria de poder dizer: sou feliz, pois Florianópolis me adotou. Rumando as praias que beijam a Ilha, descortina-se o verde. O nascer e o pôr-do-sol enfeitiçam, embevecem. E nos elevam ao ponto de elevarmos ao nosso Deus uma prece: Obrigada senhor! Obrigada pela expressão de mais um dia, aqui vivido! [...] Quem não aspira por uma cidade sempre limpa, florida, com prédios conservados, a população respeitada no seu direito de ir e vir, poder habitar morros sem a preocupação com balas perdidas? [...] Maria Aparecida Lemos Silva, Doutora em Educação. (DIÁRIO CATARINENSE: 16.04.2003, p. 12)

Uma notícia como esta omite as dificuldades que a capital vêm enfrentando e supervaloriza a fama de ótima *qualidade de vida* que a cidade possui. Faz com que uma experiência singular seja naturalizada e sentida como experiência coletiva. A partir do momento em que está no jornal, há interesse em que o mesmo sentimento possa ser compartilhado. O jornalismo trabalha o fato e constrói outro mundo a partir dele.

Em contrapartida, está a realidade vivida pelos migrantes que são usuários do NAF – R, como segue o histórico de um usuário atendido pela equipe do Programa:

O usuário veio de Torres/RS para Florianópolis há 02 meses à procura de trabalho. Não conseguiu emprego fixo, apenas temporário. No primeiro mês conseguiu pagar um lugar para ficar, porém já não tem mais condições para se manter na cidade, e há duas semanas está em situação de rua. Quer retornar para Torres, onde moram seus familiares. O usuário afirma que em Florianópolis não tem como permanecer. P.N.C. – 32 anos. (ARQUIVO DO NÚCLEO DE APOIO À FAMÍLIA – RODOVIÁRIO, Abril de 2007).

Os meios de comunicação não relatam o reflexo da realidade, estes criam e interpretam para os receptores a notícia como pretendem que seja compreendida. Os meios de comunicação converteram-se em protagonistas ativos no sistema social. Oferecem uma realidade parcial ou deformada, buscam falsear a realidade e realizam interpretações duvidosas. Isto porque estamos inseridos no sistema capitalista, que produz este tipo de imprensa e um tipo de jornalismo alienador e manipulador.

No próximo item, realizamos uma análise da notícia através do veículo de comunicação que utilizamos nesta pesquisa, o jornal *Diário Catarinense*. Buscamos levantar

aspectos e características significantes sobre o jornal, que dizem respeito à sua conduta e abordagem.

1.4 SOBRE O *DIÁRIO CATARINENSE*

O jornal *Diário Catarinense* surgiu em Florianópolis em 05 de maio de 1986, é o jornal de maior circulação em Santa Catarina. Faz parte do Grupo RBS (Rede Brasil Sul), controlado pela família gaúcha Sirotsky, proprietária da rede de TV que retransmite a programação da Rede Globo no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O Grupo RBS possui uma rede de emissoras de rádio AM e FM no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e tem participações em empresas de TV a cabo e Internet na região Sul do país.

O Grupo RBS surgiu em 1957 no Rio Grande do Sul e, em 1979, começou sua expansão por Santa Catarina ao inaugurar a TV Catarinense, canal 12, em Florianópolis. Nos anos seguintes, o Grupo cresceu no território catarinense com aquisição de emissoras de TV em Chapecó, Blumenau e Joinville e com a estruturação de uma rede de emissoras de rádio AM e FM em Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages. O lançamento de um jornal impresso fazia parte da estratégia da RBS para crescer e se consolidar como o maior grupo empresarial do setor de comunicação de Santa Catarina. Nesse sentido, a viabilização comercial do novo jornal contaria com o apoio das redes de TV e rádio do Grupo – líderes de audiência no Estado – para divulgar as manchetes e conteúdos das edições do jornal impresso e compartilhar a estrutura de filiais e sucursais na área comercial, para a captação de anúncios e publicidade. (GIACOMELLI, 2000).

Segundo Giacomelli (2000), o nome escolhido por Maurício Sirotsky Sobrinho, fundador e diretor-presidente do Grupo RBS, para o novo jornal foi o de *Diário Catarinense*, título comprado junto ao espólio dos Diários Associados, grupo de comunicação fundado pelo magnata Assis Chateaubriand, e que editou um jornal em Florianópolis com o mesmo nome entre as décadas 60 e início dos anos 80.

Em 1986, Santa Catarina possuía três jornais diários de circulação estadual: *O Estado*, *A Notícia* e o *Jornal de Santa Catarina*. O jornal *O Estado*, fundado em 1915 e editado na capital, é o mais antigo jornal diário do Estado. O jornal *A Notícia*, de Joinville, pertencia à família Tomasi (hoje pertence ao Grupo RBS). Já o *Jornal de Santa Catarina*, de Blumenau, lançado em 1971, era dirigido por um grupo de empresários blumenauenses. (GIACOMELLI, 2000).

Os três concorrentes do *Diário Catarinense* tinham dificuldades para fazer chegar exemplares nas bancas e nas casas dos assinantes nas principais cidades catarinenses. Um jornal bem elaborado e que conseguisse chegar cedo e com regularidade às bancas e aos assinantes de todo o Estado certamente conseguiria crescer. Apostando nessa estratégia, Maurício Sirotsky Sobrinho decidiu investir cerca de US\$ 6 milhões para lançar o novo jornal catarinense. O jornal *Diário Catarinense* foi o primeiro jornal diário brasileiro a ser lançado com redação totalmente informatizada. (GIACOMELLI, 2000).

No ano de sua implantação, 1986, o DC atingia 166 municípios, com uma circulação média de 41 mil exemplares, considerando-se assinantes e venda avulsa. No momento, alcança 246 municípios dos 293 existentes no Estado, com uma circulação média de 38 mil exemplares nos dias úteis e de 58 mil exemplares nos domingos, contando com aproximadamente 400 mil leitores em todo o Estado (RBS TV, 2007).

De acordo com *site* oficial do Grupo RBS, atualmente a RBS abrange: 18 emissoras de televisão aberta; 2 emissoras locais de televisão; 8 jornais diários; 26 emissoras de rádio; 2 portais de internet; operação orientada para o agronegócio; editora; gravadora; empresa de logística; empresa de marketing para jovens e fundação de responsabilidade social. Está presente em seis Estados brasileiros com veículos de comunicação de massa no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além de sucursais multimídia e escritórios comerciais no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal, o que o torna o maior grupo de comunicação multi-regional do sul do Brasil.

Zero Hora, Diário Gaúcho, Pioneiro, Diário de Santa Maria, Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina, A Hora de Santa Catarina e A Notícia são os jornais do Grupo RBS que circulam no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Segundo consta no *site* oficial da RBS, o Grupo tem a missão de “facilitar comunicação das pessoas com o seu mundo”.

O *Diário Catarinense* possui funções mais amplas, que vão além da informação pura e simples. O Grupo RBS exerce um monopólio no Estado, que abrange os mais variados meios de comunicação de massa, rádios, jornais e canais de televisão. Incluído nessa lógica, o jornal *Diário Catarinense* apresenta fortes traços de manipulação e formação de opinião, como assim exemplifica Cruz (1994, p. 84).

A organização do jornal deve ser acrescentada a função ideológica, de difusão de uma concepção de mundo, própria dos meios de comunicação, que atua na manutenção da hegemonia do grupo dirigente, através do consenso. Um dos exemplos mais marcantes desse comportamento da RBS

aconteceu em 1990 com os seminários “Santa Catarina no caminho do Primeiro Mundo”, uma “ação conjunta” do Diário Catarinense, das Prefeituras de Blumenau, Chapecó, Joinville, Criciúma, Florianópolis, Lages e da Federação da Indústria do Estado de Santa Catarina (FIESC). [...] No Editorial do Diário Catarinense publicado com as conclusões dos seminários, a RBS afirmava que a partir dos debates e dos documentos é possível traçar um rumo para a sociedade catarinense nos próximos anos. Além disso, o novo governador, seus secretários e assessores receberiam exemplares do jornal e teriam em mãos valiosos estudos e conclusões para definir as diretrizes do Governo Estadual. Com essa iniciativa a RBS tinha a consciência que cumpriu mais uma parte da sua missão de integrar e promover o desenvolvimento social e econômico de Santa Catarina.

Imparcialidade política é um dos principais pontos do discurso do Grupo RBS sobre a sua atuação como meio de comunicação de massa. Mas, segundo Herz (apud CRUZ, 1994), o envolvimento do grupo com a política vai muito além do que admite. O próprio Maurício Sirotsky Sobrinho, pouco antes de morrer em 1986, estava sendo cogitado para concorrer ao cargo de governador do Rio Grande do Sul. O desenvolvimento da RBS é o resultado de uma competência empresarial com capacidade de atuação política. Um exemplo do bom relacionamento do Grupo RBS com a elite catarinense pode ser confirmado quando a RBS se articulou politicamente com as elites dominantes de Brasília e de Santa Catarina para conseguir a concessão da TV Catarinense de Florianópolis.

Esse relacionamento simpático com a sociedade local se estende aos diferentes governos, através de uma estratégia constante no Grupo RBS: “o emprego de funcionários públicos em cargos importantes nas emissoras do grupo”. (CRUZ, 1994, p. 95). É de interesse do Grupo RBS ficar do lado de quem está no poder, porém sem se envolver diretamente para não perder audiência por ter sustentado uma posição governista. Utilizar a força política sem se comprometer totalmente.

De acordo com Marcondes Filho (1986), o aparecimento do jornal, de forma geral, está subordinado ao desenvolvimento da economia de mercado e das leis de circulação econômica. O jornal surge como o instrumento que o capitalismo financeiro e comercial precisava para fazer que as mercadorias fluíssem mais rapidamente, ou seja, era a maneira de que as informações sobre exportações e importações chegassem de forma mais eficiente. O jornal não era uma iniciativa da classe dominante, a nobreza feudal, na época em que apareceu, e, sim, era de iniciativa da própria expansão da burguesia como classe.

O autor continua sua explicação afirmando que a maior revolução da história do jornalismo se dá com a revolução tecnológica dos séculos XVIII e XIX. Acompanhando a expansão industrial acelerada do início do século, a produção de bens em massa, a

conseqüente dilatação do mercado e a afirmação política e econômica da nova classe dominante, começa a transformação da imprensa. A imprensa como empresa capitalista surge nesta época. Quanto mais o jornal tende à empresa capitalista com lucros e perdas, tanto mais ele desenvolve melhores técnicas para vender o produto. (MARCONDES FILHO, 1986).

Desta maneira, o jornal ao mesmo tempo em que informa, também veicula opiniões de acordo com as normas políticas e econômicas que segue. Todos os jornais são sensacionalistas, com o objetivo de vender o produto notícia, um são mais, outros menos. O *Diário Catarinense*, sendo o jornal de maior circulação no Estado, para transformar um fato em notícia, tem que alterá-lo para que ele se torne novo e rentável para a empresa.

O papel histórico do jornalismo é o de se constituir num veículo realizador de política. O jornal não investiga a fundo o porquê do fato, não investiga os interesses que vão além do que transmite a notícia. Segundo Marcondes Filho (1984), as omissões e as distorções documentam a uniformidade dos jornais em um aspecto bem determinado: as informações e análises são tanto mais incompletas, quanto mais o seu assunto for apropriado para questionar o sistema econômico dominante.

Esta relação se dá devido à organização de uma imprensa atuante que está inserida no sistema capitalista. Desta maneira está a não transparência dos sentidos por detrás das notícias, por detrás da abordagem realizada pelo jornal. Qual o interesse do jornal *Diário Catarinense* em veicular tantos aspectos positivos de Florianópolis, bem como do Estado de Santa Catarina? Quais as reais intenções em divulgar continuamente as belezas naturais, as oportunidades de emprego, a dita *qualidade de vida* de Florianópolis? Por que produzir e induzir um discurso de cidade “onde tudo funciona”, omitindo, muitas vezes, a realidade de grande parcela da população que vive na capital e que não tem condições para se manter na cidade?

Na pesquisa, levantamos alguns dados quantitativos gerais acerca do jornal *Diário Catarinense* no período de 1997 a 2006, com o objetivo de apreender estatisticamente aspectos relacionados à abordagem do jornal. Dentre estes dados estão a quantidade de notícias - relacionadas à migração para Florianópolis, as notícias que dão ênfase à *qualidade de vida*, as notícias que enfatizam as oportunidades, principalmente de trabalho, que supervalorizam a capital, aquelas que envolvem a migração dos segmentos subalternizados, bem como aquelas que se referem à *vocação turística* da capital – e os meses em que são mais freqüentes.

Tabela 1: Distribuição das Notícias por Meses

ANOS	1997 - 1998		2002 - 2003		2005 - 2006	
	Notícias	%	Notícias	%	Notícias	%
Janeiro	24	14,28	34	14,22	56	15,60
Fevereiro	17	10,12	13	5,44	36	10,03
Março	31	18,45	27	11,30	36	10,03
Abril	08	4,76	12	5,02	22	6,13
Mai	05	2,98	19	7,95	21	5,85
Junho	06	3,57	11	4,60	20	5,57
Julho	08	4,76	09	3,76	30	8,36
Agosto	07	4,17	05	2,09	20	5,57
Setembro	09	5,36	10	4,18	17	4,47
Outubro	13	7,74	32	13,34	24	6,68
Novembro	08	4,76	23	9,62	36	10,03
Dezembro	32	19,05	44	18,41	41	11,42
Total	168	100%	239	100%	359	100%

Fonte: Diário Catarinense - Elaboração própria

Com esses dados, podemos perceber que as notícias levantadas nesta pesquisa, veiculadas pelo *Diário Catarinense* nos três períodos acima abordados, são mais frequentes nos meses que ocorre a temporada de verão na capital (dezembro, janeiro, fevereiro, março). Há um maior interesse por parte do jornal em divulgar os aspectos positivos de Florianópolis nos meses em que a cidade recebe o maior número de turistas.

Porém, a capital passa a receber não somente os turistas, mas também os migrantes que visualizam oportunidades de emprego e *qualidade de vida* na cidade. No período da temporada de verão, as notícias veiculadas que dizem respeito ao grande número de turistas na Ilha, às oportunidades de emprego temporário e às belezas naturais a serem desfrutadas, são inúmeras. Fica claro que a mídia tem um papel fundamental em divulgar a *vocação turística*, bem como ressaltar o que tem de melhor em Florianópolis e no Estado de Santa Catarina.

No total de 766 notícias levantadas, 114 foram divulgadas em janeiro, 66 em fevereiro, 94 em março e 117 em dezembro, ou seja, 391 notícias foram veiculadas pelo *Diário Catarinense* nestes meses. O que nos remete que mais de 50% das notícias apareceram nos meses relacionados ao verão. Época em que a *vocação turística* da cidade está em alta.

Segundo Fantin (2000, p. 72):

[...] Vendem-se paisagens, vendem-se fragmentos da natureza, vendem-se imagens. A beleza da cidade vira um grande negócio. O discurso publicitário traduz em signos a mais perfeita representação do ideal do bem viver e do prazer. Se, de um lado, isto faz parte do “marketing da cidade” e da essência da ação publicitária (produzir desejos e necessidades), por outro projeta-se no imaginário coletivo-social uma representação de cidade (e induz a um projeto de cidade) que acentua um “ethos” de cidade turística, cidade do lazer: “O melhor lugar do mundo é aqui”. Neste discurso de “mercado” Florianópolis transforma-se no “Paraíso Internacional”, na “Ilha da Magia”, na “Capital Turística do Mercosul” e, recentemente, na capital de melhor qualidade de vida do Brasil.

Os dados quantitativos podem trazer importantes informações acerca da abordagem do jornal. Na Tabela 2, levantamos a quantidade de notícias nos três períodos pesquisados (1997-1998; 2002-2003; 2005-2006) distribuídas nas seções do *Diário Catarinense*.

Tabela 2: Distribuição das Notícias por Seção

<i>SEÇÃO</i>	<i>NOTÍCIA</i>	<i>%</i>
Bom Dia Santa Catarina	01	0,13
Cacau Menezes	28	3,65
Capa	97	12,67
Cadernos Especiais	57	7,44
Conheça/Propaganda	09	1,17
Diário do Leitor	13	1,70
Diário Catarinense/Editoriais	99	12,92
Economia	241	31,46
Geral	48	6,27
Página Quatro/Reportagem Especial	53	6,92
Política	07	0,91
Registro	02	0,26
Santa Catarina	20	2,61
Visor/Opinião DC	91	11,88
Total	766	100%

Fonte: Diário Catarinense – Elaboração própria

A seção de Economia é aquela que mais aborda os aspectos “positivos” do Estado e da capital, com notícias sobre a indústria, oportunidades de emprego, sobre o turismo e comércio. Nesta seção, enfatiza-se o que o jornal quer que o Estado represente e não o que realmente o Estado oferece. “Investir na capital é bom negócio”, “Oportunidades melhoram em todas as áreas”, “Modelo de excelência”, “Embratur prevê melhor verão dos últimos anos”, são títulos de notícias que criam e induzem à excelência catarinense.

A seção Visor/Opinião DC, na qual foram levantadas 91 notícias, é aquela em que revela a abordagem do jornal. Nela, é comum encontrar notícias que expressam ações de

manipulação com a intenção de formar opiniões, como podemos perceber em alguns títulos de notícias: “Turismo: vocação comprovada”, “Florianópolis em alta”, “Confiança em SC”, “Temporada de oportunidades”. Esta seção denuncia o caráter político, econômico e ideológico do jornal na sociedade de classes.

Foi possível constatar que a notícia retrata o período histórico em que se situa, por isso a necessidade de analisá-la em consonância com o contexto em que está inserida. Durante a realização da coleta de dados no *Diário Catarinense*, verificamos que a questão do turismo é bastante destacada pelo jornal, principalmente no que diz respeito à *vocação turística* de Florianópolis. Tornou-se necessário então, a discussão acerca desta temática. No segundo capítulo deste trabalho, analisamos a atividade turística na capital sob um viés crítico, relacionando esta atividade ao modo de produção capitalista.

2 DO TURISMO À MIGRAÇÃO

2.1 ATIVIDADE TURÍSTICA COMO “VOCAÇÃO” DE FLORIANÓPOLIS

“A realidade na vida da Ilha não é tão idílica como a paisagem. Não o é, pelo menos, para todos os seus habitantes, e está longe de ser paradisíaca para as populações que deixam as praias em busca de ocupações que lhes permitam sobreviver, substituindo as formas tradicionais de trabalho que perderam”.

Mara Lago³

Este capítulo tem o intuito de apresentar como o turismo e a migração são abordados pela mídia escrita. Tenta-se, aqui, demonstrar a relação da atividade turística e da migração para Florianópolis, tendo como eixo o discurso do jornal *Diário Catarinense*. Procura-se analisar a atividade turística no âmbito das mercadorias, como uma atividade que se desenvolveu em consonância com a sociedade capitalista.

Embora não fosse objetivo inicial dar dimensão a questão do turismo, consideramos imprescindível contemplar este tópico, devido ao grande destaque dado a esta temática pelo jornal *Diário Catarinense*, fato que constatamos durante a realização da coleta de dados no jornal.

Florianópolis, capital de Santa Catarina, possui 424.400 habitantes (informação verbal⁴), apresenta área de 436,5 km², é um dos principais pólos turísticos do Brasil e do Mercosul. Na capital, a atividade turística concentra-se principalmente na temporada de verão. O turismo é para alguns, fonte de renda e de emprego, e para outros, acarreta impactos sociais, econômicos e ambientais.

Falar do turismo como atividade inserida e voltada para a lógica capitalista implica em abordá-lo como uma mercadoria. Para Marx (1989), as mercadorias possuem valor de uso e valor de troca, que são magnitudes incomensuráveis. O trabalhador vende a sua força de trabalho como mercadoria, que abrange um valor de uso para ser vendável, e recebe como pagamento o valor de troca de sua força de trabalho. Tal como funciona com o turismo e com a notícia, por exemplo, já que são mercadorias e possuem valores de uso e de troca.

Com a consolidação do sistema capitalista, as contradições sociais se acentuam, provocando um distanciamento cada vez maior entre a classe dominante e a classe subalterna.

³ Extraído do relatório de 1996 do Centro de Estudos, Cultura e Cidadania (CECCA).

⁴ Dado citado na palestra da Professora Dra. Maria Inês Sugai no Seminário “UFSC e o Plano Diretor de Florianópolis”, realizado no dia 17 de maio de 2007.

O capitalismo impõe o consumo de mercadorias nos mais diversos âmbitos. De acordo com Ouriques (1998), com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, o mundo mágico das mercadorias, principalmente da mercadoria-dinheiro, foi criando uma série de novas necessidades, de mercadorias e de ramos de atividade econômica, para produzir e reproduzir a acumulação do capital. É neste contexto em que se insere o turismo.

O turismo é uma atividade de lazer que busca o distanciamento da rotina, um descanso, para recuperação da força de trabalho e da capacidade laboral. Foi criada e desenvolvida com o objetivo de obter lucros, como qualquer outra atividade econômica do sistema capitalista.

O conceito de turismo, segundo o dicionário Michaelis é: “viagens realizadas por prazer a lugares que despertam o interesse”. O dicionário Aurélio conceitua turismo como: “viagem ou excursão, feita por prazer, a locais que despertam interesse; o movimento de turistas”. (REVISTA TURISMO, 2007). A definição acadêmica de turismo (REVISTA TURISMO, 2007), segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) é:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Porém, o turismo abrange concepções mais amplas e complexas que foram levantadas no decorrer deste capítulo. Esta atividade foi fundamentada na exploração da força de trabalho. Como por exemplo, em Florianópolis, toda a infra-estrutura de transportes, acomodação, lazer, enfim, todos os setores ligados à estruturação turística têm como base o trabalho e o consumo do turista.

A palavra turismo induz ao pensamento voltado para o lazer, ócio, paisagens, diversão, e que é uma grande fonte de empregos para as populações locais. É feita a associação do turismo com o relaxamento, com a liberdade. Porém, como afirma Ouriques (2005), o turismo deve ser apreendido pela apropriação capitalista dos momentos de ócio individual, transformados em um imenso aparelho coletivo de enriquecimento privado.

Para o autor, o turismo é entendido como uma forma de fetichismo. As paisagens naturais e socialmente construídas tornam-se objetos de consumo turístico, como se isso fosse uma característica a elas inerente. Dessa forma, por meio da valorização de lugares onde os

atributos paisagísticos delicias os sentidos humanos, é produzido o fetichismo espacial. (OURIQUES, 2005).

Ouriques (1998) ao falar da mercadoria-paisagem, afirma que esta é um elemento determinante do consumo turístico. O sentido da visão capta a paisagem que pode satisfazer e relaxar o turista. É um consumo feito pelo olhar, sentido que tem uma função diversa do consumir quaisquer coisas. A propaganda turística estimula as sensações de encanto diante dos elementos da natureza.

Ramos (2005) entende o turismo como um fenômeno social, que transcende a dimensão puramente econômica da atividade e, portanto, como algo que traz repercussões variadas na localidade receptiva. Para o autor, é necessário uma análise abrangente da atividade turística na Ilha de Santa Catarina para entendermos as potencialidades e as ameaças que condicionam e ordenam o seu desenvolvimento.

Ouriques (2005, p. 13-14) expõe a respeito do desenvolvimento da atividade turística:

A atividade turística expande-se de forma notável a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Podemos falar, aliás, de uma popularização das viagens nos países mais desenvolvidos: com salários e tempo livres maiores, os trabalhadores partiram, também influenciados pela propaganda turística, em busca do relaxamento e do descanso, para recarregar as baterias perdidas em um ano de trabalho estafante. [...] Mas a expansão do turismo foi também determinada pela substancial melhoria nos sistemas de transportes e comunicações. A disseminação do automóvel e o desenvolvimento do transporte aéreo e marítimo levaram à internacionalização do turismo.

O processo de desenvolvimento turístico em Florianópolis iniciou-se na década de 70, com o intuito de alavancar o crescimento econômico do município. Teve como característica o turismo de veraneio, caracterizado pela procura da segunda residência e por uma lenta ocupação do litoral (principalmente na região norte e na Lagoa da Conceição), dando início ao processo de parcelamento rústico do solo, sem o devido apoio de infra-estrutura. Ocorre nessa época a entrada de grande volume de capital destinado ao financiamento de empreendimentos turísticos e à melhoria das comunicações e rodovias. (RAMOS, 2005).

Porém, foi na década de 80 que o fenômeno turístico teve significativa expansão em Florianópolis, consolidando-se como atividade econômica, o que gerou profundas mudanças socioespaciais no município voltadas para a promoção do turismo. Ocorreu com maior intensidade na costa norte da Ilha, com surgimento de novos focos de expansão urbana ligados ao turismo e ao lazer. Mas, a infra-estrutura era precária, tanto para o atendimento à

demanda turística quanto para a população residente. Durante a década de 90, buscou-se a qualificação do fenômeno turístico, resultando na construção de grandes empreendimentos.

Foram desenvolvidos grandes projetos de modernização e infra-estrutura nos balneários, como Jurerê Internacional e Canasvieiras, ampliação das rodovias de acesso às praias do norte, como a SC-401, e também uma ampla divulgação nos veículos de comunicação de massa sobre o potencial turístico da capital.

De acordo com Fantin (2000), a mudança de concepção de turismo na cidade ganha força no início dos anos 90, com a idéia de privilegiar o turismo de classe e de qualidade em detrimento do turismo de massa. Esta passa a ser a tônica dos discursos. O *turismo classe A* é extremamente seletivo, privilegia turistas com boas condições econômicas e com nível educacional elevado. Eles são, segundo essa concepção, “desejáveis na cidade”. Já o turismo de massa provoca o inchamento e a invasão de “nossas praias” e não há infra-estrutura para recebê-los. Uma notícia do *Diário Catarinense* expressa muito bem esta questão:

Santur quer atrair turista Classe A

Atrair o turista paulista de alto poder aquisitivo, que gaste em média R\$ 150 por dia e desfrute o melhor da hotelaria, gastronomia e lazer de Santa Catarina. Em linhas gerais, esta é a política adotada pela Santa Catarina Turismo SA (Santur) para a temporada de Verão que se aproxima. Para receber esse turista brasileiro, que na avaliação da Santur deverá vir em grande número para o Litoral este ano, a empresa aposta na profissionalização em todo o setor identificado como de serviços aos turistas. [...] Silva (diretor de marketing da Santur) diz que no decorrer deste ano foi feito um trabalho intenso com os agentes de viagem em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. “A partir de novembro vamos iniciar uma operação na mídia desses estados para sensibilizar o público e incentivar sua vinda a Santa Catarina”, afirma o diretor. Ele aposta no potencial do Estado e cita a revista *Viagem*, especializada em turismo, que trouxe pesquisa com seus leitores apontando Santa Catarina como o destino turístico que desperta o maior interesse nos brasileiros. “Nós queremos trabalhar com o perfil do turista que ocupe hotéis e faça o circuito gastronômico. Por isso investimos muito no paulista, que tem essa característica”, afirma Silva. (DIÁRIO CATARINENSE: 13.10.2002, p. 18).

É possível perceber que a concepção de privilegiar o *turismo classe A*, que iniciou na década de 90, é uma política que segue até os dias atuais, como mostra a notícia do *Diário Catarinense* em 2002. A partir do momento em que esta política é definida, o município sofre transformações para atingir este público classe A, que consome mais, e ao mesmo tempo exige condições de infra-estrutura de qualidade.

Os projetos turísticos de padrão internacional (Jurerê Internacional, Praia Brava, Costão do Santinho, Costa Norte em Ingleses, *Golf Club*, hotéis na Ponta do Coral e na cabeceira da Ponte Hercílio Luz, Marinas da Beira Mar Norte, Barra da Lagoa e Ponta do Sambaqui) visam "atender uma demanda de consumo privado de camada média e alta, sem alterar significativamente o quadro de carências das comunidades ali sediadas, e sem valorizar um aproveitamento mais racional dos recursos locais" (CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA, 1996, p. 217).

Com o desenvolvimento do setor turístico há a implementação de condições mais propícias à valorização de determinados aspectos, tais como: abertura e pavimentação das vias de acesso, loteamentos, hotéis, restaurantes. Surge o turismo como "salvação de Florianópolis", máxima evidenciada nas opiniões de alguns representantes políticos locais. (OURIQUES, 1998, p.11).

Na visão de Ramos (2005, p. 60):

A imagem de Florianópolis como paraíso turístico e capital da qualidade de vida, a "Ilha da Magia", construída ao longo das duas últimas décadas (1990 – 2000), significou uma procura por pessoas com alto poder aquisitivo, provenientes de outras regiões do Brasil, para desfrutar desse pedaço de "paraíso", inicialmente como turistas, depois como migrantes. De acordo com o relatório Urbal, a chegada de turistas e migrantes mais abastados e mais bem educados fizeram com que a população que não fazia parte da elite nativa passasse a se sentir inferiorizada e se fechasse numa espécie de isolacionismo cultural, o que poderá levar a formação de culturas separadas, com valores e morais distintas, acarretando conflitos sociais em longo prazo.

Neste trabalho, conforme mencionado anteriormente, não iremos enfatizar a migração da elite, e sim, da classe subalterna que busca em Florianópolis melhores condições de vida através do emprego. No entanto, a aposta na *vocação turística* de Florianópolis acarreta migrações de diversas classes e localidades do país.

Vem sendo construída uma nova imagem nas últimas décadas que busca valorizar as virtudes e a *vocação turística* da capital, associada a um dos melhores índices de *qualidade de vida*. Tais imagens são expressas na mídia local e nos discursos daqueles para qual a atividade turística é muito lucrativa.

Constrói-se um ideal de cidade, as belezas naturais tornam-se mercadorias. A cidade turística passa a ser uma cidade-consumo, vendem-se as imagens, as paisagens, com o discurso de que o turismo proporciona renda e emprego para os locais. Para Ouriques (1998),

a idéia de que o turismo é uma *vocação natural* é pura falácia. Não passa de um determinismo. Existem belíssimas paisagens, no mundo inteiro, onde o capital ainda não pôs seus “pés de ouro”. O componente natural, em si mesmo, não significa vocação dissociado do social.

Quanto à questão da *vocação turística* de Florianópolis, Fantin (2000) assegura que apostando na chamada “vocação natural para o turismo”, a capital desenvolveu uma nova indústria – a indústria do turismo – muitas vezes predatória, que serviu de alavanca para muitas dessas transformações e desencadeou uma nova configuração urbana. Este fluxo modernizante acelerou mudanças não só no modelo de cidade e no traçado urbano, mas, essencialmente no modo de vida dos antigos moradores e no perfil da sua população atual.

A *vocação turística* de Florianópolis é bastante incentivada pela mídia, que assume o discurso de que o turismo é uma atividade que gera bons e lucrativos frutos para a capital como um todo. O jornal não mede esforços para valorizar as belezas naturais aliadas ao perfil peculiar do “manezinho da ilha”. Como sugere a notícia a seguir:

Ótima temporada de verão

A última temporada de verão solidificou de vez a vocação turística da Capital. Foi a melhor de toda a história. No volume de dinheiro movimentado, na altíssima taxa de ocupação da rede hoteleira e, principalmente, no alto nível sócio-econômico do turista que visitou a cidade. A quantidade de visitantes pode ser comparada a outras boas temporadas, mas a diferença se baseia no poder aquisitivo dos turistas. [...] “Indiscutivelmente foi uma ótima temporada, com uma taxa de ocupação de hotéis que chegou a quase 100% durante grande parte do verão”, salienta o superintendente da Fundação Pró-Turismo de Florianópolis, Márcio Malmegrin, acrescentando que não havia mais turistas hospedados em hotéis por absoluta falta de vagas. A atual capacidade hoteleira da cidade é de 80 mil leitos, tornando-se necessários investimentos urgentes para atender à crescente demanda. Malmegrin calcula que cerca de 400 mil turistas visitaram a capital durante a última temporada de verão. Mais de 30% desse total chegaram de avião, caracterizando o novo perfil de quem vem a Florianópolis à procura de dias inesquecíveis desfrutando de praias, tradição, folclore, e muita tranquilidade. (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.1997, p. 32)

Sem dúvida é consenso no meio político e na mídia local que o turismo representa o futuro para o desenvolvimento do município e que é o melhor meio para o “progresso” de Florianópolis, pois todos se beneficiarão com ele. Porém, a atividade turística irá interessar a quem dela obtiver lucro, a maioria da população não tem nenhuma vantagem com o turismo,

pois este é muito seletivo. Só participa do turismo uma parcela minoritária que pode se deslocar, consumir e conhecer diversos lugares.

Na pesquisa realizada no *Diário Catarinense* foi comum observar notícias, principalmente durante as temporadas de verão, que apresentam o turismo como gerador de empregos para Florianópolis e Santa Catarina, o que acaba resultando em migrações da classe subalterna que vem para o litoral do Estado com a intenção de trabalhar no verão e receber uma renda extra. As notícias a seguir podem ilustrar essa afirmação:

Turismo criará 28 mil empregos

Somente com o turismo na região do Campeche, estima-se a possibilidade de criação de 28 mil empregos. Todas as zonas próximas ao mar serão “turístico-residenciais”, facilitando a instalação de serviços de atendimento ao turismo, como restaurantes e pousadas. Através de ações conjuntas dos setores público e privado, pretende-se criar três centros hoteleiros, estrategicamente situados junto ao Morro das Pedras, Freguesia do Campeche e Canto da Lagoa. [...] Os 50 quilômetros quadrados da região do Campeche serão destinados à expansão urbana e divididos em 24 bairros autônomos e humanizados, contornados por um sistema viário formado por um anel expresso em um conjunto de vias-parque, evitando o tráfego de passagem através das zonas residenciais. Projetados na mesma proporção dos empregos gerados, os bairros contarão com equipamentos urbanos e comunitários, tais como escolas, praças, postos de saúde e comércio local. [...] A área verde preservada irá se compatibilizar com imagens de modernidade e vigor. Nos centros de bairro se destacarão prédios mais elevados que as edificações residenciais e, apenas em um quarteirão, prédios de 12 pavimentos [...]. (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.1997, p. 11)

Temporada abre 60 mil vagas em Santa Catarina

A desempregada Tatiana Ilfbio Garcia está na disputa por um dos 60 mil postos de trabalho temporário que vão ser abertos durante o verão em Santa Catarina. As oportunidades concentram-se no litoral, principalmente em Florianópolis e em Balneário Camboriú. [...] As vagas estão distribuídas nos setores de comércio e serviços. As agências de emprego começam a selecionar candidatos. [...] Os empresários procuram pessoas que façam cursos e demonstrem habilidade com o público. A orientação é de Paulo Roberto de Góes, presidente do Sindicato das Empresas de Trabalho Temporário de Santa Catarina. De acordo com Góes, dentre os 60 mil empregos a serem gerados, 10 mil serão temporários. O restante se divide entre os informais – quem atua sem vínculo empregatício e os efetivos – e os contratos em definitivo. [...] Se forem confirmadas as previsões de abertura dos 60 mil postos de trabalho, o volume será de 20 mil vagas a mais do que em 2002, quando foram criados 40 mil empregos no Estado. A Santa Catarina Turismo (Santur) prevê que haverá incremento de 30% do percentual de turistas estrangeiros no Estado, principalmente do Mercosul [...]. (DIÁRIO CATARINENSE: 12.10.2003, p.17)

A notícia intitulada “Turismo criará 28 mil empregos” foi veiculada em um caderno especial sobre Florianópolis. Cabe ressaltar que as ações previstas nesta notícia foram feitas pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) e não se concretizaram na região do Campeche. Não foram criados serviços e infra-estrutura, como o sistema viário e os três centros hoteleiros citados; a região do Campeche não foi dividida como estabelecida na notícia, nem mesmo 28 mil empregos foram gerados.

Na região do Campeche existe um movimento comunitário denominado *Movimento Campeche Qualidade de Vida*, que possui uma representativa participação dos cidadãos da comunidade local e da cidade de Florianópolis. Este movimento apresentou à Câmara de Vereadores de Florianópolis, em março de 2000, o Plano Comunitário para a Planície do Campeche, como projeto substitutivo ao Plano Diretor do Poder Executivo Municipal. (SOUZA; BARBOSA; BURGOS, 2003).

Comparado com o desenvolvimento turístico do norte da Ilha onde a elite econômico-política concentrou os investimentos em infra-estrutura, a região do Campeche e do sul da Ilha se caracterizam pela precariedade nesta área de serviços. Não existe rede de esgotos, as residências liberam suas águas servidas livremente em fossas negras, sem qualquer atendimento às normas técnicas. (SOUZA; BARBOSA; BURGOS, 2003).

O turismo é apresentado pelo *Diário Catarinense* como uma atividade que contribui para o crescimento de Florianópolis e para diminuir os índices de desemprego, não é divulgado o outro lado do turismo, que acarreta impactos, que não são positivos, em diferentes áreas. Ouriques (1998) levanta algumas questões com relação a esta imagem de que a atividade turística é geradora de empregos. Para o autor, é consensual apresentar o turismo desta maneira para as comunidades locais da Ilha e da Grande Florianópolis como um todo, mas até que ponto o “novo” mercado de trabalho e os salários recebidos pelos trabalhadores são tão importantes assim? Falar que o turismo cria postos de trabalho não nos informa coisa alguma sobre as características deste mercado de trabalho. Os empregos turísticos não têm nada de novo e apenas reproduzem a realidade de outros setores, inclusive com condições adversas de trabalho.

Assim como já foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho, o desenvolvimento do capitalismo resultou em uma crescente precarização das relações de trabalho e diminuição gradativa dos direitos trabalhistas. No setor turístico não ocorreu de forma diferente, grande parte dos trabalhadores desta área estão na informalidade, com subempregos, sequer tem

Carteira de Trabalho assinada e recebem salários muito baixos, e é desta exploração da força de trabalho que resultam os lucros do turismo.

A atividade turística e aqueles que dela se beneficiam, colaboram com a precarização do trabalho, o que a mídia não divulga, pois não condiz com seus interesses, com os interesses da classe dominante, como é o caso do jornal *Diário Catarinense*, que faz uma clara apologia ao turismo para Florianópolis em detrimento da apresentação da realidade.

É de interesse da mídia o que se relaciona com a sua orientação política. A classe dominante e o meio político e empresarial de Florianópolis associam o desenvolvimento do turismo com o desenvolvimento da cidade, e o *Diário Catarinense* segue este caminho. Para Marcondes Filho (1986), há de fato uma intervenção na opinião e no posicionamento do público porque a imprensa é veículo formador de opinião e de comportamentos: a longo prazo, todos os jornais, por defenderem interesses particularistas e setORIZADOS, influem na orientação política da sociedade; não são, de forma alguma, neutros.

A apologia do turismo não é realizada somente pelo poder político, pela mídia, pelos estudos acadêmicos, “na verdade, parece fazer parte do inconsciente coletivo dos habitantes de Florianópolis”. (OURIQUES, 1997, p. 83).

Os empregos gerados pelo turismo estão distribuídos em atividades do segmento de serviços, como alojamento e alimentação, transporte e atividades imobiliárias. O relatório elaborado em 1996 pelo Centro de Estudos, Cultura e Cidadania (CECCA) alerta para as características negativas do turismo em massa e concentrado na estação do verão, argumentando que seus benefícios econômicos não atingem a todos da comunidade, ocorrendo situações de subemprego sazonal, descaracterização da natureza como bem coletivo e segregação social.

As características do trabalho vinculado a esta atividade, nesta cidade, são de péssimas condições, com salários baixos, carga horária elevada, sobrecarga de trabalho, horários irregulares, trabalhadores que não são bem compensados, enfim, intensa desregulamentação das leis trabalhistas. (RAMOS, 2005).

O turismo realizado de forma sazonal, como ocorre em Florianópolis, pode ser relacionado de maneira direta à informalidade do setor, porque nos meses do verão é que pode ser percebida a efervescência dos empregos dessa natureza, sendo que nos demais meses do ano a oferta de empregos ligados ao turismo reduz drasticamente.

Esta situação pode ser confirmada nos atendimentos e recambiamentos realizados no NAF – R, como demonstra o quadro a seguir:

Tabela 3: Atendimentos do Programa NAF – R de 2007

<i>Meses</i>	<i>Atendimentos</i>	<i>Recambiamentos</i>
Janeiro	280	92
Fevereiro	249	79
Março	377	210
Abril	289	95

Fonte: NAF – R/Prefeitura Municipal de Florianópolis – Elaboração própria.

Em 2007, os atendimentos no mês de março foram consideravelmente mais expressivos do que nos demais, isto devido ao turismo sazonal de Florianópolis; muitos usuários do Programa migram para a capital para trabalhar no verão de forma informal e ligados ao setor do turismo. Com o fim da temporada de verão e a conseqüente redução do número de turistas na cidade, estes trabalhadores ficam sem condições para se manter, pois já não é mais vantajoso o trabalho nesta área. Isto faz com que muitos trabalhadores tenham que receber auxílio do poder público municipal para retornarem ao seu município de origem.

A mídia assume o papel de “convocar” a população para fazer turismo em Florianópolis, para consumir o que a cidade tem para oferecer. Porém, a classe subalterna vem para a capital não para fazer turismo, mas para trabalhar e buscar a sobrevivência através do consumo dos turistas.

A notícia a seguir revela a posição do jornal com relação ao que o turismo pretende ser em Florianópolis e no Estado de Santa Catarina:

Fazer turismo em Santa Catarina será moda

Será moda vir para Santa Catarina. A fala é do novo presidente da Santur, Nicolau Meira. Ele vai se espelhar na ocupação maciça que fez o governo baiano para reforçar o destino do turismo catarinense. Meira diz que vai incentivar o slogan “Santa e Bela Catarina”, associada à canonização da Madre Teresa, que colocou o Estado no circuito do turismo religioso nacional. [...] DC – O turismo catarinense hoje precisa mais investimentos em infra-estrutura ou em divulgação? Meira – Acho que as duas coisas têm que ser feitas ao mesmo tempo. Não posso dizer hoje qual dos dois (marketing ou infra-estrutura) é mais carente. Os dois são importantes. A partir do momento em que se divulga, você aumenta o fluxo de pessoas. Na hora em que aumenta a circulação de pessoas, nas regiões que não eram conhecidas e passam a ser visitadas, começa a faltar infra-estrutura. [...] DC – Qual o produto turístico mais forte que Santa Catarina tem hoje? Meira – A praia, o Verão de Santa Catarina. Mas eu acho que temos que focar outras questões que envolvam o turismo o ano inteiro. Vamos levantar o que temos para fazer a divulgação. Esperar novembro para divulgar o Verão é muito pouco. Se queremos divulgar Santa Catarina em março, é também nessa época que temos que falar da temporada de Verão, das festas, dos eventos culturais. Uma coisa que a Santur nunca fez e que vamos fazer a partir de

agora é falar do Festival de Dança de Joinville como um produto turístico. (DIÁRIO CATARINENSE: 13.01.2003, p. 13).

Apesar das belezas naturais, o turismo não ocorre de forma acidental em Florianópolis, pelo contrário, o despertar para o turismo é um planejamento do poder público associado diretamente com a mídia local. O relatório elaborado pelo CECCA (1996) argumenta que a pressão dos empresários do setor turístico sobre os recursos públicos, a ponto de transformar o turismo em alternativa preferencial de desenvolvimento econômico para o espaço local, provoca uma certa mistificação do mesmo. É apresentado como atividade redentora para nossos males, em função dos seus "generosos efeitos redistributivos" sobre o conjunto da população local. Apesar da sazonalidade, o turismo cada vez mais faz parte da realidade local. Estamos vivendo uma febre turística de um ciclo econômico marcado pela monocultura do turismo.

Ter a monocultura do turismo como política econômica é fragilizar a economia local, já que intervenções simplesmente turísticas geram um choque cultural entre comunidades tradicionais e sociedades consumistas e colaboram com a mercantilização da relação do turista com a Ilha.

Ouriques (afirmação verbal⁵) afirma que defender um modelo de cidade na qual a atividade turística seja a monoatividade é reproduzir um modelo servil, é ter uma expectativa pequena e precária para o futuro. O turismo não salva cidade alguma da periferia do capitalismo, como é possível observar sérias conseqüências nas cidades do Rio de Janeiro e Maceió⁶. O discurso do turismo como atividade preponderante não é exclusivo em Florianópolis.

Pensando de maneira mais global, os países do Terceiro Mundo reverterem para atividade turística uma relação estreita com o progresso econômico. A visão que outros países têm dos países periféricos pode ser exemplificada pelo sol, praias, clima tropical, o que faz com que o turismo seja submetido à acumulação de capital. Não só as paisagens tornam-se mercadorias, mas os próprios habitantes da periferia transformam-se em atrações turísticas. (OURIQUES, 2005).

⁵ Palestra realizada no dia 17 de maio de 2007 no Seminário UFSC e o Plano Diretor de Florianópolis.

⁶ Cidades citadas por Ouriques, pois são exemplos de locais nos quais a atividade turística é preponderante e apresentam uma imensa desigualdade social e violência urbana.

Porém, o que tem importado nas últimas décadas é o lucro que a atividade turística pode oferecer. Os grandes capitais nacionais e estrangeiros que vêm realizando investimentos turísticos na Ilha podem indicar a elevada margem de lucro que se obtém nessa atividade.

O discurso sempre a favor do turismo levanta questões que se contradizem, “pois constata-se que ele vem trazendo graves impactos que comprometem a sustentabilidade de Florianópolis” (RELATÓRIO DO CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA, 1996, p. 218). A rápida transformação das comunidades locais em balneários turísticos tem um caráter perverso, caráter este que não parece incomodar o poder público e a mídia local.

Torna-se fato que o jornal *Diário Catarinense* não se preocupa com as conseqüências negativas que a atividade turística pode trazer, como também afirma e assegura o argumento de que o turismo contribui para Florianópolis como um todo. Na data em que se comemora o aniversário de Florianópolis (23/03), um exemplo nítido, o *Diário Catarinense* faz elogios à capital, às suas belezas naturais e à sua *vocação turística*, como é possível verificar nestas notícias:

Floripa, Capital do século 21

Ó, lhó, lho, lho! Floripa está de aniversário. Parabéns pelos seus 276 anos, comemorados hoje. Ou seriam mais de três séculos, segundo alguns pesquisadores. Não importa. A precisão das datas, sob o ponto de vista histórico, claro, tem valor fundamental. Mas, para quem conhece e, principalmente, vive ao sabor da Ilha sabe que, por aqui, tudo é diferente. Da índole carismática dos manezinhos à paixão exacerbada dos que por estas bandas aportaram e decidiram, sem hesitar, adotá-la e criar raízes. Do amanhecer ensolarado. Convite irrecusável à caminhada, ao banho de mar. Ou a um simples contemplar. Indiferente da vista que se escolha. Seja no Norte, no Sul, na Lagoa da Conceição. Belezas sem igual, já dizia o poeta. São prazeres singelos. Arraigados à alma desta gente. [...] Anônimos criaram a base do que viria a se tornar a Capital do século 21. Um pedacinho de terra em meio ao Atlântico. Com o tempo, virou uma ilha multifacetada. Cosmopolita por excelência. Referência no Brasil de um indicador de qualidade de vida. (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.2002, p. 2)

A quarta melhor cidade do país

Um pedaço de terra cercado de água, de cobiça, de alegria e de muita gente que pretende se mudar para cá. Essa realidade começou a se instalar em Florianópolis quando a cidade foi considerada a capital nacional da qualidade de vida. [...]. Florianópolis continua liderando entre as capitais e é a quarta melhor cidade brasileira [...]. Todo esse ar de perfeição e suas contradições têm estado constantemente na mídia local e nacional, além das rodas de conversas em toda a cidade. [...] Segundo o Instituto de

Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), a cidade tem evoluído em vários aspectos. Entre eles a limpeza visual promovida no centro da cidade, na região do calçadão e de ruas próximas [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.2003, p. 6).

É preciso ressaltar um tipo de “limpeza” que ocorre em Florianópolis, realiza-se através do recolhimento da população que se encontra em situação de rua. Não é interessante que os turistas tenham diante de seus olhos algo além das lindas paisagens da cidade, como os moradores de rua e as favelas. Por isso, os “indesejáveis” devem retornar para seus municípios de origem, muitas vezes através do programa NAF – R, já que estão poluindo visualmente a “Ilha da Magia”. Podemos constatar que não foi a esta limpeza que o jornal se referiu.

Há nestas notícias uma supervalorização de Florianópolis, não só de suas belezas, mas também de seus habitantes. Com o intuito de compensar tantos elogios, o *Diário Catarinense*, para demonstrar que é um jornal imparcial, completa essas notícias de 2002 e 2003 com outros aspectos da cidade:

O desafio da ocupação ordenada

Um dos maiores desafios de Florianópolis é o crescimento desordenado. Suas inúmeras atrações geraram um boom imobiliário nunca antes registrado. A Capital de Santa Catarina possui, atualmente, uma área urbana equivalente a 47,1% do total de seu território, segundo levantamento do Instituto de Planejamento de Florianópolis (IPUF). [...] no fenômeno migratório registrado em Florianópolis nos últimos anos identifica-se dois grupos: o primeiro, da classe média e/ou também classe A [...]. Mas há, também, um crescente número de bolsões de pobreza. São agricultores, principalmente do Oeste e do Planalto, que, inconformados com as condições de trabalho no campo, resolveram tentar a sorte na Capital. A Prefeitura de Florianópolis realiza um mapeamento da situação. O que se sabe, na prática, é que existe um déficit habitacional de 10 mil moradias e 47 áreas críticas. Além disso, muito pouco se fala [...]. (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.2002, p. 3)

Planejamento para crescer

A boa-fama de qualidade de vida e a maneira como está sendo consolidado o crescimento exponencial não são um consenso entre a população. Entre as opiniões divergentes, está do chefe do Departamento do curso de Arquitetura da UFSC, o professor Lino Fernando Bragança Peres, que aponta para falhas e enumera soluções. “É preciso fazer um trabalho articulado em todos os campos”, afirma. [...] Com o crescimento significativo no número de pessoas de alta renda, também chegam em Florianópolis novos moradores com menos poder aquisitivo, que acabam

criando alguns bolsões de miséria na Ilha. “Esses bolsões agora também estão migrando para outras localidades. Para o continente e, principalmente, para Biguaçu”, afirma o professor. (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.2003, p. 7).

Grande parte das notícias levantadas nesta pesquisa não veiculava críticas e aspectos negativos de Florianópolis, a proporção de notícias que exaltam e valorizam a cidade é extremamente maior do que aquelas que trazem questionamentos e preocupações, sendo estas fragmentadas e com pouco destaque.

A expansão urbana em um ambiente insular tem limites claros. Qual é o desenvolvimento acertado para Florianópolis que a cidade possa suportar? É vantajoso continuar explorando a *vocação turística* de Florianópolis? É vantajoso para quem?

Para o CECCA (1996), é necessário reconhecer a condição insular da maior parte de Florianópolis; apontar quais os limites que temos para a ocupação humana na Ilha; reestruturar a economia ilhoa de acordo como nossas vocações e desconcentrar as inversões públicas.

A magia da Ilha, bastante abordada nessas notícias, é contrastada com os problemas de ocupação na cidade. Para Marcondes Filho (1986), se alguns aspectos da programação noticiosa incomodam o leitor, outras dimensões o reconfortam, a lógica da imprensa no capitalismo é exatamente a de misturar as coisas. Sem essa miscelânea, a imprensa, organizada como empresa lucrativa, não teria sobrevivência comercial.

É necessário que o leitor acredite que o jornal é imparcial e que ele não está submetido ao que é imposto pelo jornal. O autor afirma que “a dialética do alívio e da preocupação faz com que o jornalismo colabore efetivamente para a reformulação e a confirmação de opiniões e atitudes políticas e sociais”. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 21).

Enquanto estivermos submetidos à monocultura do turismo não será possível pensarmos em um futuro menos desigual para Florianópolis. Enquanto as paisagens e as comunidades forem comercializadas e estiverem submetidas à acumulação do capital, e enquanto os interesses de poucos se sobressaírem dos interesses coletivos, a produção e a reprodução desta organização social estará se afirmando com suas desigualdades e impossibilidades.

Após a exposição de considerações acerca da atividade turística em Florianópolis, trataremos a seguir do processo migratório e a relação com o jornal *Diário Catarinense*, com

a finalidade de analisarmos como a mídia escrita aborda a questão da migração da classe subalterna para Florianópolis.

2.2 O FENÔMENO MIGRATÓRIO E A PROCURA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

2.2.1 O Povoamento em Florianópolis

Com o objetivo de abordar a questão da migração para Florianópolis, faz-se necessário levantar aspectos relacionados ao povoamento da capital, a chegada dos migrantes na época em que Florianópolis era a Vila do Desterro, até os fenômenos migratórios mais recentes.

O processo de colonização em Florianópolis aconteceu primeiramente devido sua estratégica posição geográfica, despertando, dessa forma, um grande interesse dos colonizadores no desenvolvimento do comércio portuário e ainda no atendimento de embarcações viajantes. (CABRAL, 1999).

Desde o século XVI, a Ilha tem sido muito freqüentada por viajantes estrangeiros. Em meados de 1673, a Ilha de Santa Catarina foi colonizada, sendo denominada, primeiramente, povoado de Nossa Senhora do Desterro por seu fundador, Francisco Dias Velho. No século XVII, o povoado de Nossa Senhora do Desterro foi elevado ao título de Vila, recebendo a incumbência de ser a sede da Capitania de Santa Catarina, hospedando em seu território os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. (CABRAL, 1999).

De 1748 a 1756, desembarcaram em Santa Catarina cerca de seis mil imigrantes açorianos, dando início ao primeiro processo de ocupação efetiva do litoral catarinense. Em 1748 e 1749, os primeiros imigrantes foram estabelecidos na Vila de Desterro e seus arredores. Para fixar as famílias chegadas a partir de 1750, fundaram-se as freguesias de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa e a de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio. O crescimento populacional das áreas açorianas nas décadas seguintes exigiu novos desmembramentos das freguesias originais. Todos passaram a viver da agricultura no Brasil, tiveram que se adaptar ao cultivo agrícola herdado dos índios. (CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA, 1996).

Foi em 23 de março de 1823 que Desterro foi elevada à categoria de cidade, apresentando em suas estruturas arquitetônicas as características de uma típica cidade açoriana, com chácaras e sobrados, bondes puxados a burros. O porto existente no centro da

cidade tinha a função de intermediário do comércio exportador local, sendo utilizado para o escoamento da produção para outras cidades da região. (CABRAL, 1999).

No final de 1893, a Ilha foi invadida e declarada Capital Provisória da República. O Marechal Floriano Peixoto organizou, em 1894, frotas que invadiram a Ilha do Desterro. Os prisioneiros, levados a Anhantomirim, passaram por humilhações e tortura. Em 1894, a capital teve seu nome mudado de Desterro para Florianópolis, em uma polêmica homenagem de Hercílio Luz ao Marechal Floriano Peixoto, para que a vitória do presidente fosse eternizada, mas com o marechal ainda no poder, ninguém se atreveu a contestar a idéia. Nesta época, a capital se sustentava pelo comércio portuário, pela pesca e pela agricultura (LIBERTARIA, 2007).

Os dados sobre o crescimento populacional de Desterro, se comparados à maioria das capitais portuárias do Brasil, demonstram uma relativa lentidão e pode-se afirmar que tal ritmo foi mantido até a metade do século XX. Durante o decorrer das primeiras décadas do século XX, quando a iluminação elétrica ia substituindo o antigo sistema a querosene ou a gás, duas tendências evidenciavam a profunda alteração da essência sócio-econômica que acontecia na Ilha: a crise da atividade portuária e a estagnação da agricultura. (CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA, 1996).

De acordo com o relatório elaborado pelo CECCA (1996), o processo de urbanização, acompanhado do incontrolável êxodo rural que afetou as capitais e cidades brasileiras, ocorreu principalmente a partir dos anos 1950. Desde então, Florianópolis já totalmente improdutiva em suas tradicionais atividades de décadas passadas, começou a apresentar a nova fisionomia de cidade basicamente burocrática, com comércio e serviços ajustados apenas aos novos interesses. Mais integrada às cidades vizinhas e ao Estado pelo aumento das comunicações, a cidade cresce nos anos 1960 e 1970 com a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da ELETROSUL Centrais Elétricas S.A. e Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC).

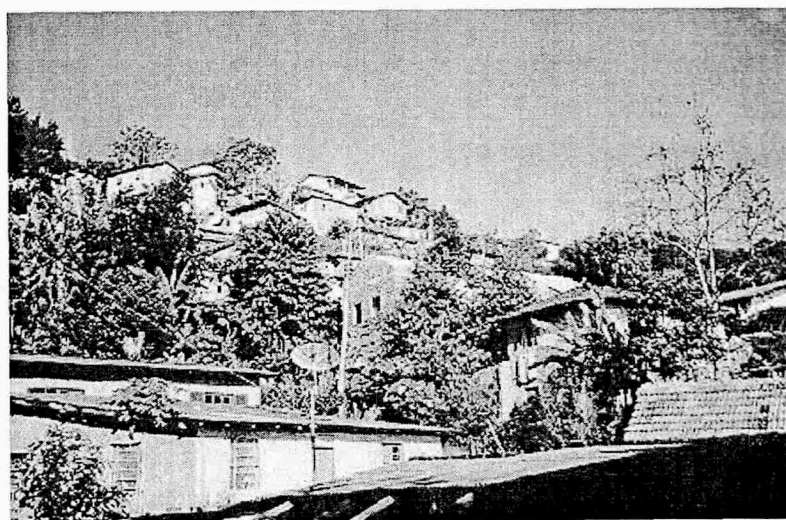
De acordo com o relatório Urbal (apud Ramos, 2005), a atividade de turismo e de lazer promoveu uma expansão urbana cada vez mais desvinculada da área central e converteu a urbanização de Florianópolis em um fenômeno polinucleado e descentralizado para os balneários.

Nas décadas de 1960 e 1970 houve um acentuado desenvolvimento urbano, incrementa-se a busca e a ocupação das praias pela população local e principalmente por turistas estaduais, interestaduais e estrangeiros, que transitam pela BR 101, recém construída e asfaltada. As conseqüências foram imediatas e devastadoras ao patrimônio natural e cultural.

Define-se nos anos 1970, o aglomerado urbano de Florianópolis, resultante do processo de conurbação que forma uma única malha urbana entre os municípios de Florianópolis, Biguaçu, São José e Palhoça. (CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA, 1996).

Segundo o relatório do CECCA (1996), Florianópolis teve um crescimento vertiginoso, entre 1960 e 1991 sua população cresceu 161%. Este fenômeno ocorreu em toda a área conurbada de Florianópolis, onde se registra no mesmo período um aumento populacional de 228%.

A partir da década de 1960, os fluxos migratórios foram basicamente de dois tipos. De um lado, os funcionários das empresas e repartições estatais recém-instaladas. Eram famílias de nível médio, oriundas do Rio Grande do Sul, Paraná e Rio de Janeiro, que vinham atender à demanda criada pelos novos empregos. O segundo fluxo migratório foi formado por famílias migrantes pobres atraídas pelas possibilidades de acesso e melhoria de vida oferecidas pela Capital do Estado. Oriundas de processos de expulsão das áreas agrícolas e, em muitos casos, das péssimas condições de vida de outras áreas urbanas. Para essa população não foi criada a infra-estrutura urbana necessária, assim foram ocupando as encostas dos morros em condições de moradia bastante precárias. (CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA, 1996).



Fonte: Site do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - www.cfh.ufsc.br - Foto do Morro do Mocotó

A característica da população migrante que vem para Florianópolis é mencionada no relatório CECCA divulgado em 1996:

No que se refere à característica da população migrante, na sua maioria é de origem urbana, destacando-se três fluxos básicos: aqueles que vêm preencher os cargos públicos administrativos, os estudantes universitários e o “tradicional rural-urbano ou urbano-urbano”. Os dois primeiros casos vêm morar preferencialmente na Ilha, os últimos se localizam nos demais municípios da aglomeração. (CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA, 1996, p. 104).

Nos últimos anos, o turismo na Ilha vem sendo cada vez mais incentivado, foram desenvolvidos grandes projetos de modernização e infra-estrutura nos balneários com o intuito de desenvolver o turismo em Florianópolis. Com isso, há um acelerado aumento no processo migratório e, conseqüentemente, um aumento da vinda da população da classe subalterna à procura de melhores condições de vida na dita capital da *qualidade de vida*.

2.2.2 O Fenômeno Migratório para Florianópolis

Neste trabalho, enfatizamos as migrações internas e a migração da classe subalterna. A identificação do processo migratório torna-se importante para compreendermos certas peculiaridades da urbanização de Florianópolis, tendo como foco a abordagem da mídia escrita sobre a migração para a capital de Santa Catarina.

A história das migrações para o Brasil é, de certo modo, a história do próprio país. Nas últimas décadas, o fenômeno migratório no país foi intenso. A partir de 1930, o êxodo rural assumiu proporções significativas, o Brasil transformou-se, em algumas décadas, de um país predominantemente rural, num país majoritariamente urbano.

O êxodo rural é um dos principais aspectos da migração interna. De 1945 a 1980, com a introdução de máquinas e técnicas modernas de cultivo e produção, as modificações nas relações de produção impulsionaram a urbanização, reduzindo a demanda por força de trabalho no campo. Grande parte da população rural migrou para os centros urbanizados para trabalhar.

Segundo Stédile (apud SCHAPOO, 2003), o êxodo rural é conseqüência de fatores como o baixo investimento na agricultura, a relação com a posse da terra, o grau de concentração, a existência da fome, a concentração na comercialização e industrialização dos produtos agrícolas, os quais constituem o problema agrário que persiste em nossa sociedade. As pessoas somente saem do meio rural porque não encontram mais alternativas de trabalho ou progresso econômico e de futuro em suas regiões ou locais de moradia.

Nos dias de hoje, o processo de urbanização apresenta características diferentes em relação às décadas anteriores, há um maior crescimento populacional entre as cidades com mais de cem mil habitantes e uma diminuição relativa da migração para as metrópoles.

Tabela 4: População Residente do Aglomerado Urbano de Florianópolis, 1970 a 2000

<i>Ano</i>	<i>Florianópolis</i>	<i>Biguaçú</i>	<i>Palhoça</i>	<i>São José</i>	<i>Total</i>
1970	138.337	15.337	20.652	42.535	216.861
1980	187.871	21.434	38.031	87.817	147.282
1991	254.941	34.027	68.298	139.318	496.584
1992	260.593	35.283	71.316	144.453	511.645
1993	266.858	36.563	74.394	149.691	527.506
1994	272.073	37.870	77.534	155.033	542.510
1995	277.156	39.202	80.736	160.483	557.577
1996	271.281	40.561	84.003	166.041	561.886
1997	285.279	41.948	87.335	171.710	586.272
1998	299.999	42.852	86.861	152.734	582.446
1999	315.479	44.804	94.200	183.392	637.875
2000	342.315	48.077	102.742	173.230	666.693

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Analisando a tabela, podemos perceber que a população da Grande Florianópolis triplicou entre a década de 1970 e o ano 2000. Neste sentido, ocorreu um crescente processo de urbanização na capital. As migrações para o aglomerado urbano de Florianópolis intensificaram no decorrer dos anos, o que impulsionou o aumento da pobreza urbana.

As causas e as motivações que levam aos deslocamentos são variadas, tendo conseqüências bastante diversificadas. Não podemos esquecer o direito humano de ir e vir, as funções sociais e econômicas dos deslocamentos, de um lado a relativa melhoria das condições de vida, da fuga de situações de opressão, as novas oportunidade abertas. Por outro lado, há aspectos negativos ou conflitivos, como a expulsão do lugar de residência, o desenraizamento cultural, a rejeição e a dificuldade de inserção no lugar de chegada. Hoje, em geral, a migração não é conseqüência de uma escolha livre, mas tem uma raiz claramente compulsória.

De acordo com Schapoo (2003, p. 76):

De uma maneira geral, define-se migração como uma mudança permanente ou semipermanente de residência. Não se põem limitações com respeito à distância do deslocamento, ou à natureza voluntária ou involuntária do ato, como não se estabelece a distinção entre a migração externa e a migração interna.

Para Souza (1980), a migração interna é um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país, que provocam o deslocamento horizontal de pessoas de todas as classes sociais, que, por razões diversas, deixam o seu município de residência e vão fixar residência noutra.

O processo migratório envolve pessoas de todas as classes sociais, porém os motivos predominantes de uma classe para outra não são os mesmos, ou seja, estas se diferenciam na participação do processo migratório.

Paul Singer (1981) destaca que as migrações internas são expressões da industrialização. A origem das migrações estaria nas disparidades e desigualdades sociais geradas pela industrialização nos moldes capitalistas.

Segundo Heidemann (1998), o migrante, como um protagonista social e cultural, como sujeito histórico, é sujeitado a uma organização econômica e social que determina os comportamentos e as atuações do migrante. Para o autor, entender as migrações em tempos globais é começar dialeticamente pelo fim, começar pelo entendimento do colapso da modernização e suas complexas formas nos limites e nas fronteiras da civilização.

Para Singer (1981), o trabalhador migrante não é um fenômeno do século XX e nem, acrescentamos, do século XXI. Homens e mulheres abandonam seus países, Estados e cidades em busca de trabalho em outros lugares, desde que exista o sistema do trabalho remunerado.

Florianópolis está incluída no processo de migração do país. Por ser uma cidade na qual a atividade turística é bastante incentivada, apresenta ao longo das últimas décadas um processo significativo de urbanização e aumento da população. Como mencionamos anteriormente, apresenta a peculiaridade de atrair tanto migrantes de classe alta e média, quanto migrantes da classe subalterna que muitas vezes não conseguem se manter na cidade.

O Programa NAF – R da Prefeitura Municipal de Florianópolis atende os migrantes da classe subalterna que vêm para a capital; o atendimento realizado com mais frequência é possibilitar o retorno do migrante para a sua cidade de origem. Faz-se necessário apresentar algumas características dos usuários deste Programa, com o intuito de apreender os objetivos, a procedência, o motivo da vinda do migrante pobre a Florianópolis.

No período de 2006, o NAF – R atendeu cerca de 3128 usuários, sendo que destes, 2144 são homens. A grande maioria dos migrantes atendidos (978) tem entre 18 e 28 anos. Quanto ao lugar de origem, 1306 usuários são do Estado de Santa Catarina, abrangendo quase a metade da quantidade total de pessoas atendidas. Daqueles provenientes de Santa Catarina, 64 retornaram para o município de Xanxerê, esta foi a maior quantidade de recambiamentos para uma cidade de Santa Catarina em 2006.

Sobre o motivo da vinda a Florianópolis, questão levantada pela equipe do NAF – R durante o atendimento ao migrante, podemos constatar o seguinte resultado:

Tabela 5: Motivo da Migração para Florianópolis

<i>Motivos/Meses</i>	<i>Jan.</i>	<i>Fev.</i>	<i>Mar.</i>	<i>Abr.</i>	<i>Mai.</i>	<i>Jun.</i>	<i>Julh.</i>	<i>Ago.</i>	<i>Set.</i>	<i>Out.</i>	<i>Nov.</i>	<i>Dez.</i>	<i>Total</i>
Conflito nos relacionamentos	00	03	12	14	09	06	03	03	17	12	11	07	97
Busca de trabalho	77	87	368	116	108	127	87	98	112	149	264	138	1731
Passagem pela cidade	03	05	10	25	13	06	02	05	09	40	16	08	142
Problemas em fixar residência	03	01	25	30	10	00	00	07	08	25	10	08	127
Tratamento de saúde	06	09	12	36	30	08	12	12	15	21	09	10	180
Procura de parentes	01	02	09	23	10	04	01	09	06	08	02	03	78
Reside em Florianópolis ou Grande Florianópolis	02	02	42	45	22	29	19	18	12	08	07	09	215
Tratamento em Comunidades Terapêuticas	14	03	04	35	20	08	09	15	18	21	08	06	161
Passeio	04	02	02	15	10	04	02	06	06	03	02	04	60
Visitar parentes doentes	01	00	02	23	22	00	00	02	03	12	09	03	77
Problemas econômicos	00	00	04	19	08	03	03	05	03	14	08	02	69
Está acompanhando	01	01	24	09	15	00	00	00	03	02	04	03	62
Outros	09	09	25	09	21	13	15	05	02	17	02	02	129
Total	121	124	539	399	298	208	153	185	214	332	352	203	3128

Fonte: NAF – R/Prefeitura Municipal de Florianópolis – Elaboração própria.

É possível verificar que grande parcela dos usuários atendidos pelo NAF – R migraram para Florianópolis à procura de emprego, 1731 pessoas. Neste caso, constata-se a iniciativa dos migrantes da classe subalterna em buscar melhores condições de vida na capital através da procura por emprego. Porém, muitos destes usuários não possuem qualificação e não conseguem emprego, não permanecendo por muito tempo em Florianópolis.

Para Marx (1989), a acumulação capitalista sempre produz uma população trabalhadora supérflua que ultrapassa as necessidades médias da expansão do capital, tornando-se excedente. Esta população é produto necessário do desenvolvimento da riqueza no sistema capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível que pertence de maneira absoluta ao capital.

Na visão de Souza (1980, p.10):

Os grupos sociais sempre emigram na direção daqueles espaços geossociais, onde o sistema capitalista concentra as maiores ou as melhores oportunidades em emprego, bem-estar e ascensão social. Por conseguinte, as migrações internas de um país não são um hábito congênito de sua população, mas, ao contrário, surgem historicamente como uma decorrência de suas mudanças sociais.

A mídia escrita local, no caso desta pesquisa, o jornal *Diário Catarinense*, além de claramente incentivar a atividade turística, supervalorizando as belezas naturais, a *qualidade de vida* e outros aspectos “positivos” de Florianópolis, ilustra a questão da migração para o Estado de Santa Catarina, destacando aquilo que quer mostrar. Os títulos das notícias que tratam da questão da migração levantadas na pesquisa podem ser verificados no quadro a seguir:

Quadro 1: Títulos das Notícias sobre Migração

<i>Data</i>	<i>Título</i>
17/08/1997	O censo 96 e as Migrações.
06/10/1997	Migrações.
03/03/1998	Povoamento da Ilha.
09/05/2002	Estado lidera a MIGRAÇÃO.
09/05/2002	Mais migrantes e menos católicos.
07/05/2003	Uma cidade no limite.
28/06/2003	Florianópolis cresce o dobro da média nacional, revela IBGE.
28/06/2003	Florianópolis concentra a migração.
01/07/2003	A capital e as migrações.
03/07/2003	Migrantes com curso superior preferem Santa Catarina.
03/07/2003	Santa Catarina é o destino preferido dos formados.
03/07/2003	Migração contribui para mais empresas.
07/03/2005	Pequenas cidades de SC encolhem com a migração.
07/03/2005	Migração esvazia pequenas cidades.
23/03/2005	Controle para a migração.
19/06/2005	Florianópolis atrai e desafia migrantes.
19/12/2005	A capital dos diferentes sotaques.

Fonte: Diário Catarinense – Elaboração própria

O jornal *Diário Catarinense* traz notícias que abordam a questão da migração tanto para Florianópolis quanto para o Estado. Muitas dessas notícias fazem uma relação direta com o aumento da criminalidade e da ocupação desordenada na capital. Por outro lado, levantamos notícias que enfatizam as ofertas de empregos e oportunidades que divulgam a possibilidade

do migrante conseguir uma melhor condição de vida na Ilha. As notícias que seguem podem sintetizar essa questão:

A capital e as migrações

Quase todo o crescimento, em uma escala global, está ocorrendo nas cidades. [...] A Grande Florianópolis acaba de ser apontada pelo IBGE como a região brasileira com maior concentração de migrantes, e estes não param de chegar. Nos últimos 10 anos, somente a população da Capital cresceu a uma velocidade de 3,31% ao ano, quase o dobro da média nacional, que foi de 1,64%. Hoje, conforme o último Censo, Florianópolis tem 342,3 mil habitantes, cerca de 100 mil a mais que o início da década de 90. Os serviços urbanos essenciais nem de longe acompanharam esta estonteante progressão, apesar dos esforços realizados pelos poderes públicos. O lado perverso da explosão demográfica evidencia-se no dia-a-dia da vida urbana na Capital, que se alterou dramaticamente. A disparada da violência e dos registros policiais de todas as modalidades de delitos, de assaltos e seqüestros-relâmpagos a homicídios com características de execução é tão-só uma dessas evidências. [...] Um fator que deve ter peso específico na definição de alternativas para melhorar a qualidade de vida que a cidade proclama, mas que está perdendo. Aos poucos, e inexoravelmente. (*Diário Catarinense*: 01.07.2003, p. 10).

Economia de SC abre 48 mil vagas

Se as projeções dos setores produtivos do Estado se confirmarem, 2002 será o ano do emprego. Mais de 48 mil vagas deverão ser abertas este ano na indústria, comércio, serviços e nas administrações públicas, estaduais e municipais, seguindo a tendência de crescimento no nível de emprego, iniciada em 2000 e consolidada no ano passado. A indústria catarinense, ao contrário da tendência nacional, está abrindo novas vagas há três anos. No ano passado, foram 12 mil novos postos de trabalho, desempenho que deve se repetir este ano. [...] A agroindústria tem grandes oportunidades no mercado internacional e deve aumentar a produção. O setor têxtil passou por uma prova de fogo há pouco tempo e vem se reestruturando, admitindo pessoal. Nas telecomunicações, as cinco maiores produtoras do Estado não pagam royalties e os resultados delas ficam na integralidade em SC. [...] (*DIÁRIO CATARINENSE*: 13.01.2002, p. 14).

Em algumas notícias, a migração da classe subalterna mistura-se à questão da disparada da violência urbana. O discurso do jornal generaliza os migrantes pobres como responsáveis diretos do aumento da criminalidade na cidade. O jornal reforça a discriminação existente em relação aos pobres.

As notícias do *Diário Catarinense* que dizem respeito à temporada de verão em Florianópolis colocam em primeiro plano as oportunidades de empregos, principalmente os

temporários, que a capital oferece, passando a ter relação com a migração sazonal e temporária, “o sujeito é obrigado a sair temporariamente para outro lugar em busca de meios de sobrevivência. É a forma mais dramática de migração, a migração temporária. Ele não aparece nas estatísticas de migração”. (MARTINS, 1998, p. 25). Cabe aqui remetermos à Tabela 3.

Temporada de oportunidades

As previsões sobre a próxima temporada de Verão em Santa Catarina são otimistas. A partir da próxima semana, as empresas voltadas para o setor – hotéis, bares, restaurantes e outros estabelecimentos – começam a selecionar os candidatos a empregos temporários para garantir o atendimento ao turista. Na Grande Florianópolis, as contratações devem somar 10 mil vagas, principalmente nos segmentos de hospedagem e refeições. No total, calcula-se a abertura de algo em torno de 50 mil ocupações em todo o Estado. Vem aí o Verão das oportunidades [...]. Mas cabe registrar que turismo de qualidade exige profissionalização e garantias de serviços à altura das exigências dos visitantes. (DIÁRIO CATARINENSE: 30.08.2005, p. 3).

Além de divulgar a *vocação turística* de Florianópolis, o *Diário Catarinense* assegura em suas notícias as ofertas de emprego que este turismo sazonal requer: qualificação para atender a demanda do turista classe A. Porém, grande parte dos migrantes que chega à Ilha para trabalhar na temporada de verão não possui qualificação para atuar neste mercado, muitos sequer são alfabetizados, a consequência desta situação, é que estes migrantes não vão conseguir emprego ou irão trabalhar em subempregos e na informalidade.

A migração das classes alta e média é abordada pelo *Diário Catarinense* dando ênfase que o Estado tem seu diferencial se comparado aos demais Estados do país. Porém, o jornal declara que os catarinenses estão perdendo postos de trabalho para migrantes formados de outros Estados.

SC é o destino preferido dos formados

O catarinense que está em busca de uma vaga no mercado de trabalho deve ficar atento: Santa Catarina foi o Estado do país que mais recebeu migrantes com curso universitário nos últimos anos, mostra pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). [...] Os dados do IBGE mostram que, no período de 1996 a 2000, mais de 7 milhões de brasileiros trocaram de cidade ou de estado em busca de oportunidades de emprego ou estudo. Desse total, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul receberam, juntos, aproximadamente 1,2 milhão de pessoas (com ou sem curso superior). A pesquisa não detalha em quais setores do mercado os migrantes formados atuam, tampouco o salário que recebem. Em Florianópolis, é

grande a quantidade dessas pessoas em órgãos governamentais, sobretudo porque a cidade não tem indústria forte. A Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (Acif) aponta que o processo migratório faz crescer a rede de serviços, como restaurantes. A cidade recebe mão-de-obra qualificada e desqualificada. As duas são necessárias, mas têm implicações: encurtam o mercado de trabalho para os catarinenses, aponta a Acif. [...]. (DIÁRIO CATARINENSE: 03.07.2003, p. 4).

O jornal mostra claramente, em algumas notícias, que o migrante representa para o nativo, para o catarinense e principalmente para o florianopolitano, uma ameaça ao seu trabalho, à sua segurança e tranquilidade.

Uma reportagem de 19 de junho de 2005 trata do processo de migração e do Programa da Prefeitura de Florianópolis, o NAF – R. Nesta notícia, são apresentados depoimentos de migrantes que se adaptaram na capital e outros que tiveram que voltar para sua cidade de origem através do NAF – R.

Florianópolis atrai e desafia migrantes

Pessoas de todas as partes do Brasil deixam sua cidade natal rumo à Capital atrás da propalada qualidade de vida, mas a experiência nem sempre ocorre conforme o planejado, muitos acabam voltando sem concretizar seu sonho. [...] Florianópolis recebe todos os dias uma média de 16 novas famílias. Pessoas que deixam sua cidade de origem em busca de uma vida melhor.

Tendência é vinda de famílias de alta renda

Atraídos pelas paisagens litorâneas que parecem saídas de uma propaganda de bronzeador, e pela incensada qualidade de vida, até protagonistas de novela global já procuram imóveis à venda na Ilha. [...] Para Erni Seibel, professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política na UFSC, a migração de famílias com alto poder aquisitivo – tendência observada em Florianópolis nos últimos anos, principalmente em locais como Jurerê Internacional – é justificada pelo inchaço populacional nas grandes cidades. - Quem migra de uma cidade para outra está em busca de emprego e de condições de proteção social, como estrutura em saúde, educação e segurança – explica Seibel.

Forasteiros colaboram com o desenvolvimento

[...] De acordo com Lauro Mattei, professor do Departamento de Economia da UFSC, os migrantes são responsáveis pelo desenvolvimento econômico das cidades em que se instalam. O fluxo migratório dinamiza as regiões, gera consumo e possibilidades de emprego – afirma Mattei, que ressalta a importância do planejamento urbano e de investimentos em infra-estrutura. - O Estado vende uma idéia de qualidade de vida, portanto, é normal que receba mais migrantes. Precisamos estar preparados para receber essa população.

Prefeitura dá passagem de volta para a casa

A Capital conta com um Programa de apoio a famílias migrantes sem possibilidade de renda. O projeto, chamado Núcleo de Apoio à Família (NAF) é responsável pelo acolhimento, orientação e encaminhamento de migrantes aos seus estados de origem. Há casos em que o NAF fornece

passagens rodoviárias aos interessados. O programa distribui também kits de higiene (sabonete, toalha, escova e pasta de dentes) e lanche (sucos, biscoitos e frutas). Para que uma pessoa ou família possa contar com a doação das passagens, deve ser comprovada, por meio de entrevistas com assistentes sociais, a falta de recursos para a volta para a casa. [...]. (DIÁRIO CATARINENSE: 19.06.2005, p. 35).

Nesta notícia é possível perceber a concepção política que o jornal assume. De um lado, deixando evidente que a tendência da migração para Florianópolis é a vinda de famílias de alta renda, com uma direta associação com o desenvolvimento econômico que esta parcela de migrantes pode proporcionar para a Ilha, ressaltando a importância deste tipo de migração. Por outro lado, o jornal fala pelo migrante pobre, já que a capital não tem condições de assumir a classe subalterna que chega na cidade à procura de melhores condições de vida. Não interessa para Florianópolis este tipo de migração, o jornal divulga a *doação* de passagens que a Prefeitura local realiza, como forma de *ajudar* o migrante pobre, pois o espaço para esta classe torna-se limitado na capital, apontando que a medida comum é voltar para o município de origem.

Ao longo deste capítulo, vimos a reprodução das idéias e concepções do poder dominante, bem como da mídia local em afirmar a *vocação turística* de Florianópolis, em realizar uma diferenciação entre a migração das classes média e alta e a migração da classe subalterna. Cabe questionarmos a posição assumida pela classe dominante e a abordagem da mídia acerca das temáticas do turismo e da migração para a capital.

A *vocação turística* de Florianópolis não é algo natural, e sim é construída pelo discurso da elite com o apoio da mídia. O jornal tem a intenção de apresentar a atividade turística como algo intrínseco à capital, o que por muitas vezes torna-se o discurso de grande parcela da população. Por isso a necessidade de problematizar questões já naturalizadas, indo de encontro com os interesses da classe dominante local.

3 A IDEOLOGIA DA QUALIDADE DE VIDA

“Se pudéssemos resumir, diríamos que qualidade de vida é participação. É o mais qualitativo daquilo que poderíamos chamar de qualidade. Porque é o momento em que o homem mais se encontra consigo e com os outros.”

Pedro Demo⁷

Para alcançarmos o objetivo de analisar como a mídia escrita aborda a questão da migração para Florianópolis, realizamos no primeiro capítulo considerações acerca da notícia e do contexto histórico na qual esta pesquisa está inserida. No segundo capítulo, buscamos explicitar a questão da *vocação turística* de Florianópolis, bastante explorada pela mídia local, e sua relação com o crescente processo migratório para a capital.

No intuito de enriquecer o universo de análise desta pesquisa, buscou-se questionar neste capítulo o discurso da *qualidade de vida* de Florianópolis, como este é incorporado, bem como as concepções ideológicas reproduzidas pelo jornal, que fazem com que a capital tenha uma imagem que não represente a real situação da cidade.

3.1A IDEOLOGIA E A NOTÍCIA

Para compreendermos a relação da mídia escrita com o processo de formação ideológica é necessário iniciarmos com alguns conceitos. A palavra ideologia foi usada pela primeira vez no sentido político, segundo Marcondes Filho (1994), por Karl Marx, há mais de cem anos. Marx dizia que a luta existente entre a classe trabalhadora e a classe dos proprietários era uma luta que não ocorria somente na prática, ou seja, não ocorria somente pelo confronto e agressão física, mas também como uma divisão em relação às idéias que essas classes possuíam.

A questão da ideologia nos dias atuais é muito mais ampla. Ideologia não é apenas uma questão política: ser contra ou a favor ao proletário, à burguesia, ao capitalismo. A ideologia pertence sempre a um grande grupo de pessoas, nunca a um sujeito separadamente. (MARCONDES FILHO, 1994).

⁷ Extraído de: Ramos (2002).

Ideologia, portanto, é um conjunto de idéias, de procedimentos, de valores, de normas, de pensamentos, de concepções religiosas, filosóficas, intelectuais, que possui uma certa lógica, uma certa coerência interna e que orienta o sujeito para determinadas ações, de uma forma partidária e responsável. (MARCONDES FILHO, 1994, p. 28).

Para Chauí (1980), os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas idéias ou representações tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Segundo a autora, esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia.

É impossível compreender a origem e a função da ideologia sem compreender a luta de classes, pois a ideologia é um dos instrumentos da dominação de classe e uma das formas da luta de classes. A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação sem que seja percebida como tal pelos dominados. (CHAUÍ, 1980).

A ideologia é algo explorado diariamente, desta maneira os meios de comunicação e algumas instituições têm a função de reforçá-la no cotidiano. O jornal *Diário Catarinense*, aliado a grupos políticos locais, passa a ter o objetivo de formar opiniões que favoreçam as concepções ideológicas da classe dominante, reforçando nos leitores valores e idéias de uma minoria, como a questão da *vocação turística*, que analisamos no capítulo anterior e a questão da *qualidade de vida*, que abordaremos no próximo item.

Quando as idéias são incorporadas no senso comum, a ideologia tem seu objetivo alcançado. Por meio dela, o ponto de vista, as opiniões e as idéias da classe social dominante tornam-se o ponto de vista e a opinião de todas as classes e de toda a sociedade.

Na visão de Garcia (1983), uma ideologia nunca surge ao mesmo tempo para todos os membros de uma determinada classe. Geralmente, é apenas um pequeno grupo que consegue adquirir consciência e visualizar um quadro completo de sua realidade, mas de nada serve sua atuação isolada. Por isso a importância do apoio, se não de todos, ao menos de uma grande maioria dos membros de uma mesma classe, para que possam atingir qualquer resultado. Um grupo, percebendo possibilidades de progresso ou a necessidade de defesa contra certas ameaças, procura difundir suas idéias. Já que se não houver idéias comuns, torna-se impossível coordenar, integrar as ações, organizar as lutas e os movimentos.

Para o autor, uma ideologia contém três tipos básicos de idéias:

São as representações, os valores e as normas. Representações são idéias a respeito de como é a realidade: como está organizada a sociedade, em que classes se divide, se há ou não exploração de uma pela outra, como ocorre a exploração etc. Valores são idéias a respeito de como deve ser a realidade: a organização social deve ser diferente, sem classes e sem exploração ou, então, tudo deve permanecer como está. Finalmente, normas são aquelas idéias a respeito do que deve ser feito para transformar a realidade ou mantê-la nas condições em que se encontra: votar no candidato que torne a sociedade menos injusta, organizar uma greve para forçar o governo a providenciar mudanças ou, para aqueles que querem manter a situação, usar força policial para reprimir reivindicações, demitir operários grevistas etc. (GARCIA, 1983, p. 25).

A ideologia surge como uma forma parcial de ver e representar o mundo, das idéias de grupos particulares, esta percepção é de apenas uma parte do mundo, porém o mundo real é muito maior, neste sentido, a ideologia é uma percepção inacabada do mundo.

Marcondes Filho (1986) afirma que a notícia tal como se apresenta para o receptor, como forma quebrada da realidade, como pedaço do real, de onde se abstrai somente o fato específico que a originou, atua no receptor participando de um jogo psíquico, em que num momento ela desencadeia processos de preocupação e, noutro, de alívio e descontração. A política da notícia tende a incentivar permanentemente a passividade, a acomodação e a apatia em seus receptores.

De acordo com o autor, a produção ideológica do jornal parte do princípio de maximização dos lucros. Trata-se de empregar ao máximo o conhecimento do gosto, dos desejos, das necessidades, do comportamento, para fins empresariais e políticos. (MARCONDES FILHO, 1986).

Há implicações em relação ao jornal de ordem política e ideológica. A notícia como mercadoria veicula ideologia, pois se vendem representações, valores e normas, já que o jornal é um formador de opinião. A construção do processo ideológico faz parte da manipulação executada pelo jornal.

Para Marcondes Filho (1986), a manipulação é parte integrante, necessária, da transmissão jornalística. O tratamento que sofre a notícia antes de chegar ao receptor é o principal modo de se operar a chamada “manipulação” jornalística; é também onde se opera a adaptação ideológica, a estruturação da informação com fins de valorização e de interesse de classe.

O autor caracteriza três formas de encobrimento da notícia: a visão fragmentada e personalizada dos processos sociais, o uso da técnica e da lingüística e a sonegação das informações “indesejáveis”. A fragmentação da notícia produz mentalidades fragmentadas, diluídas, difusas, que vêem o contexto social, a realidade, sem nenhum nexos, sem nenhum fio ordenador. É uma técnica também mercadológica, é a desvinculação da notícia de seu fundo histórico-social; são destacados aspectos determinados e outros permanecem em segundo plano. (MARCONDES FILHO, 1986).

Esta forma de manipulação pode ser confirmada em diversas notícias veiculadas pelo *Diário Catarinense* quando diz respeito à supervalorização de Florianópolis; é possível destacar as seguintes notícias:

Florianópolis, ano 276

[...] Ao completar 276 anos de sua organização jurídica e institucional, Desterro, agora Florianópolis, o faz na condição de Capital brasileira com melhor qualidade de vida. A herança dos pioneiros do passado foi honrada pelas gerações que os sucederam. Florianópolis cresceu em qualidade e diversidade. A cidade deste amanhecer do século 21 atrai gente de todos os lugares, é um dos maiores pólos turísticos do país, um respeitado centro universitário e de geração de tecnologia de ponta. Data que merece ser comemorada por quantos têm o privilégio de aqui morar. (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.2002, p. 3).

Entre as 10 mais

A revista *Newsweek*, edição internacional da primeira semana deste mês, destaca as dez cidades mais dinâmicas do mundo. Está lá, Florianópolis, junto com cidades norte-americanas, européias e asiáticas. [...] A décima cidade é Florianópolis, cujo virtuoso ciclo começou com a dispensa da indústria pesada. Entre 1970 e 2004 a população da cidade triplicou, segundo ele, pela atração das condições ambientais, belezas naturais, segurança, qualidade de vida. Afirma que a rede de ensino com universidades públicas e privadas fazem da cidade a que tem a maior escolarização do Brasil. [...] É com essa preocupação que a SC Parcerias está engajada em projetos como o Planejamento Regional pós-industrial do turismo, encomendado ao Estúdio S3, do Italiano Domenico DeMasi, que instala uma sucursal aqui; a implantação do Aeroporto Industrial; o desenvolvimento do Sapiens Park; o projeto Film Commission; a nossa versão do famoso festival de Ravello, a consolidação do Parque do Rio Vermelho. Medidas que certamente contribuirão para manter Florianópolis entre as cidades mais dinâmicas do mundo. (DIÁRIO CATARINENSE: 20.07.2006, p. 10).

A notícia veiculada de forma fragmentada é uma forma de manipulação do jornal, produzida desta forma faz com que o leitor não compreenda Florianópolis em um contexto mais geral. O *Diário Catarinense* mostra aquilo que lhe interessa, reduz a notícia, divulgando aspectos que o próprio jornal considera positivo da capital, como a segurança, a *qualidade de vida*, sem sequer levantar fatos contrastantes desta mesma cidade que está entre as “dez mais dinâmicas do mundo”.

Quanto às demais formas de manipulação jornalística, Marcondes Filho (1986) explica que a personificação dos processos sociais espelha-se na matriz do discurso burguês. Os fatos aparecem soltos, sem relacionamento com fatores internos macrosociológicos da realidade. Uma das maneiras da personificação dos processos sociais ocorre através da ideologia, força o receptor a um contexto de valorização burocrática e dependente e subtrai-lhe a possibilidade de colocar-se de forma co-dirigente diante das instituições que são básicas para a sua vida.

O uso da linguagem e da técnica é também uma forma de falseamento noticioso. A utilização de termos técnicos desconhecidos da maior parte dos leitores e, principalmente, dos telespectadores, dificultam seu entendimento e são facilmente manipuladores. Por fim, a política de destaque e da supressão de informações é outra forma de encobrimento da notícia, o jornal extrai da realidade o que lhe interessa e isso se transforma em notícia; da realidade é extraída somente uma parte útil, avaliada segundo objetivos puramente particularistas. A função política efetiva do jornal na sociedade de classes não é a de noticiar, mas de moldar os fatos e reproduzir a vida pública e privada conforme os parâmetros ideológicos de seus produtores. (MARCONDES FILHO, 1986).

Para Garcia (1983), a propaganda ideológica permite disseminar, de forma persuasiva, para toda a sociedade, as idéias de determinado grupo. Depois de emitida, através de diversos meios e suportes de comunicação, elas passam a ser retransmitidas, direta ou indiretamente, nas diversas instituições sociais, ampliando e reforçando o processo de difusão. A ideologia se espalha em todas as camadas da sociedade, todos passam a ser orientados para os mesmos fins e enquadrados dentro dos mesmos princípios.

É importante ressaltar que o jornal *Diário Catarinense* pertence ao Grupo RBS, grupo que monopoliza os meios de comunicação, como televisão, rádio, jornal do Estado. O Grupo RBS possui vínculos e interesses que condizem com os da classe dominante, disseminando desta maneira sua ideologia, como expomos no primeiro capítulo deste trabalho.

O *Diário Catarinense*, como um meio de comunicação inserido no capitalismo, tem a finalidade de vender seu produto, disseminar ideologias, transferindo para todas as classes sociais interesses da classe ideologicamente dominante. O controle ideológico, estabelecendo

os limites do que pode ou não ser divulgado e como será divulgado, reprime as manifestações que são contrárias à ordem vigente.

Buscamos neste trabalho levantar as notícias que apresentavam Florianópolis através da valorização de suas características e relacionar este processo com o fenômeno migratório para a capital. Nestas notícias, foi possível perceber as ideologias e a política que o jornal reproduz e se orienta. Como ilustram as seguintes notícias:

Entre o mar e a montanha

Florianópolis é um desafio aos olhos e à compreensão dos visitantes. Não só por sua inusitada configuração urbana dividida entre o continente e a Ilha de Santa Catarina, mas, principalmente, pela diversidade de paisagens que se espalham por seus 451 quilômetros quadrados. A parte insular é caracterizada por um relevo irregular e por uma costa bastante recortada que, com suas 42 praias, tornou a cidade internacionalmente conhecida. O peculiar perfil da população, aliado a riquezas naturais como lagoas, mangues, morros, dunas e pequenas ilhas completam o quadro que faz de Florianópolis um lugar fascinante. Esta mágica atração que a Ilha exerce sobre as pessoas não é um fenômeno atual. Sua beleza natural já inspirava descrições apaixonadas dos navegadores dos séculos 18 e 19. Em 1809, o viajante inglês John Mawe destacava em seus relatos o clima “ameno e saudável”, a fertilidade do solo, como uma infinidade de espécimes florais e uma fauna diversificada. [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 23.03.2002, p. 6).

Mídia internacional

Floripa emplacou bonito no último sábado, 25, no Financial Times, um dos mais importantes jornais do mundo, com uma bela e extensa matéria falando sobre nossa cidade. O jornalista David Baker se deixou levar pelas belezas da Ilha. “Uma Ilha suculenta – e não só pelos frutos do mar. Os brasileiros dos grandes centros urbanos estão começando a olhar com inveja para Santa Catarina, a meca dos mariscos do país. Em Florianópolis o ar é puro. A luz, suave e clara. O ritmo das coisas é desacelerado. E, em uma pequena ilha gramada na interseção de duas avenidas, um cavalo de pelo lustroso pastava contente, indiferente ao tráfego à sua volta.” E por aí vai. Só elogios à cidade e ao seu povo. Realmente, chegando com boas intenções, não há quem não se apaixonem! (DIÁRIO CATARINENSE: 29.03.2006, p. 39)

O jornal quer vender a imagem do paraíso, invejado por suas belezas naturais, pelo seu ritmo de vida, pelo ar, pela luz. Torna-se claro o interesse do jornal em confirmar as ideologias construídas sobre Florianópolis, principalmente de símbolo de *qualidade de vida* no Brasil. É de interesse do jornal destacar questões que favoreçam a elite local, os meios

políticos e empresariais. O *Diário Catarinense* contribui para isto através de suas notícias fragmentadas e manipuladoras.

Em contrapartida, está a realidade vivida pelos migrantes usuários do NAF – R, programa da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Pessoas que chegam na cidade com a certeza de aqui viverão de maneira mais digna, mas a realidade que esta parcela da população tem que enfrentar difere de suas expectativas. Sem qualificação, vínculo na cidade, local para ficar, estes migrantes acabam não conseguindo emprego e sem opção, retornam para a cidade de origem com o auxílio da Prefeitura de Florianópolis, desacreditados das oportunidades do “paraíso”.

Os usuários que são atendidos pela equipe do NAF – R, na maioria das vezes, solicitam passagem para retornar ao município de origem. Após o atendimento do usuário, e de acordo com critérios do programa, a passagem leva cerca de cinco dias para ser fornecida, sendo que grande parte dos usuários está em situação de rua. A equipe do NAF – R marca a passagem e acompanha o embarque, uma ação com caráter fiscalizador, com o intuito de comprovar a partida dos migrantes. Segue o histórico de uma usuária atendida pelo NAF – R.

A usuária chegou com o marido em Florianópolis há dois meses. Vieram de Chapecó/SC para trabalhar na temporada de verão, como ambulantes. Trabalharam em janeiro e fevereiro, porém no momento não conseguem mais se manter na cidade com o trabalho de ambulante. O casal não tem mais como pagar aluguel do local onde estão morando. Querem retornar para Chapecó, pois terão ajuda de seus familiares. Os usuários afirmam que não possuem condições para pagar as passagens de volta. R. B. M. (19 anos) e G. M. (24 anos). (ARQUIVO DO NÚCLEO DE APOIO À FAMÍLIA – RODOVIÁRIO, março de 2007).

Há aspectos da realidade de Florianópolis que não são interessantes em ser divulgados como realmente são. O jornal molda e fragmenta a notícia de acordo com seus interesses. De acordo com Santos (2004), a notícia expressa os valores implícitos na ideologia capitalista. O jornal tem relação direta com o capitalismo, pois surgiu como instrumento de divulgação de informações sobre as mercadorias, para que estas fluíssem mais rapidamente. “É possível vislumbrar que não há e não pode haver neutralidade nas notícias”. (SANTOS, 2004, p. 76).

De acordo com Garcia (1983), os noticiários de jornais, rádio e televisão e os documentários cinematográficos transmitem as informações como se fossem neutras, mera e simples descrição dos fatos ocorridos. Mas, essa neutralidade é apenas aparente, pois as

notícias são previamente selecionadas e interpretadas para favorecer determinados pontos de vista.

Como não há neutralidade, o jornal confirma cotidianamente suas concepções ideológicas, que condizem com a ideologia da burguesia, da classe dominante local. As idéias veiculadas pelo jornal interferem nas opiniões das pessoas sem que estas percebam. São “obrigadas” a conhecer a realidade apenas naquele aspecto que tenham sido previamente permitidos, já que as notícias e a forma como são apresentadas pelo jornal são controladas e direcionadas para atingir um determinado objetivo.

No próximo item, ressaltamos a questão da *qualidade de vida*, expressão presente no discurso do jornal *Diário Catarinense*. O interesse em abordar esta temática parte da concepção de que a *qualidade de vida* explorada pelos meios de comunicação e no meio político de Florianópolis não condiz com a real situação de grande parcela da população, principalmente dos migrantes da classe subalterna que chegam na capital e vivem o lado obscuro da cidade.

3.2 QUALIDADE DE VIDA: EXPRESSÃO PRESENTE NO DISCURSO DO JORNAL

A idéia da alta *qualidade de vida* em Florianópolis é vendida pelo *Diário Catarinense*. A ênfase na capital da *qualidade de vida* pode ser verificada em diversas notícias veiculadas pelo jornal; é uma forma do discurso dominante encobrir características reais da cidade, não existindo dessa maneira, a necessidade de apresentar respostas sérias para uma sociedade repleta de conflitos e contradições.

Iniciamos este item pela reprodução da notícia, a seguir, que descreve o orgulho do índice de *qualidade de vida* do Estado e dando o tom de imparcialidade, termina apontando problemas à espera de soluções.

Desenvolvimento humano

O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) que aponta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do planeta, divulgado esta semana, coloca o Brasil na 65ª posição entre 175 nações, mas, ao mesmo tempo, aponta o país como que mais posições galgou no ranking nos últimos anos. Entre 1975 e 2001, o Brasil subiu 16 posições. A realidade de Santa Catarina é melhor que a do Brasil. O Estado apresenta indicadores sociais que se colocam bem acima da média nacional. Ocupando tão-só 1,1% do território do país, com uma economia diversificada e estrutura fundiária baseada na pequena propriedade de origem familiar, tem mantido um ritmo

de crescimento econômico que o coloca em posição privilegiada, mesmo em movimentos de crises conjunturais. Deve-se isto também à indesmentida competência de suas lideranças empresariais e à qualidade de mão-de-obra. Com uma renda per capita de R\$ 6,67 mil reais – a quarta do país-, a segunda menor taxa de mortalidade infantil e a segunda maior taxa de alfabetização, com 94,3% de alfabetizados, o IDH de Santa Catarina dispara também à frente da média. [...] As positivas marcas exibidas pela terra catarinense, entretanto, não devem servir de pretexto para ignorar que ainda subsistem bolsões de carência e graves problemas à espera de soluções. [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 12.07.2003, p. 10).

Nesta notícia, podemos verificar as intenções do jornal em privilegiar a elite empresarial de Florianópolis, comentando e destacando a indesmentida competência das lideranças empresariais. Outra questão que recebe destaque é a qualidade de mão-de-obra presente no Estado, em contrapartida a esta qualidade citada está uma grande parcela da população que não possui a qualificação exigida e aceita a oportunidade que surgir, se surgir. Sendo que esta renda per capita divulgada de forma privilegiada pelo jornal expõe a extrema desigualdade social existente na cidade, onde muitos lutam pela sobrevivência e poucos podem usufruir do que a capital oferece.

A questão da *qualidade de vida* é exibida como símbolo de Florianópolis. Mas, o que é *qualidade de vida*? É um conceito complexo e com diversas compreensões. Moreira (2000) afirma que conceituar *qualidade de vida* é uma tarefa difícil ao fato de tratar-se de um conceito que remonta à antiguidade e de ter sofrido, ao longo da história, várias transformações em seu sentido. Talvez nenhum conceito seja mais antigo, antes mesmo de ser definido. Talvez nenhum seja mais moderno do que a busca da *qualidade de vida*.

Há questionamentos do termo *qualidade de vida* ser tratado como um conceito, já que a expressão em si não explica muito. Há um senso comum, em nossa sociedade, que associa *qualidade de vida* com riqueza, o fato de possuir recursos materiais. Nesta concepção, ter *qualidade de vida* necessariamente perpassa a questão do consumo, tudo o que tem relação direta com a aquisição de bens materiais. Imprime-se nesta interpretação sobre o termo um julgamento valorativo.

Para Buogo (2003), não há uma conceituação única e precisa, universalmente aceita, do que seja *qualidade de vida*. De qualquer forma, está associada a expressões como sentimento global de satisfação de vida, felicidade, bem estar geral, vida boa, melhor condição de vida.

Segundo o autor,

Viver é estabelecer relações. Então a *Qualidade de Vida* ou a *Qualidade do Viver* de um indivíduo tem a ver com o tipo ou com a *qualidade* dessas relações no seu dia-a-dia para *melhorar de vida* ou para ter uma *vida boa*. Nesse relacionar-se, o indivíduo transforma-se e colabora com a transformação dos outros. O modo de relacionar-se, que vai construir mais ou menos *qualidade* no viver, varia com o contexto. Esta *qualidade* tem também relação com o grau de consciência desse indivíduo quanto aos fenômenos cotidianos que resultam das relações que vai estabelecendo e do sentido que vai dando a eles. (BUOGO, 2003, p. 14).

Esse imaginar-se separado, não pertencente a uma classe, faz com que a *qualidade de vida* seja experienciada de formas diferentes por sujeitos que vivem na mesma condição. A expressão passa a incluir a subjetividade, mas implica também em questões de ordem social mais amplas, envolvendo aspectos físicos, psicológicos, sociais, bem como culturais.

Segundo Moreira (2000), a percepção subjetiva sobre o que seja *qualidade de vida* está incontestavelmente atrelada à condição social dos indivíduos. Isto porque as condições concretas impõem percepções, aspirações, projetos e sonhos de formas distintas para cada um dos indivíduos, das mais diversas classes sociais, inclusive no interior de uma mesma classe.

Buogo (2003), em sua dissertação de mestrado, aborda a questão da *qualidade de vida* e de *condições para viver*, enfatizando que a expressão *qualidade de vida* tem estado presente nos Planos de Governo do estado de Santa Catarina dos governadores eleitos nas últimas décadas. No período de 1987 a 1991, o Governo Pedro Ivo e Casildo Maldaner elaborou o plano *Rumo à nova sociedade catarinense*, que, depois de descrever uma série de contradições, propõe que para superá-las as ações estariam permanentemente direcionadas a assegurar a todas as pessoas melhor *qualidade de vida*. Buscar uma situação melhor para a população ao final do governo. No período de 1991 a 1995, no Plano de Governo *Plano SIM* de Vilson Kleinubing e Konder Reis, o objetivo central era alcançar um novo estágio de desenvolvimento para que possa apresentar padrões de *qualidade de vida* compatíveis com os de alguns países do Primeiro Mundo.

O Plano de Governo de Paulo Afonso e José Hulse (1995 – 1998), *Viva Santa Catarina*, tinha três prioridades básicas: a geração de novas oportunidades de trabalho e renda, a agricultura e a criança. Para cumpri-las, o Plano definiu quinze programas, dos quais dois eram: melhoria da *qualidade de vida* do campo e melhoria da *qualidade de vida* da população carente. (BUOGO, 2003).

O Plano de Governo *Santa Catarina: Estado vencedor*, de Esperidião Amim e Paulo Baier (1999- 2002), estabeleceu, em um dos paradigmas, que há uma ética universal, alcançando ecologia, economia, cultura e política e impulsionando para a *qualidade*. O *Plano 15 – Plano de Governo 2003 – 2006*, de Luiz Henrique da Silveira e Eduardo Pinho Moreira, destacava que era necessário reequilibrar, harmonicamente, a população catarinense em todo o território, com *qualidade de vida*. (BUOGO, 2003).

No primeiro ano do Governo de Luiz Henrique da Silveira, na qual a questão da *qualidade de vida* era bastante explorada, o *Diário Catarinense* estampava na capa do jornal de 03 de outubro de 2003:

SC tem segundo melhor índice de desenvolvimento social do país, indica ONU

Seis municípios estão entre os 20 no ranking. Santa Catarina tem o segundo maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, atrás só do Distrito Federal. Antes era o 5°. Mas a má distribuição de renda subiu na década de 90. Os dados foram divulgados ontem. O IDH do estado subiu 9,89%, passando de 0,748 para 0,822, numa escala de zero a um. [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 03.10.2003).

A expressão *qualidade de vida* está presente nos últimos Planos de Governo, expressando diferentes atributos, significados, mas é sempre empregada com o fim de transmitir a idéia de algo melhor. Mesmo com objetivos diferentes, a questão da *qualidade de vida* tem caráter de prioridade nos discursos dos governos citados.

Moreira (2001) enfatiza que durante muito tempo a dimensão da *qualidade de vida* foi ignorada ou recebeu uma atenção reduzida por ser considerada de menor impacto na vida das pessoas. Pesquisas científicas têm despertado uma conscientização cada vez maior da humanidade para esse tema. O tema requer uma abordagem integrada, multifacetada e interdisciplinar.

Não somente as pesquisas científicas têm abordado a questão da *qualidade de vida*, a expressão tem sido utilizada cada vez com uma frequência maior nos mais variados meios de comunicação, propaganda e projetos governamentais. Esta expressão acaba sendo muitas vezes banalizada e incorporada ao senso comum. O *Diário Catarinense* destaca esta questão em diversas notícias, principalmente quando o intuito é a divulgação do Estado e da capital, como ilustra a seguinte notícia:

Disparidades regionais

Na sua edição da última semana de maio do ano passado, a revista *Veja* veiculou uma ampla reportagem intitulada *Onde as coisas dão certo*. Nela, mostrava como e por que Santa Catarina, nos últimos dez anos, deu um salto à frente no ranking nacional da qualidade de vida, e hoje, apesar de ocupar tão-só 1,1% do território nacional, ascendeu a uma posição de ponta na economia brasileira. Há, de fato, justas razões para que os catarinenses se orgulhem dos expressivos índices socioeconômicos que o Estado soube conquistar em tão breve tempo como fruto do trabalho e visão de sua gente. Mas se o panorama geral é animador, é necessário ser realista também, para admitir que nem tudo é qualidade no “Estado de qualidade”. Se causa orgulho, a leitura do mapa da qualidade de vida catarinense mostra também contrastes e disparidades que persistem – inclusive regionais e microregionais -, e que pedem decisão política, investimento e ações concretas para serem sanadas e harmonizadas com o todo. Nele convivem comunidades prósperas e desfrutando de elevados padrões de renda e qualidade de vida com bolsões de carências básicas, que atentam contra conceitos de justiça e solidariedade social. [...]. (DIÁRIO CATARINENSE: 24.02.2003, p. 3).

Após enfatizar as conquistas do Estado “onde as coisas dão certo”, o jornal apresenta respostas para as contradições que persistem: uma delas é a solidariedade social, em momento algum o jornal fala em igualdade. Torna-se compreensível que para a classe dominante a pobreza, as carências, devem ser combatidas através da solidariedade, da cultura da ajuda. Não é de interesse daqueles que dominam, que a classe subalterna tenha seus direitos garantidos e se reconheça enquanto classe, e sim que recebam ajuda para que possam sobreviver sem desfrutar da dita *qualidade de vida* que o Estado possui, já que nesta lógica poucos podem usufruir.

Em Florianópolis, é possível identificar segmentos de classe com um padrão bastante elevado de *qualidade*, são esses que vivem todos os aspectos positivos da capital divulgados na mídia, mas a maioria da população, assim como em outras capitais, vive uma realidade bem diferente, sem soluções justas aparentes, vive em condições subumanas, em favelas, sem nenhuma infra-estrutura. Estes são os ignorados pelos órgãos públicos, que dependem da solidariedade dos demais, só aparecem na mídia devido ao sensacionalismo próprio dos meios de comunicação.

Para Sposati (apud CABRAL, 1999), *qualidade de vida* é a possibilidade de melhor redistribuição e usufruto da riqueza social e tecnológica dos cidadãos de uma comunidade. Diz respeito à garantia de um ambiente de desenvolvimento ecológico e participativo de respeito aos homens e à natureza, com menor grau de degradação e precariedade.

Buogo (2003) explora as noções de *qualidade de vida* e de *condições para viver*. A *qualidade de vida* pode ser caracterizada como uma construção individual, que pode mudar ao longo da vida de um mesmo indivíduo. Mas, esta construção individual depende diretamente de fatores objetivos, de condições físicas ou materiais que podem ser reconhecidas coletivamente. Para o autor, as ações governamentais interferem em fatores classificados como objetivos que contribuem para melhorar o meio em que o cidadão vive.

A noção de *condições para viver* é mais restrita que a noção de *qualidade de vida*, já que esta engloba aquela. Existem *condições* necessárias à *qualidade de vida*, tais como: o trabalho, para proporcionar condições financeiras adequadas; a pobreza, a carência, a fome são condições que comprometem a qualidade de vida; no trabalho ter qualidade de vida significa dispor de condições que possibilitem ao trabalhador desenvolver suas potencialidades, bem como respeitar os princípios de segurança, higiene e ergonomia; o artigo 6º da Constituição Federal resume as condições que contribuiriam para a qualidade de vida dos brasileiros: educação, saúde, trabalho, moradia, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados. (BUOGO, 2003).

O que se questiona aqui é como falar de *qualidade de vida*, expressão tão destacada pelo jornal, quando não se têm *condições de vida*? Como falar em *qualidade de vida* quando grande parcela da população luta pela sobrevivência, possui carências e fragilidades presentes em seu cotidiano? O *Diário Catarinense* não faz referência a estas *condições* em suas notícias quando a temática é a *qualidade de vida*. O jornal relaciona a *qualidade de vida* de Florianópolis aos indicadores que contam pontos no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), como podemos verificar na seguinte notícia:

SC é destaque nacional

A excelente colocação obtida por Santa Catarina no índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – 2º lugar nacional, atrás apenas do Distrito Federal – foi considerada pelos veículos da RBS como o Fato Catarinense do Ano. Desde 1994, a empresa escolhe, no mês de dezembro, um acontecimento ou uma personalidade que tenha ocupado lugar de destaque na mídia durante o ano, divulgando positivamente o Estado. Esta é a décima edição do Fato Catarinense do Ano e, desta vez, decidiu-se homenagear os esforços dos catarinenses para elevar as taxas de educação, longevidade e renda, indicadores que contam pontos no cálculo do IDH. O índice de Desenvolvimento Humano foi divulgado em outubro, através do Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil. A pesquisa nacional é promovida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fundação João Pinheiro. No último levantamento, Santa Catarina havia ficado em 5º lugar no ranking nacional. A pesquisa mostra que, na última década o IDH de

Santa Catarina subiu 9,89%. Além disso, seis municípios catarinenses ficaram entre os 20 melhores colocados: Florianópolis (4º lugar), seguido de Balneário Camboriú (6º lugar), Joaçaba (8º lugar), Joinville (13º lugar), Luzerna (19º lugar) e Blumenau (20º lugar). [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 14.12.2003, p. 4).

No “Fato Catarinense do Ano”, o jornal *Diário Catarinense* elege um acontecimento ou uma personalidade que tenha ocupado lugar de destaque na mídia divulgando o Estado. Desde 1994, os premiados foram: Família Schurmam, Fernando Scherer (duas vezes), a vinda de uma unidade da General Motors para o Estado, Gustavo Kuerten (três vezes), duplicação da BR – 101 Sul, Madre Paulina e, em 2003, a posição do Estado (segundo lugar nacional) no IDH.

O fato de Santa Catarina obter o segundo lugar nacional em relação ao IDH passa a ser mais um acontecimento para explorar a divulgação do Estado e de Florianópolis. É muito complexo medir a *qualidade de vida*, pois incorpora valores subjetivos e objetivos. Os índices, na maioria das vezes, não permitem transparecer a pobreza existente por trás das estatísticas.

O IDH, citado na notícia anterior, é um dos componentes do relatório anual de Desenvolvimento Humano, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Criado por Mahbub ul Haq, leva em conta três componentes: longevidade (expectativa de vida); renda (poder de compra); e educação (grau de alfabetização). (BUOGO, 2003).

Estes três componentes do IDH são insuficientes para medir a *qualidade de vida*. São necessários outros indicadores para analisar de maneira mais abrangente essas condições, o que gera resultados imprecisos acerca da *qualidade de vida* de uma população tão diversificada como a de Florianópolis.

O rápido crescimento populacional da região metropolitana de Florianópolis pode estar associado com o aumento da violência urbana e com a precariedade dos serviços de infra-estrutura na região, dados na maioria das vezes não divulgados estatisticamente. De acordo com o relatório do CECCA (1996), em 1995, 95% da população de Florianópolis tinham abastecimento com água encanada, sendo que apenas 33% da população eram atendidas com redes de esgoto.

Atualmente, apenas 12% dos municípios do Estado têm redes de coleta e sistemas de tratamento de esgoto. Este índice está bem abaixo da média nacional, que aponta que 44% dos municípios brasileiros contam com saneamento básico. Dos 293 municípios do Estado,

apenas 22 são contemplados com serviços eficientes de esgoto, os demais carecem deste atendimento e os esgotos são jogados diretamente na rede pluvial, ameaçando a saúde pública. (BRAGA, 2005).

É possível afirmar índices tão positivos de uma cidade, como aqueles destacados nas notícias observadas, onde presenciamos a pobreza, a falta de infra-estrutura e condições precárias em diversas localidades? Florianópolis apresenta desigualdades gritantes, contradições assustadoras. É claro que em alguns lugares da capital podemos observar um padrão elevado de qualidade, porém a concentração de renda é alarmante, já que em outros pontos da cidade a população vive uma realidade oposta, com carências e sem oportunidades.

Devido a tantos contrastes, é necessário questionar: que *qualidade de vida* é esta em que muitos estão à margem de usufruí-la? Esta *qualidade de vida* é para quem? Os meios de comunicação local insistem em divulgar os índices que valorizam a *qualidade de vida* na capital e “esquecem” de divulgar o outro extremo de maneira séria e sem sensacionalismo.

Ao contrário, o *Diário Catarinense* destaca notícias que dizem respeito aos três componentes de avaliação do IDH: renda, educação e longevidade. Como podemos ilustrar com as seguintes notícias:

Santa Catarina cresce mais no país

Santa Catarina apresentou o segundo maior índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil e subiu do quinto para o segundo lugar, ficando atrás apenas do Distrito Federal. Entretanto, a má distribuição de renda aumentou na década de 1990. O Índice de Gini – que mede a desigualdade de renda – subiu de 5,5 para 5,6 e, apesar de ser o mais baixo do país, mostra que o desafio dos catarinenses não é produzir riqueza, mas distribuí-la. [...] Segundo a pesquisa, 96,4% dos lares catarinenses contam com água encanada. A energia elétrica já alcançou 98,6% das residências e a coleta de lixo ocorre em 96,9% dos domicílios urbanos. [...] (*Diário Catarinense*: 03.10.2003, p. 4).

SC tem o menor índice de analfabetos

Autoridades de Santa Catarina, especialistas da área da educação receberam com entusiasmo o relatório “Situação da Adolescência Brasileira”, divulgado na quarta-feira, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Segundo a pesquisa, o Estado apresenta o menor índice de analfabetismo entre jovens do Brasil. Contudo, a constatação de que cerca de 8 mil adolescentes não sabem ler ou escrever é preocupante. A diretora de Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação, Marlene de Oliveira, afirmou que a pesquisa é um reconhecimento do trabalho educacional desenvolvido pelo governo. De acordo com ela, grande parte dos adolescentes catarinenses analfabetos é oriunda do interior. Muitos se

encontram em acampamentos do Movimento Sem Terra que, devido à mobilidade das famílias, carecem de escolas. A comunidade rural também sofre com a falta de acesso, principalmente nas regiões mais distantes, avaliou Marlene. [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 14.12.2002, p. 19).

Santa Catarina tem a 2ª maior expectativa de vida do Brasil

A expectativa média de vida do brasileiro nascido no ano passado subiu para 71,7 anos. Isso representa um acréscimo de 4 meses e 24 dias em relação aos nascidos em 2003, de acordo com a Tábua de Vida 2004, documento divulgado ontem pelo IBGE. Santa Catarina figura em segundo lugar na expectativa média de vida dos brasileiros. A média de vida dos catarinenses, que já foi de 73,5 anos em 2000, passou para 74,5 anos, ficando atrás apenas do Distrito Federal, que ocupa a primeira posição na projeção, com 74,6 anos. Nos últimos 25 anos, o aumento da expectativa de vida foi de 9,1 anos, passando de 62,6 anos em 1980 para os atuais 71,7 anos. No período, o avanço médio foi de cerca de 5 meses por ano. Apesar do avanço, os números escondem um mar de desigualdades e injustiças e desvendam a ausência de um planejamento público de longo prazo. Quase 10 anos de vida separam crianças do mesmo sexo nascidas no ano passado no Distrito Federal, líder das estatísticas, e em Alagoas, que está em último lugar, com expectativa de 65,5 anos. (DIÁRIO CATARINENSE: 02.12.2005, p. 22).

Estas desigualdades e injustiças postas na última notícia não existem apenas no âmbito nacional, no Estado de Santa Catarina, as desigualdades são imensas e maquiadas por números, estatísticas. O jornal chama atenção, nos títulos das notícias, quanto à questão das melhores condições de Santa Catarina diante do país. Há, contudo, aspectos importantes que ou não são abordados, ou são destacados como o jornal tem interesse em divulgar.

Moreira (2001, p. 13) define a questão da longevidade relacionada à qualidade de vida, muito explorada pelo jornal:

Identificamos que nas propostas de qualidade de vida de nosso tempo atual o sentido de prolongar a vida é um valor por si só, descartando-se as preocupações sobre como usamos essa vida. O prolongar a vida é um valor biologicamente desejável, posto como um valor cultural. Prolongar a vida, hoje, torna absoluta a cronologia, traduzida como longevidade e esperança de vida.

São questionáveis os componentes de avaliação da *qualidade de vida* do IDH, porém são aceitos e afirmados pelo jornal como fato unívoco, o jornal não os questiona, nem mesmo demonstra outras opiniões acerca do assunto.

O outro lado da *qualidade de vida* existente em Florianópolis, vivida por grande parte da população, é a realidade de migrantes que chegam na capital à procura de melhores condições, à procura de emprego e são surpreendidos com as dramáticas e pouco divulgadas características de Florianópolis, como podemos observar no histórico de migrantes que são atendidos pela equipe do NAF – R, programa da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

A família veio de Lages/SC à procura de melhores condições de vida, já que em Lages F.G. (pai) estava desempregado e a família estava passando por dificuldades. Chegaram em Florianópolis há 02 meses, H.G. (mãe) arrumou emprego como diarista, porém F.G. não arrumou emprego, os pais não conseguiram vaga na creche para seus filhos (J.G de 6 anos e D.G. de 9 anos). Estão morando “de favor” na casa de um conhecido e precisam retornar para Lages. Os usuários afirmam que não foi possível se manter na cidade e não tem como pagar pelas passagens de volta. F.G – 28 anos. (ARQUIVO DO NÚCLEO DE APOIO À FAMÍLIA – RODOVIÁRIO, maio 2007).

O usuário é natural de Curitiba/PR, chegou em Florianópolis há três semanas à procura de emprego. Não possui nenhum vínculo com a cidade, não conseguiu emprego, não tem onde ficar, está em situação de rua. Solicita passagem de volta para Curitiba, pois não consegue se manter em Florianópolis. F.L.N. – 24 anos. (ARQUIVO DO NÚCLEO DE APOIO À FAMÍLIA – RODOVIÁRIO, março 2007).

Estas são situações que contradizem as estatísticas sobre a *qualidade de vida* em Florianópolis. A falta de assistência, de políticas sociais para atender esses migrantes e a emergência de diversos casos, faz com que os próprios usuários tenham que resolver e procurar soluções com os pouquíssimos recursos que possuem. Cabe ressaltar que não se trata de casos isolados, mas são situações vivenciadas por uma significativa parcela de migrantes e da classe subalterna.

Enquanto isso, o jornal vai tecendo a imagem de Florianópolis como capital da *qualidade de vida*, construindo e afirmando as ideologias da burguesia, concordando com práticas clientelistas e ações assistencialistas para as situações vivenciadas pela classe subalterna. Para Marcondes Filho (1984), quais conteúdos a imprensa tem que produzir, é consequência da sua posição e função na produção geral de mercadorias. O objetivo da

produção da imprensa estará satisfeito quando o valor de troca da mercadoria resultar em dinheiro. Ou seja, o valor de uso da mercadoria “informação” é somente o meio para alcançar o objetivo da realização do valor de troca.

Na pesquisa, foi possível verificar que as notícias do jornal *Diário Catarinense* estão intimamente relacionadas à sua posição política, inerente à sociedade capitalista. A notícia a seguir demonstra, na visão do jornal, depoimentos de alguns migrantes que vieram para Florianópolis, supervalorizando as belezas naturais da Ilha.

As duas faces de uma mesma Ilha

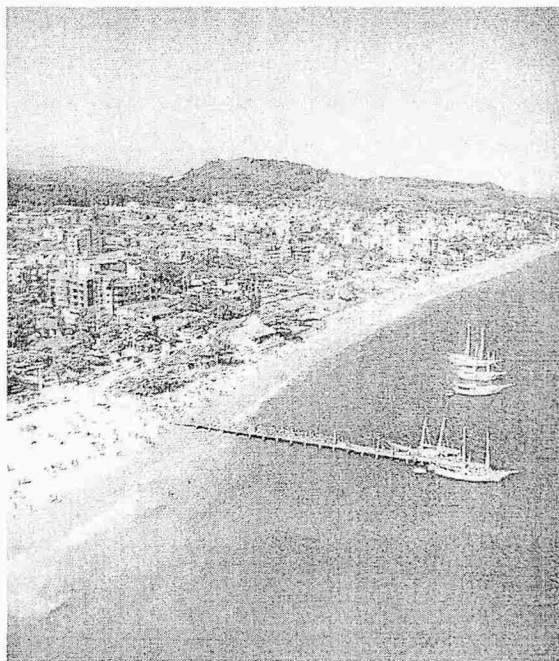
Dunas, praias de todo tipo, noite badalada, atrativos culturais e gastronômicos. Visto assim, não é difícil entender porque Florianópolis se tornou uma espécie de vedete entre as capitais do país, atraindo muitos imigrantes, investidores e, também, pessoas mal intencionadas. Durante a semana passada, o florianopolitano teve motivos para se orgulhar e para se preocupar com a cidade. Pesquisas nacionais apontaram como a primeira capital do país em número de pessoas instruídas, e a preferida dos aposentados por causa da qualidade de vida. No entanto, outro levantamento colocou Florianópolis em quinto no número de estupros, e em terceiro em extorsão mediante seqüestros. Não é de hoje que a Ilha de Santa Catarina está sob os holofotes. [...] Nos últimos 10 anos, o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou 55% na Ilha, segundo o Instituto Data. A norte-americana Cory Marie Naugle, 29 anos, traduz esse sentimento. “O lugar é lindo”, afirma a bióloga que viveu em várias cidades do mundo, nenhuma tão atraente quanto Florianópolis. [...].

Estudante escolhe capital para viver

Luciana Menezes Torres, 21 anos, decidiu viver em Florianópolis há três anos. Gaúcha de Porto Alegre, deixou os pais e amigos para aproveitar as belezas da Ilha. “Vim em busca de qualidade de vida”. Estudante, Luciana não pensa em voltar à terra natal. Decidiu estudar hotelaria por considerar um mercado em crescimento na Capital. Mas o que mais gosta de fazer é pegar onda. “Aqui é muito bom”. (DIÁRIO CATARINENSE: 11.06.2003, p. 19).

A análise das notícias e de como são apresentadas demonstram a concepção ideológica do jornal de que: “apesar da violência, viver em Florianópolis é muito bom, as belezas naturais compensam”, dando continuidade a questão da alta *qualidade de vida*, negando que os problemas existentes na capital são complexos e requerem soluções eficazes e urgentes.

O *Diário Catarinense* explora as belezas naturais de Florianópolis quando o objetivo é a divulgação da cidade. São inúmeras notícias que seguem este caminho, a grande maioria com fotos para ilustrar as riquezas naturais da capital.



Fonte: Diário Catarinense

Ilha fascina os visitantes

Florianópolis é um desafio aos olhos e à compreensão dos visitantes. Não só por sua inusitada configuração urbana de cidade dividida entre o Continente e a Ilha de Santa Catarina, mas, principalmente, pela diversidade de paisagens que se espalham por seus 451 quilômetros quadrados de área. A parte insular é caracterizada por um relevo irregular e por uma costa bastante recortada que, com suas dezenas de praias, tornou a cidade reconhecida internacionalmente. O peculiar perfil humano da população, aliado a riquezas naturais como lagoas, mangues, dunas e pequenas ilhas, completam o quadro que faz de Florianópolis um lugar fascinante. [...] São visitas obrigatórias em Florianópolis o mirante da Ponte Hercílio Luz, uma das maiores pontes pênséis do mundo, iniciada em 1922 e inaugurada em 1926; o mirante do Morro da Cruz, no Centro, de onde se pode ver grande parte da Ilha e do Continente, e o mirante da Lagoa, que permite uma visão panorâmica da Lagoa da Conceição, de algumas praias e das dunas da Joaquina. [...] (DIÁRIO CATARINENSE: 10.08.2005, p. 27).

As belezas naturais estão relacionadas à questão do lazer e do turismo. Marcellino (2001) aborda o lazer e a qualidade de vida. O lazer é entendido como a cultura compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. A disponibilidade de tempo

significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio. O lazer é uma problemática tipicamente urbana, porém ultrapassa suas fronteiras, uma vez que os grandes centros urbanos levam essa problemática, com as mesmas características, por intermédio da mídia, para outras regiões do país, nem tão urbanizadas.

O que é chamado de lazer é o que a mídia estabelece como sendo lazer. A *qualidade de vida* nos centros urbanos depende da mudança de percepção da importância do lazer na vida das pessoas. Seria uma mudança de valores. Mas, é preciso que se tenha condições objetivas para efetivá-las. O lazer tem sua especificidade, inclusive como política pública, mas não pode ser tratado de forma isolada de outras questões sociais. (MARCELLINO, 2001).

Tendo em vista a questão da *qualidade de vida*, foi possível observar que o grupo emissor, no caso o jornal *Diário Catarinense*, antes de difundir suas idéias sobre diversos assuntos, como a *qualidade de vida* em Florianópolis, elabora-as para que se adaptem às condições dos receptores, dos leitores, criando a impressão de que atendem a seus interesses. Desta maneira, os leitores assimilam as mensagens veiculadas pelo jornal.

A elaboração das notícias pelo jornal esconde quais são os interesses reais existentes por trás da ideologia dominante, ocultando a realidade vivida por grande parte da classe subalterna, para que a população em geral não possa formular outras idéias que melhor representem sua condição. Por isso, o interesse em divulgar aspectos relacionados à *qualidade de vida*, seus indicadores e estatísticas.

As questões do progresso, do desenvolvimento, bastante difundidas pela ideologia dominante, são apresentadas como propostas que visam a atender a todos e satisfazer às necessidades da maioria, mas pelo contrário, são interesses particulares que visam obter lucro para uma minoria. As idéias e concepções do jornal colaboram para o controle e difusão de ideologias que lhes são favoráveis, não permitindo que se propaguem interesses contrários e contestadores.

Neste capítulo, buscamos questionar discursos que estão presentes no nosso cotidiano e que muitas vezes são incorporados e naturalizados. O discurso da *qualidade de vida* em Florianópolis, difundido pela classe dominante e meios de comunicação local, não permite que expressões da questão social, que estão por trás das estatísticas, sejam apresentadas de forma transparente, com uma relação direta com a realidade local.

Florianópolis, capital da *qualidade de vida*. Esta é uma expressão presente no dia-a-dia da maioria da população. É complexo questionar esta expressão e atentar para a realidade que se encontra à margem do que a classe dominante quer destacar. Segundo a epígrafe do início

deste capítulo, *qualidade de vida* é participação, o que claramente o jornal não sugere em suas notícias, não desperta para consciência crítica da realidade, enfim, para uma consciência política.

Buscamos neste trabalho reforçar a importância em desvelar e conhecer questões da realidade local, pois somente a partir deste apreendimento que os problemas sociais poderão obter respostas e soluções condizentes com os interesses coletivos e não individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste estudo demonstrar a abordagem da mídia escrita sobre o processo migratório para Florianópolis. Para analisarmos esta questão abordamos aspectos relacionados à mídia e à notícia, à atividade turística exercida na capital e sua estreita relação com o fenômeno migratório, e à *qualidade de vida*, como símbolo de Florianópolis.

Nosso percurso baseou-se no entendimento do processo migratório sob um olhar crítico. Através do estágio curricular obrigatório realizado no Núcleo de Apoio à Família – Rodoviário, programa da Prefeitura Municipal de Florianópolis, surgiu o interesse em pesquisar a temática da migração para a capital, e por consequência, a supervalorização da “Ilha da Magia”, que vem atraindo, principalmente nas últimas décadas, um grande contingente de migrantes.

Optamos pela pesquisa documental, por documentos de comunicação de massa, neste caso, o jornal, como também por dados do NAF – R. Neste sentido, analisamos a questão da migração mediada pela notícia. Pretendemos esclarecer que o fenômeno migratório abrange aspectos amplos e complexos, procuramos abordá-lo pelo viés da mídia escrita, tendo clareza que é uma das maneiras de estudar e pesquisar esta questão.

A pesquisa documental foi realizada no jornal *Diário Catarinense*, jornal de maior circulação no Estado de Santa Catarina. Na coleta de dados, levantamos as notícias que destacavam a migração para Florianópolis e para o Estado, bem como notícias que exaltavam aspectos “positivos” da capital, como as oportunidades, a alta *qualidade de vida*, as belezas naturais e a *vocação turística*. Delimitamos o período a ser pesquisado, fazendo uma relação com o contexto histórico nacional. Os anos analisados foram: 1997 – 1998, 2002 – 2003, 2005 – 2006.

Após a realização da coleta de dados, foi possível perceber as concepções ideológicas reproduzidas pelo jornal, seu caráter manipulador e os interesses condizentes com os da classe dominante. Através de seus destaques e suas omissões, o *Diário Catarinense* veicula a notícia, produzindo e reproduzindo opiniões que são assimiladas pelos receptores.

A notícia é mercadoria, sujeita a sensacionalismos para que seja vendida, com o intuito de representar a realidade. Esta representação reflete a “verdade” que os meios de comunicação querem transmitir. Neste trabalho, procuramos questionar a notícia como única e verdadeira, procuramos demonstrar o papel e o enfoque dado pelo jornal a respeito da

migração e de questões que valorizam e destacam Florianópolis, que não apresentam a real situação da maioria da população da cidade.

O jornal, inserido na sociedade capitalista, tem o lucro como objetivo. Por isso, a neutralidade é uma característica inexistente no jornal. Não tem como existir neutralidade quando a direção das notícias está voltada para a venda. “Os jornais são como ponta de icebergs, que no nível externo representam a democracia formal, na qual todos seriam iguais, e no fundo, escondem o poder político ou econômico que os sustenta”. (MARCONDES FILHO, 1986, p.13).

No período pesquisado (1997 – 2006) confirmou-se a perpetuação de tendências neoliberais. O aprofundamento de políticas neoliberais, a desregulamentação das relações de trabalho, a priorização do mercado em detrimento das políticas sociais, são características vividas no Brasil nos mandatos de Fernando Henrique Cardoso. Alguns autores consideram que o governo de Luís Inácio Lula da Silva é uma continuação política do governo de Fernando Henrique Cardoso, porém outros autores enfatizam as diferenças e levantam algumas ações que representam melhorias para a população no governo de Lula. É importante ressaltar a dificuldade em abordar o governo Lula, por ser o atual presidente, não havendo dessa maneira, um distanciamento cronológico necessário para analisar de forma mais profunda suas ações.

O interessante na pesquisa em meios de comunicação é que importantes aspectos surgem no seu decorrer. Foi importante levantar e discutir esses aspectos. Na coleta de dados no *Diário Catarinense*, foi possível verificar que a questão da atividade turística é muito explorada pelo jornal. E o tratamento das notícias que dizem respeito ao turismo para Florianópolis possui um cunho manipulador, de extrema valorização à *vocação turística* da capital, intenção voltada aos interesses de empresários e políticos.

O turismo, como qualquer outra atividade econômica, foi criado com o intuito de obter lucros. Vendem-se paisagens, ideais de cidades, ideologias de que a atividade turística gera emprego e renda para a população local. Cria-se a chamada *vocação natural* para o turismo, Florianópolis passa a ser divulgada pela mídia como destino turístico ideal e de *qualidade*.

Em Florianópolis, a atividade turística teve um significativo aumento na década de 1990, que coincidiu com o crescimento populacional e a expansão urbana. Percebe-se que o aumento no crescimento migratório coincide com o forte crescimento da atividade turística na capital. A mídia tem um papel significativo nesse processo, pois destaca a cidade como um local com alta *qualidade de vida* e com diversas oportunidades de emprego, como apresentamos no decorrer do trabalho. Notícias que supervalorizam a capital e o Estado fazem

parte da estratégia de propaganda turística da cidade, sendo que elas muitas vezes estão presentes na mídia nacional.

No objetivo de desenvolver Florianópolis como destino turístico, a população local esteve à margem dessa construção, estando sujeita a problemas e mudanças impostas pelo “progresso” almejado pela classe dominante, com participação atuante da mídia local.

A *vocação turística* de Florianópolis, bastante incentivada pela mídia, atrai para a capital migrantes de diversas classes e localidades do país. Enfatizamos neste trabalho a migração da classe subalterna que vem para a capital à procura de emprego e melhores condições de vida. Como Florianópolis possui como característica o turismo concentrado na temporada de verão, a migração sazonal e temporária passa a ser a realidade de diversos migrantes que vêm para Florianópolis para trabalhar no verão, momento em que a população da Ilha se multiplica.

Os usuários atendidos no NAF – R, programa da Prefeitura local, mostram o outro lado da realidade, o lado não apresentado pela mídia, são migrantes que se deparam com as dificuldades e impossibilidades da vida na capital. Estas pessoas estão alheias ao que Florianópolis pode oferecer de *qualidade*, esta *qualidade* está voltada tanto para os turistas quanto para aqueles que possuem condições que se equiparam ao alto nível de renda exigido para usufruir dos aspectos positivos do município.

O turismo influenciou o fluxo migratório tanto de pessoas com alto poder aquisitivo em busca da *qualidade de vida*, quanto de pessoas de baixa renda iludidas pela esperança do emprego e oportunidades, esta configuração forma o atual quadro social da cidade.

A pesquisa realizada no *Diário Catarinense* revela o discurso ideológico do jornal, de transformar interesses de uma minoria elitista em interesses coletivos. Por trás de uma aparente imparcialidade esconde posições políticas e econômicas, posições estas que são formadoras de opiniões.

O jornal apresenta Florianópolis como um produto a ser consumido, suas concepções ideológicas refletem a lógica do mercado, cujos lugares, estruturas e serviços são voltados para àqueles que podem consumir. A cidade fica assim dividida, segmentada, tendo os ideais neoliberais cada vez mais incorporados.

A ideologia veiculada pelo jornal, pelos meios de comunicação, é confirmada cotidianamente, com o intuito de que sejam assimiladas pelos receptores. Divulgar concepções ideológicas que sejam condizentes com os objetivos das classes empresariais e políticas locais é também papel de um jornal como o *Diário Catarinense*, já que este é o jornal mais lido no Estado. Pertencente ao Grupo RBS, o *Diário Catarinense* faz parte de um

grupo que domina os meios de comunicação de massa não só em Santa Catarina, mas em outros Estados. Ou seja, as notícias veiculadas pelo Grupo RBS, tanto nos canais de televisão quanto nas rádios e nos jornais, atingem uma dimensão expressiva em todo o Estado.

As notícias divulgadas sobre a questão da *qualidade de vida* na capital, as estatísticas e os índices assumem relevância no discurso do *Diário Catarinense*, isto porque veicular alguns números que enfatizem a alta *qualidade de vida* em Florianópolis traz bons frutos para o jornal, e, conseqüentemente, para a classe política e empresarial que aposta na cidade como símbolo e destino turístico.

No trabalho, destacamos algumas notícias do *Diário Catarinense* que dão ênfase às belezas naturais da Ilha e aos componentes de avaliação do IDH: renda, educação e longevidade. Estas notícias além de valorizarem diversos aspectos da capital, demonstram a prioridade do jornal em divulgar, através de estatísticas, a *qualidade de vida* existente em Florianópolis. O que contrasta com índices nem sempre revelados de uma outra realidade cheia de contradições, que é mascarada através de omissões ou de divulgações fragmentadas.

Buscamos analisar nesta pesquisa a notícia não como um dado que não necessita de questionamentos, pelo contrário, buscamos entendê-la nos seus mais diversos aspectos e influências. O jornal atua de forma intensa no que diz respeito às suas convicções e intenções, que claramente estão voltadas para atender a uma minoria, porém criando a impressão para a grande maioria dos receptores de que atendem a seus interesses. “Convencidos de que as propostas atendem às suas necessidades, os receptores não têm razão para discordar delas.” (GARCIA, 1983, p. 30).

Compreender a realidade sob um viés crítico, de maneira mais aprofundada, é uma necessidade de profissionais que se relacionam cotidianamente com questões contraditórias e conflitantes. Entender o processo migratório, principalmente da classe subalterna, como uma expressão da questão social é fundamental para analisar e questionar todo este processo.

Em um contexto que se caracteriza pela redução drástica de direitos e serviços públicos e pela ampla desigualdade social, o Serviço Social possui um papel fundamental em realizar um trabalho qualificado para atuar com questões que ainda carecem de efetiva problematização. Os desafios do Serviço Social perpassam por contradições relacionadas ao modo de produção capitalista.

Cabe então ao profissional assistente social descortinar a realidade social na qual está inserido. Desmistificar a mídia e como esta trata a notícia, reconhecer a mídia como um poder que veicula ideologias, compreendendo a relação e o interesse dos meios de comunicação em exaltar características de Florianópolis, faz com que o profissional possa construir respostas

qualitativas para definir uma ação cotidiana, uma postura de compromisso com aqueles que estão à margem dos processos elitistas do município. Na visão de Yamamoto (1999), uma aproximação, através da pesquisa criteriosa, às condições de vida e de trabalho das classes subalternas é um requisito indispensável para a efetivação dos valores e princípios ético-políticos do profissional assistente social.

Quanto mais o assistente social conhecer a sua realidade de trabalho, maior será sua capacidade de agir diante das demandas. A vida cotidiana traz a possibilidade da aceitação de aspectos, evidências que não questionamos, porque são naturalizadas, até mesmo banalizadas. Por isso, a necessidade de olhar para a realidade cotidiana tendo um certo distanciamento. O jornal, por exemplo, é lido diariamente por diversas pessoas, podemos passar então a questionar esta notícia, indagar sobre a essência das coisas, não aceitar como óbvias e verdadeiras as notícias veiculadas.

Foi com este propósito que realizamos esta pesquisa, a fim de interrogar sobre fatos e características de Florianópolis e do Estado de Santa Catarina expostos na mídia como únicos e verdadeiros. O jornal *Diário Catarinense* destaca em diversas notícias, como apresentamos em todo o trabalho, conteúdos que supervalorizam a capital. Como esta notícia da seção do colunista Cacau Menezes:

Besteiras

Nunca, em nenhum momento, a farra do boi tirou turistas de Santa Catarina, muito menos de Florianópolis. A farra nasceu com a cidade. Veio da Ilha Terceira, dos Açores. Tem mais de 200 anos. Segundo dados da Setur, Santur e Embratur, a cada ano cresce o número de turistas no Estado e na sua capital. Já somos o terceiro pólo mais visitado por estrangeiros no Brasil. Os argentinos compram casas e apartamento na nossa Ilha. Entre brasileiros devemos estar beliscando a liderança. Nem temos mais como crescer. Só se for para dentro do mar. Aqui é tão lindo e tão saudável que boa parte dos turistas que chega para as férias se apaixonam e ficam morando. E dá-lhe, então, mais pontes, viadutos, congestionamentos, estradas, prédios, desmatamento, poluição, assaltos...Mas é direito de escolha. Também faria o mesmo se conhecesse Floripa. Me mudaria na hora. No Reveillon e no Carnaval não dá mais para andar, de tanta gente de fora. [...] Em todos os feriados aquele Brasil de bom gosto e com renda se manda todo para Santa Catarina. [...]. (DIÁRIO CATARINENSE: 12.04.2007, p. 63).

Diante de notícias como esta, podemos refletir e confirmar o posicionamento assumido pelo jornal. Apreender o outro lado da vida cotidiana supõe a busca do real, da totalidade,

para que possamos decifrar e elaborar uma análise da realidade e construir alternativas de ação que estejam de acordo com a perspectiva emancipatória da prática do Serviço Social.

Cabe ressaltar a importância da atuação do assistente social, quando sua intervenção social possa oferecer respostas úteis às necessidades sociais em um contexto de desafios. Para finalizar, acrescentamos palavras de Yazbek (2004), que afirma que se a intervenção profissional do assistente social circunscreve um terreno de disputa, é aí que está o desafio de *construir, reinventar mediações capazes de articular a vida social das classes subalternas com o mundo público dos direitos.*

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz; FAVERSANI, Fábio. **Análise de conjuntura: globalização e o segundo governo FHC**. Ouro Preto: REM, 2002.

ANDRADE, Leandro Feitosa. **Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2004.

BRAGA, Tina. **Santa Catarina tem saneamento básico abaixo da média nacional, 2005**. Disponível em <<http://www.jbonline.terra.com.br>>. Acesso em: 25/06/2007.

BUOGO, Geraldo. **Qualidade de vida e de condições para viver: entre a compreensão e a medida**. Dissertação de Mestrado em Agroecossistemas – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CABRAL, Kelly Cristiny. **O outro lado da qualidade de vida – a pobreza e a desresponsabilização do Estado: uma experiência junto às comunidades da periferia de Florianópolis**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1996.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos: 13).

CRUZ, Dulce Maria. **A RBS em Santa Catarina: estratégias políticas, econômicas e culturais na conquista do mercado televisivo regional**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

DIÁRIO CATARINENSE. Santa Catarina. Coleta de notícias – Período: 1997-2006.

DUARTE, Adriana. O processo de reforma da previdência social pública brasileira: um novo padrão de regulação social do Estado? **Serviço Social e Sociedade**, n. 73. Editora Cortez, 2005.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A construção inacabada: vias históricas e significados políticos**. São Paulo: Estado Liberdade, 1989.

FILGUEIRAS, Luiz Antônio Mattos. **História do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

FONTCUBERTA, Mar de. **A notícia: pistas para compreender o mundo**. 2ª ed. Lisboa: Notícias, 1999.

FREITAS, Rosana de C. Martinelli. O governo Lula e a proteção social no Brasil: desafios e perspectivas. **Revista Katálisis**, v. 10, n. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos: 77).

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Impacto da fotografia digital, no fotojornalismo diário: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GRAZIA, Giuseppina Rosaria de. De trabalhador a pedinte. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. O migrante na racionalização global. In: **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

IAMAMOTO, Marilda. A questão social no capitalismo. In: **Temporalis** n. 3. Brasília, ABEPSS, 2004, p. 9-32.

_____. O trabalho do assistente social frente às mudanças do padrão de acumulação e de regulação social. In módulo1: **Crise contemporânea, questão social e serviço social**. Brasília: CEAD, 1999.

LESBAUPIN, Ivo; MINEIRO, Adhemar. **O desmonte da nação em dados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LIBERTARIA. Disponível em <www.libertaria.pro.br/sc_republica>. Acesso em: 25/06/2007.

LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis: Editora da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e qualidade de vida. In: MOREIRA, Wagner Wey. **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia**. 8ª ed. São Paulo: Global, 1994. (Coleção Para entender: 1)

_____. **Imprensa e capitalismo**. São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1984.

_____. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARTINS, Carlos Eduardo. O Brasil e a dimensão econômico-social do governo Lula: resultados e perspectivas. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

MARTINS, José de Souza. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARX, KARL. **O capital: crítica da economia política**. 12. ed. Trad. Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MOREIRA, Marilda. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento**. Dissertação – Fundação Oswald Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2000. Disponível em: <<http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/transf.php>> . Acesso em: 08.06.2007.

MOREIRA, Wagner Wey et al. **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. ✓

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2005. ✓

_____. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à “indústria pós-moderna”**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

PAIVA, Beatriz A. de. **A timidez das políticas sociais no governo Lula: quando o fundo do poço tornou-se nossa morada**. Disponível em: <<http://www.ola.cse.ufsc.br>>. Acesso em 17 de maio de 2007.

RAMOS, Cristiano Maciel. **As repercussões da atividade turística na Ilha de Santa Catarina: um diagnóstico socioambiental sob o enfoque do ecodesenvolvimento**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

RAMOS, Nilva Souza. **Qualidade de vida e lazer: direitos sociais**. *Revista Katalysis*, v. 5, n. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

RBS TV. Disponível em <www.clicrbs.com.br>. Acesso em: 12/05/2007.

REVISTA TURISMO. Disponível em <www.revistaturismo.com.br>. Acesso em: 07/06/2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia?** 3ª ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1999.

SANTOS, Maria Teresa dos. **Vale do Paraíba: pais, filhos e netos pobres**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SCHAPOO, Sirlândia. **Políticas públicas no meio rural: o PRONAF e suas inter relações com o fenômeno da migração na mesoregião oeste de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SENNÁ, Mônica de Castro Maia et al. **Programa Bolsa Família: nova institucionalidade no campo da política social brasileira?** *Revista Katálysis*, v. 10, n.1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

SIMIONATTO, Ivete. Estado e sociedade civil em tempos de globalização: reivenção da política ou despolitização? *Revista Katálysis*, v. 7, n. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUZA, Itamar de. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

SOUZA, Janice Tirelli Ponte de; BARBOSA, Tereza Cristina Pereira; BURGOS, Raúl. Uma experiência de planejamento urbano comunitário. O caso da Planície do Campeche – Florianópolis – SC. Brasil. *Revista Katálysis*, v. 6, n. 2. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no Brasil. In: *Temporalis*, n. 3. Brasília, ABEPSS, 2ª ed., 2004.

WIKEPEDIA. Disponível em <www.wikipedia.com.br>. Acesso em 15/05/2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Levantamento Geral das Notícias do Jornal Diário Catarinense (1997-2006)

LIVRO	DATA	DIA DA SEMANA	SEÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	OBS:
Jan. 1 - 1997	07/01/1997	Terça - feira	Imóveis	13	“Construção civil quer crescer 20%” – CUB aumenta 0,27% na Grande Florianópolis	
Jan. 1 - 1997	08/01/1997	Quarta - feira	Diário do Leitor	39	“A Primeira Ilha” de Sérgio da Costa Ramos	Compara a Ilha com as cidades do Primeiro Mundo
Jan. 1 - 1997	09/01/1997	Quinta- feira	Economia/Turismo	21	“Hoteleiros comemoram ocupação média de 90%”	
			Economia/Tempo	29	“Clima colabora com o veraneio”	
Jan. 1 - 1997	12/01/1997	Domingo	Visor	03	“Turismo em teste” “Construção civil”	Melhor veraneio do Estado nos últimos tempos
			Caderno de Economia	04 e 05	“Economia de Santa Catarina cresce, o emprego continuará estabilizado”.	
Jan. 2 - 1997	20/01/1997	Segunda - feira	Visor	02	“Política cultural”	Santa Catarina difere da maior parte dos Estados brasileiros.
Jan. 2 - 1997	26/01/1997	Domingo	Capa		“Santa Catarina comemora melhor temporada em 03 anos” O setor contabiliza uns dos melhores faturamentos da história.	Movimento em Florianópolis neste verão revive a década de 1980.
			Visor	03	“Nós fizemos o sucesso do verão”	

Jan. 2 - 1997	26/01/1997	Domingo	Página Quatro	04 e 05	“Santa Catarina vira o jogo e fatura muito alto com esta temporada”	Com foto
Jan. 2 - 1997	28/01/1997	Terça - feira	Economia/Balanço	24	“Comércio melhora com turistas”.	
Fev. 1 - 1997	07/02/1997	Sexta - feira	Verão	04	“Temporada sobrevive à maior chuva da história”. Com hotéis lotados o litoral festeja a volta do sol	Com foto
Fev. 1 - 1997	08/02/1997	Sábado	Visor	02	“Turismo: vocação comprovada”.	
			Geral/Carnaval	20	“Milhares de turistas chegam para curtir a folia na capital” ônibus extra para atender a demanda.	Com foto
			Caderno de Verão	04	“Sucesso: é a melhor temporada dos últimos 03 anos”	Com foto: O paraíso é aqui.
Fev. 2 - 1997	18/02/1997	Terça - feira	Economia/Turismo	05	“Veraneio mais lucrativo desde 1992”.	
Mar. 1 -1997	01/03/1997	Sábado	Visor	03	“O recado do verão”.	
Mar. 1 -1997	05/03/1997	Quarta - feira	Visor	02	“Urbanização e metropolização”	
Mar. 2 -1997	18/03/1997	Terça - feira	Economia	26	“Ocupação em hotel cresce em até 40%” parceria é a saída para Florianópolis.	
Mar. 2 -1997	22/03/1997	Sábado	Visor	03	“A festa e os desafios da capital”	Ainda invejável qualidade de vida

Mar. 2 -1997	23/03/1997	Domingo	Caderno especial "Florianópolis"	02 e 03	"Cidade receptiva ontem e hoje"	271 anos
				11	"Turismo criará 28 mil empregos"	Com foto
				14	"Centro vai dinamizar turismo"	
				17	"Comércio gera 20 mil empregos"	Com foto
				26	"Florianópolis ficou mais pobre"	Entrevista com Ângela Amim
				29	"Mistura de religião e bruxaria"	Com foto
				32	"Ótima temporada de verão"	
				34	"Pedaço privilegiado do Planeta"	Com foto
Mar. 2 -1997	26/03/1997	Quarta - feira	Economia/ Desempenho	23	"Indústria de Santa Catarina cresce 10,6%"	
			Economia/Turismo	28	"Florianópolis na rota dos eventos"	Com foto
Abr. 1 - 1997	03/04/1997	Quinta - feita	Economia/Turismo	24	"Temporada recorde rende R\$ 1 bilhão"	Nunca houve um verão igual a este.
Abr. 1 - 1997	04/04/1997	Sexta - feira	Visor	03	"A força do turismo"	
Abr. 1 - 1997	11/04/1997	Sexta - feira	Registro	54	"Florianópolis é assim mesmo"	Beleza paradisíaca da Ilha – Com foto
Abr. 1 - 1997	13/04/1997	Domingo	Diário do Leitor	87	"O melhor lugar"	Leitor escreveu que o melhor do mundo é Florianópolis, sem violência.

Abr. 2 - 1997	27/04/1997	Domingo	Caderno separado de Economia	Capa	“Norte e capital lideram a oferta de empregos”	Com foto
				04 e 05	“Norte e Grande Florianópolis são pólos geradores de emprego”	Com foto
Abr. 2 - 1997	30/04/1997	Quarta - feira	Caderno separado “municípios de Santa Catarina”	03	“Conheça o novo mapa do Estado”	Estatísticas do Estado Com foto
				96	“Sejam bem-vindos à nossa capital”	
Mai.1 -1997	01/05/1997	Quinta - feira	Visor Economia/Trabalho	03	“Florianópolis em alta”	
				30	“Empregos aumentam no Estado”	
Mai.2 -1997	23/05/1997	Sexta - feira	Visor	02	“Nova etapa do turismo na capital”	
Jun. 1 - 1997	15/06/1997	Domingo	Caderno separado Economia	Capa	“Incentivo a têxtil da um novo futuro ao Estado”	
Jun. 2 - 1997	21/06/1997	Sábado	Geral/Meio Ambiente	24	“Território da Grande Florianópolis tem recursos naturais preservados”	
Jun. 2 - 1997	30/06/1997	Segunda - feira	Visor	03	“Porta aberta ao turismo”	Cidade que registrou o maior crescimento em número de turistas estrangeiros.
Julh.1 - 1997	05/07/1997	Sábado	Economia/Cesta básica	19	“Preços ficam estáveis na capital”	
Julh.1 - 1997	13/07/1997	Domingo	Caderno separado Economia	04 e 05	“Abrir o próprio negócio motiva abertura de 11 mil empresas em Florianópolis”	Com foto

Julh.2 - 1997	28/07/1997	Segunda - feira	Visor	03	“Agitação”	Compara o inverno com a temporada de verão.
Julh.2 - 1997	31/07/1997	Quinta - feira	Registro	62	“Ônibus não param de chegar na Ilha”	Com foto
Ag. 2 - 1997	17/08/1997	Domingo	Visor	02	“O censo 96 e as Migrações”	
Ag. 2 - 1997	19/08/1997	Terça - feira	Visor	02	“Estatísticas estimulantes”	Crescimento industrial de Santa Catarina
Ag. 2 - 1997	25/08/1997	Segunda - feira	Conheça/Propaganda	27	“Florianópolis: um recanto de vida pacata”	Santo Antônio de Lisboa. Com foto.
Ag. 2 - 1997	26/08/1997	Terça - feira	Visor	03	“Santa Catarina para os catarinenses”	Preocupação em divulgar o turismo em Santa Catarina
Set. 1 - 1997	01/09/1997	Segunda - feira	Conheça/Propaganda	27	“Florianópolis: um morro descortina a cidade”.	Morro da Cruz
Set. 1 - 1997	14/09/1997	Domingo	Capa		“Diminui o desemprego em Santa Catarina”	15 mil novos postos de trabalho
			Caderno separado de Economia	04 e 05	“Ministério mostra que emprego cresce em Santa Catarina”	Com foto
Set. 2 - 1997	22/09/1997	Segunda - feira	Conheça/Propaganda	29	“Florianópolis: turismo nas quatro estações”	Santinho
Set. 2 - 1997	27/09/1997	Sábado	Visor	02	“A perspectiva do turismo”	Turismo é a aposta
Out. 1 - 1997	03/10/1997	Sexta - feira	Visor	03	“Ilha do silício”	Oportunidades de negócio
Out. 1 - 1997	06/10/1997	Segunda - feira	Visor	02	“Migrações” (pequena notificação)	12% da população de Florianópolis na faixa da pobreza e miséria.
Out. 2 - 1997	26/10/1997	Domingo	Caderno separado Economia	02	“Florianópolis às vésperas do turismo transatlântico”	Oportunidade de negócios em vários setores

Out. 2 - 1997	27/10/1997	Segunda - feira	Cacau Menezes "Variedades"	03	"Morando na praia"	Movimento na baixa estação é quase o mesmo do verão.
Out. 2 - 1997	28/10/1997	Terça - feira	Visor	03	"Transporte alternativo"	
Nov. 1- 1997	07/11/1997	Sexta - feira	Geral	27	"Pesquisa revela a cara de Floripa"	
Nov. 1- 1997	10/11/1997	Segunda - feira	Conheça/Propaganda	26	"Florianópolis: um passeio pelo mercado"	Lugar de boas histórias
			Geral/Lazer	02	"El Nino dá trégua e praias lotam"	Movimento de turistas. Com foto.
Nov. 2- 1997	17/11/1997	Segunda - feira	Geral/Lazer	31	"Feriado com praia em Florianópolis"	Com foto.
Nov. 2- 1997	18/11/1997	Terça - feira	Visor	02	"O turismo que vale a pena"	Presença dos transatlânticos
Nov. 2- 1997	24/11/1997	Segunda - feira	Geral/Praia	27	"Fim de semana com jeito de verão"	Praias cheias. Com foto.
			Caderno separado Economia	02	"Turismo: a saída para o Estado"	
Dez. 1- 1997	01/12/1997	Segunda - feira	Página Quatro	04	"Santa Catarina investe R\$ 525 mil para vender temporada"	Maior campanha já feita no setor. Com foto.
Dez. 1- 1997	02/12/1997	Terça - feira	Diário do Leitor	43	"Florianópolis"	Moradora de São Paulo elogia Florianópolis.
Dez. 1- 1997	07/12/1997	Domingo	Visor	02	"Nova visão sobre a capital"	Mudanças necessárias para 1998.
Dez. 1- 1997	12/12/1997	Sexta - feira	Diário do Leitor	51	"Verão Iluminado"	
Dez. 1- 1997	15/12/1997	Segunda - feira	Caderno: Verão	03	"A capital das férias" Abençoada e generosa, Florianópolis tem uma praia para cada especialidade de turista.	Com foto

Dez. 2- 1997	16/12/1997	Terça - feira	Caderno: Verão	06 e 07	“Nossa Lagoa Formosa”	Com foto
Dez. 2- 1997	18/12/1997	Quinta - feira	Diário do leitor	79	“Capital turística”	
Dez. 2- 1997	21/12/1997	Domingo	Capa Economia/Turismo	26	“Embratur prevê melhor verão dos últimos anos” “Embratur prevê melhor verão dos últimos anos”	
Dez. 2- 1997	22/12/1997	Segunda - feira	Visor	03	“Otimismo”	
Dez. 2- 1997	29/12/1997	Segunda - feira	Conheça/Propaganda	25	“Florianópolis: vida calma no sul da ilha”	Com foto
Dez. 2- 1997	30/12/1997	Terça - feira	Economia/Balanço	13	“Vendas crescem 7,9 no Natal” “Previsão de tempo bom anima lojistas de Florianópolis”	
			Economia/Turismo	14	“Estado aposta nos argentinos”	

LIVRO	DATA	DIA DA SEMANA	SEÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	OBS:
Jan. 2 - 1998	18/01/1998	Domingo	Visor	03	“Turismo na Ilha”	Pequena notificação
			Esportes	76	“Joaquina volta ao cenário mundial”	Com foto
			Diário do leitor	79	“Santa Catarina”	
			Caderno de Verão	03	“Belezas da Ilha estão sob “custódia”.	Leitor afirma que a Ilha justifica qualquer veraneio.
Jan. 2 - 1998	19/01/1998	Segunda-feira	Economia	13	“Empresários do turismo apostam no carnaval”	Com foto.

Jan. 2 - 1998	20/01/1998	Terça- feira	Economia	14	“Supermercado em SC cresce acima da média” O setor comemora aumento de 3 a 5 % nas vendas.	Com foto.
					“Movimento nos shoppings surpreende”	
			Caderno de Verão	06 e 07	“Cenário de cinema”	Lembra melhores balneários do mundo. Com foto.
Jan. 2 - 1998	29/01/1998	Quinta-feira	Visor	03	“Apostando em fevereiro”	
			Economia/Consumo	20	“Comércio vende mais 14,67% por conta do turismo”	
			Caderno de Verão	06 e 07	“Com ares do paraíso”	Com foto. Paulo Afonso renuncia a disputa pela reeleição.
Fev. 1- 1998	01/02/1998	Domingo	Geral/Clima	30	“Santa Catarina dribla o El Nino e curte verão histórico”	Melhor temporada dos últimos anos. Com foto.
			Geral/Clima	31	“Sol em janeiro já bate recordes”	Com foto.
Fev. 1- 1998	02/02/1998	Segunda-feira	Conheça/Propaganda	31	“Público fiel, atração à altura”	Com foto
Fev. 1- 1998	09/02/1998	Segunda-feira	Conheça/Propaganda	33	“Um estímulo à contemplação”	Com foto
Fev. 1- 1998	12/02/1998	Quinta-feira	Visor	03	“Hora de comer”	Projeto da Prefeita Ângela Amim.
			Geral/Desnutrição	31	“Prefeitura da Capital distribui cestas básicas”	Com foto.
			Diário do Leitor	55	“Floripa”	Leitor afirma que a capital é uma cidade bela, tranqüila e segura.

Fev. 2 -1998	16/02/1998	Segunda-feira	Capa		“Aluguel de imóveis 20% mais barato no carnaval” Imobiliárias esperam garantir a presença de um grande número de turistas.	Com foto.
Fev. 2 -1998	20/02/1998	Sexta-feira	Visor	03	“Apostando em Santa Catarina”	Geração de 1994 empregos diretos e 1196 indiretos.
Fev. 2- 1998	24/02/1998	Terça-feira	Capa Economia/Turismo	14	“Turismo e comércio reagem” “Alta ocupação durante o carnaval salva hotéis”	Com foto.
Fev. 2- 1998	27/02/1998	Sexta - feira	Economia	15	“Nível de emprego cresce em Santa Catarina”	Com foto
Mar. 1- 1998	01/13/1998	Domingo	Visor	03	“Coleta de lixo”	
			Página Quatro	04	“Um tributo ao Verão”	Com foto.
			DC Documento	03	“Descoberta do paraíso”	
Mar. 1- 1998	02/03/1998	Segunda-feira	Conheça/Propaganda	17	“Marco histórico de modernização”	Com foto
			Economia	14	“Verão passado a limpo”	
Mar. 1- 1998	03/03/1998	Terça - feira	Economia/Habitação	14	“Aumenta oferta de imóveis populares”	Com foto.
			DC Documento	03	“Povoamento da Ilha”	
Mar. 1- 1998	04/03/1998	Quarta-feira	DC Documento	04	“As defesas da Ilha”	Com foto.
Mar. 1- 1998	09/03/1998	Segunda - feira	Clima/Geral	22	“Turistas de março”	Com foto
Mar. 1- 1998	10/03/1998	Terça- feira	DC Documento	10	“Florianópolis: crença, religião e fé”	Com foto
Mar. 1- 1998	15/03/1998	Domingo	DC Documento	03	“A presença da mulher na sociedade florianopolitana”	
Mar. 2- 1998	16/03/1998	Segunda-feira	DC Documento	05	“Os adoradores do sol”	Com foto

Mar. 2- 1998	19/03/1998	Quinta-feira	Variedades/Cacau Menezes	03	“Bem cotado”	
Mar. 2- 1998	22/03/1998	Domingo	Geral	52	“Um domingo de festa na Capital: 272 anos”	Com foto
Mar. 2- 1998	23/03/1998	Segunda-feira	Economia	18	“Micro ganha recursos para investir no turismo”	Com foto.
Mar. 2- 1998	29/03/1998	Domingo	DC Documento	03	“A Ilha já é cosmopolita”	Com foto.
Mar. 2- 1998	31/03/1998	Terça-feira	DC Documento	04	“O futuro começa hoje”	Com foto.
Mai.2 -1998	17/05/1998	Domingo	Economia	19	“SC comemora Dia da Indústria com crescimento”	
Mai.2 -1998	26/05/1998	Terça-feira	Visor	03	“Passo à frente”	Hospital Infantil com equipamentos de última geração.
Jun. 1 - 1998	11/06/1998	Quinta-feira	Visor	03	“Novos tempos para Florianópolis”	Centro de Convenções.
Jun. 1 - 1998	15/06/1998	Segunda-feira	Conheça/Propaganda	15	“Florianópolis: arte em exposição permanente”	Com foto.
Jun. 2 - 1998	18/06/1998	Quinta-feira	Variedades	18	“Editora lança livro: Visões da Ilha – Floripa”	
Julh.1 - 1998	05/07/1998	Domingo	Revista DC/Cacau Menezes	03	“Parisfloripa”	
Julh.2 - 1998	22/07/1998	Quarta-feira	Visor	03	“Latão chique”	Transporte público.
Julh.2 - 1998	24/07/1998	Sexta-feira	Visor	03	“Construção civil” 563 novas vagas na Grande Florianópolis.	
Julh.2 - 1998	25/07/1998	Sábado	Visor	02	“Exportações catarinenses”	
Ag. 1 - 1998	10/08/1998	Segunda-feira	Economia	10	“Previsão de Verão seco esquentará turismo em SC”	Com foto.
Ag. 2 - 1998	19/08/1998	Quarta-feira	Geral	16	“Em busca de um Estado melhor em 2000”	Com foto.
Ag. 2 - 1998	25/08/1998	Terça-feira	Variedades	02	“Uma Ilha na Expo 98”	Com foto.

Set. 2 - 1998	16/09/1998	Quarta-feira	Visor	02	“A metamorfose de Florianópolis”	Indústria de base tecnológica.
Set. 2 - 1998	21/09/1998	Segunda-feira	Visor	03	“Defesa civil”	
Set. 2 - 1998	23/09/1998	Quarta-feira	Visor	03	“Centro nota 10”	
Set. 2 - 1998	24/09/1998	Quinta-feira	Visor	03	“O futuro das cidades”	Florianópolis: um dos melhores IDH.
Out.1 - 1998	03/10/1998	Sábado	Economia/Alimentação	12	“Cai preço da refeição na capital”	Florianópolis tem a maior queda nacional.
Out.1 - 1998	04/10/1998	Domingo	Variedades	02	“Um outro olhar à cidade”. Com foto.	Dia de votação para Presidente e Governador.
Out.1- 1998	05/10/1998	Segunda-feira	Capa	16	“Amim é novo Governador, FHC garante a reeleição”	
			Geral/Clima		“Sol e calor enchem as praias”	Com foto.
Out.1- 1998	09/10/1998	Sexta-feira	Visor	03	“Na vitrine nacional”	“Pólos de atração turística”
Out.2- 1998	16/10/1998	Sexta-feira	Visor	03	“Lucro extra”	Restaurantes de Florianópolis com o turismo.
Out.2- 1998	18/10/1998	Domingo	DC	20	“Turismo de eventos”	
Out.2- 1998	25/10/1998	Domingo	DC	14	“No rumo certo”	Turismo de eventos.
Nov. 2-1998	27/11/1998	Sexta-feira	DC	02	“Florianópolis Iluminada”	Com foto.
Dez. 1- 1998	03/12/1998	Quinta-feira	Diário do leitor	50	“Florianópolis”	Eleitor elogia o que Ângela Amim faz pela capital.
Dez. 1- 1998	07/12/1998	Segunda-feira	Geral/Município	27	“Tempo bom lota as praias de Florianópolis”	Com foto.
Dez. 1- 1998	09/12/1998	Quarta-feira	DC	12	“Um verão em paz”	A questão da segurança.
Dez. 1- 1998	13/12/1998	Domingo	Capital da Gente	Capa	“Florianópolis muda em dois anos e projeta seu futuro”	

Dez. 1- 1998	15/12/1998	Terça-feira	Capa		“Temporada aquece economia”	Com foto.
			Diário do leitor	50	“Parabéns”	Morador de Florianópolis afirma que a cidade está mais limpa, o transporte público é de qualidade, elogia o trabalho da Prefeita Ângela Amim.
Dez. 2- 1998	17/12/1998	Quinta-feira	Diário de Verão	06 e 07	“Joaquina: o espírito livre da Ilha”	Síntese do verdadeiro sentimento ilhéu. Com foto.
Dez. 2- 1998	18/12/1998	Sexta-feira	Bom dia Santa Catarina	02	“Jovens catarinenses aprendem uma profissão”	
Dez. 2- 1998	19/12/1998	Sábado	Cacau Menezes	39	“Em alta”	Turismo.
Dez. 2- 1998	22/12/1998	Terça-feira	Visor	03	“Temporada, enfim”	
			Lojistas	18	“Comércio festeja o seu melhor fim de semana”	Com foto.
Dez. 2- 1998	23/12/1998	Quarta-feira	Economia/Verão	14	“Movimento de turistas em SC aumenta 53%”	Com foto.
Dez. 2- 1998	28/12/1998	Segunda-feira	Capa		“Começam a chegar os turistas estrangeiros”	
			Temporada	19	“Feriado de sol movimenta as parais”	Com foto.
Dez. 2- 1998	29/12/1998	Terça-feira	DC	10	“A hora do turismo”	
Dez. 2- 1998	31/12/1998	Quinta-feira	Visor	03	“Reveillon (1)”	Hotéis lotados.
			Visor	03	“Aquecido”	Construção civil.
			DC	12	“A era do turismo”	

LIVRO	DATA	DIA DA SEMANA	SEÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	OBS:
Jan. 1-2002	31/12/2001 e 01/01/2002	Segunda e terça-feira	Capa		“Praias cheias”	Com foto.
Jan. 1-2002	02/01/2002	Quarta-feira	Estela Benetti	15	“Novo ensino tecnológico dá impulso à indústria”	
Jan. 1-2002	03/01/2002	Quinta-feira	Estela Benetti	15	“Emprego” “Indústria”	Pequena notificação. Verão sem argentinos.
Jan. 1-2002	06/01/2002	Domingo	Política	06	“Ângela acha que vai ser enérgica”	Balço de 2001 – Orçamento.
			Estela Benetti	17	“Ostras de Florianópolis conquistam o Brasil”	
Jan. 1-2002	07/01/2002	Segunda-feira	Visor	03	“De vento em popa”	Indústrias
			DC	10	“Estado que cresce”	
Jan. 1-2002	10/01/2002	Quinta-feira	Página Quatro	05	“SC é vice no índice de alfabetização”	Florianópolis é a 10ª melhor do Estado.
			Cacau Menezes	39	“Verão promissor”	
Jan. 1-2002	11/01/2002	Sexta-feira	DC	10	“Segurança nas praias”	
			Estela Benetti	17	“O segredo do sucesso de SC nas exportações”	
Jan. 1-2002	13/01/2002	Domingo	Capa		“O ano do emprego” Estado tem crescimento na oferta de trabalho, todos os setores são produtivos.	
			Economia	14	“Economia de SC abre 48 mil vagas”	
Jan. 1-2002	14/01/2002	Segunda-feira	DC	10	“O crescimento do emprego”	

Jan. 1-2002	15/01/2002	Terça-feira	Visor	03	“Uma vocação afirmada”	
			Economia	11	“Indústria de SC cresce o dobro do país”	
Jan. 2-2002	16/01/2002	Quarta-feira	DC	10	“Avanço industrial”	
			Economia	13	“Saldo comercial de SC é recorde”	
Jan. 2-2002	20/01/2002	Domingo	Economia	14	“Estado lidera arrecadação em todo o país”	
Jan. 2-2002	27/01/2002	Domingo	Economia	14	“Capital investe com foco nos moradores”	
Fev. 1- 2002	01/02/2002	Sexta-feira	Visor	03	“Imagem”	
			DC	09	“Viva Floripa”	
Fev. 1- 2002	04/02/2002	Segunda-feira	Cacau Menezes	30	“Oportunidade”	
Fev. 2- 2002	20/02/2002	Quarta-feira	Economia	12	“Indústria de SC é a que mais cresce”	Com foto.
Mar. 1-2002	04/03/2002	Segunda-feira	Política	09	“SC tem o menor índice de desigualdade”	
Mar. 1-2002	05/03/2002	Terça-feira	DC	10	“Um Estado de igualdade”	
Mar. 1-2002	06/03/2002	Quarta-feira	Economia	15	“Turistas antecipam feriado”	Alta ocupação nos hotéis.
Mar. 1-2002	15/03/2002	Sexta-feira	Visor	03	“Tradição secular”	
Mar. 2-2002	17/03/2002	Domingo	DC	12	“O promissor setor siderúrgico”	
				12	“Turismo empreendedor”	

Mar. 2-2002	23/03/2002	Sábado	Capa		“Florianópolis atrai pela qualidade”	
			Visor	03	“Florianópolis, ano 276”.	
			Economia	14	“Indústria de SC é a que mais cresce em 12 meses”	
			Santa Catarina	18	“Capital atrai pela qualidade”	Com foto.
			Caderno especial de Florianópolis/276	02 06	“Floripa, capital do século 21” “Entre o mar e a montanha”	Com foto. Com foto.
Mar. 2-2002	29/03/2002	Sexta-feira	Capa		“Calor e turistas lotam as praias”	Com foto.
			Santa Catarina	19	“Turistas chegam para o feriadão”	
Mar. 2-2002	30/03/2002	Sábado	Economia	13	“Feriadão de Páscoa lota os hotéis”	Com foto.
Abr. 1-2002	02/04/2002	Terça-feira	Cacau Menezes	39	“Estrangeiros”	Grande presença dos estrangeiros fora da temporada.
Abr. 1-2002	06/04/2002	Sábado	Economia	13	“Indústria de SC vende mais”	
Abr. 1-2002	12/04/2002	Sexta-feira	Economia	13	“Indústria de SC dá mais emprego”	Acréscimo de empregos gerados pela indústria catarinense.
Mai. 1-2002	01/05/2002	Quarta-feira	DC	10	“Ação para a sociedade”	Hospital Celso Ramos.
Mai. 1-2002	04/05/2002	Sábado	Economia	12	“Capital tem a gasolina mais barata”	
Mai. 1-2002	09/05/2002	Quinta-feira	Capa		“Estado lidera a MIGRAÇÃO”	Sc recebeu 369 mil novos moradores entre os anos de 1991 e 2000.
			Página Quatro	04	“Mais migrantes e menos católicos”	Saldo do fluxo migratório chegou a 217 mil pessoas a mais em nosso Estado.

Mai. 1-2002	11/05/2002	Sábado	Economia	13	“Indústrias empregam mais”	Com foto.
Mai. 1-2002	12/05/2002	Domingo	Estela Benetti	23	“Oferta de trabalho em SC vai ser maior este ano”	
Mai. 2-2002	20/05/2002	Segunda-feira	Caderno de Economia	02	“O arquipélago econômico”	
				03	“Modelo de excelência”	Com foto.
Mai. 2-2002	21/05/2002	Terça-feira	Caderno de Economia	02	“Excelência catarinense”	Agroindústria
Mai. 2-2002	26/05/2002	Domingo	Santa Catarina	26	“SC é a melhor em habitação”	
				28	“Cohab entrega 4,3 mil casas em Florianópolis”	Com foto.
Jun. 1-2002	01/06/2002	Sábado	DC	10	“Prioridade ao saneamento”	
Jun. 1-2002	05/06/2002	Quarta-feira	Santa Catarina	22	“UFSC lança mais vagas em 2003”	
Jun. 1-2002	08/06/2002	Sábado	DC - SC	34	“Crescimento na Indústria”	Com foto.
Julh. 1-2002	06/07/2002	Sábado	Economia	13	“Cresce venda das indústrias do Estado”	
Julh. 1-2002	12/07/2002	Sexta-feira	Economia	15	“Emprego na indústria de SC reage”	O nível de emprego industrial em SC voltou a crescer.
Julh. 2-2002	27/07/2002	Sábado	Economia	13	“Indústria de SC descarta recessão”	
Ag. 2-2002	16/08/2002	Sexta-feira	Diário do leitor	38	“Emprego”	Entrevista com Governador Estadual do SINE.
Ag. 2-2002	27/08/2002	Terça-feira	Economia	17	“SC prepara investimento no turismo”	
Set. 1-2002	01/09/2002	Domingo	Capa		“SC terá verão com preços baixos”	
			Economia	17	“SC prepara temporada mais barata”	
Set. 1-2002	12/09/2002	Quinta-feira	Estela Benetti	25	“Turismo em SC”	

Out. 1-2002	09/10/2002	Quarta-feira	DC - SC	38	“Indústria de SC cresce 5,25%”	Ampliação da massa salarial.
Out. 1-2002	13/10/2002	Domingo	Economia	18	“Santur quer atrair turista classe A”	
Out. 2-2002	19/10/2002	Sábado	Estela Benetti	15	“SC vai à Feira Internacional de Turismo da América Latina buscar turistas argentinos”	Argentina: maior mercado emissor de estrangeiros para o litoral do Estado.
Out. 2-2002	20/10/2002	Domingo	Capa		“Litoral se prepara para o verão”	Com foto.
			Santa Catarina	30	“PM garante reforço de 400 homens”	Planejamento para a temporada de verão da Polícia Militar.
				31	“Cidade incrementa ritmo de obra”	Praias em condições para demanda turística. Com foto.
Out. 2-2002	23/10/2002	Quarta-feira	Cacau Menezes	39	“Turismo de eventos”	
Nov. 1-2002	04/11/2002	Segunda-feira	Capa		“Indústria retoma crescimento”	Bom desempenho no 2º semestre.
			Economia	15	“Indústria retoma crescimento”	Abertura de vagas este ano chega a 21 mil.
Nov. 1-2002	07/11/2002	Quinta-feira	DC	17	“Fórmula do sucesso”	Empresas de SC.
Nov. 1-2002	11/11/2002	Segunda-feira	Capa		“Natal e Reveillon lotam hotéis do litoral”	
			Página Quatro	05	“Feriadão também lota hotéis”	
Nov. 1-2002	12/11/2002	Terça-feira	DC	12	“As festas e o turismo”	
Nov. 1-2002	13/11/2002	Quarta-feira	Estela Benetti	19	“Floripa em cartões da Brasil Telecom”	Série: Viver Floripa.
Nov. 1-2002	15/11/2002	Sexta-feira	Economia	15	“Indústria emprega mais em SC”	

Dez. 1-2002	04/12/2002	Quarta-feira	Visor	03	“Turismo o ano todo”	
			Economia	12	“Emprego cresce 5,5% na Indústria”	Alto crescimento. Cresce o número de empresas no Estado.
				12	“Oportunidades melhoram em todas as áreas”	
Dez. 1-2002	06/12/2002	Sexta-feira	Economia	21	“Indústria de SC vende 8% a mais”	
Dez. 1-2002	07/12/2002	Sábado	Economia	16	“Cidades de SC são boas de negócio”	Florianópolis, Blumenau e Joinville estão entre as mais atrativas do país.
Dez. 1-2002	08/12/2002	Domingo	DC	14	“Construção civil”	
			Santa Catarina	39	“Florianópolis é melhor em educação”	Com foto.
			Santa Catarina	40	“Desafio de crescer com qualidade”	Com foto.
Dez. 1-2002	09/12/2002	Segunda-feira	Visor	03	“A marca de SC”	
Dez. 1-2002	14/12/2002	Sábado	Santa Catarina	19	“SC tem o menor índice de analfabetos”	
Dez. 2-2002	16/12/2002	Segunda-feira	Santa Catarina	23	“Evolução da Capital mostrada em vídeo”	
Dez. 2-2002	18/12/2002	Quarta-feira	Cacau Menezes	47	“O Havai é aqui”	
Dez. 2-2002	19/12/2002	Quinta-feira	Cacau Menezes	63	“O pessoal de Floripa”	Turistas definitivos.

Dez. 2-2002	20/12/2002	Sexta-feira	Capa		“Mapa traça Raio X de Florianópolis”	
			Página Quatro	04	“Estudo mostra cidade de contrastes”	
				05	“É um lugar perfeito para morar”	
			Santa Catarina	27	“Site divulga atrações da capital”	
Dez. 2-2002	21/12/2002	Sábado	Visor	03	“Radiografia de Florianópolis”	
Dez. 2-2002	26/12/2002	Quinta-feira	Turismo/Economia	16	“Hotéis de SC comemoram movimento no feriadão”	
Dez. 2-2002	30/12/2002	Segunda-feira	Capa		“Hotéis lotados abrem a temporada”	Com foto.
			Página Quatro	04	“Turistas lotam hotéis no litoral”	

LIVRO	DATA	DIA DA SEMANA	SEÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	OBS:
Jan. 1-2003	02/01/2003	Quinta-feira	Diário Catarinense	22	“Litoral e Serra”	SC é todos os países do mundo. Posse Luiz Henrique e Lula.
Jan. 1-2003	04/01/2003	Sábado	Diário Catarinense	10	“Desafio catarinense” Estado empreendedor.	
Jan. 1-2003	05/01/2003	Domingo	Capa		“Explosão do turismo faz a festa dos empresários”	Movimento recorde
			Economia	18	“SC vive nova explosão do turismo”.	Com foto.
Jan. 1-2003	07/01/2003	Terça-feira	Visor	03	“Os frutos da educação”	Grande Florianópolis.

Jan. 1-2003	09/01/2003	Quinta-feira	Diário do leitor	02	“Capital” Qualidade de vida.	Pequena notificação.
			Economia	17	“Argentinos chegam para veraneio”	Com foto.
Jan. 1-2003	13/01/2003	Segunda-feira	Economia	13	“Fazer turismo em SC será moda”	
Jan. 1-2003	15/01/2003	Quarta-feira	Estela Benetti	21	“Área construída cresce 28% em Florianópolis”	
Jan. 2-2003	16/01/2003	Quinta-feira	Capa		“Indústrias de SC abre 6 mil vagas em 2002”	O nível de emprego cresceu 3,44%.
Jan. 2-2003	17/01/2003	Sexta-feira	Diário Catarinense	10	“SC e o emprego”	
Jan. 2-2003	26/01/2003	Domingo	Capa		“Serviço vai liderar oferta de empregos em 2003”	
			Economia	19	“Serviços lideram criação de emprego”	Tabela.
Fev. 1-2003	02/02/2003	Domingo	Visor	03	“Lazer e cultura”	
Fev. 1-2003	03/02/2003	Segunda-feira	Visor	03	“Moradia para os de baixa renda”	
Fev. 1-2003	04/02/2003	Terça-feira	Capa		“Turismo cresce 15% no litoral e janeiro”	
			Economia	13	“Turismo cresce 15% no litoral e janeiro”	Com foto.
Fev. 1-2003	07/02/2003	Sexta-feira	Diário Catarinense	12	“Investimento em SC”	
Fev. 1-2003	13/02/2003	Quinta-feira	Capa		“Hotéis do litoral estão lotados para o carnaval”	
Fev. 2-2003	20/02/2003	Quinta-feira	Economia	19	“Indústria do Estado lidera emprego”	
Fev. 2-2003	24/02/2003	Segunda-feira	Visor	03	“Disparidades regionais”	SC – onde as coisas dão certo – Revista Veja.
Fev. 2-2003	28/02/2003	Sexta-feira	Santa Catarina	23	“Milhares de pessoas vão fazer folia na capital”	Com foto.

Mar. 1-2003	03/03/2003	Segunda-feira	Diário Catarinense	18	“SC exportadora”	
Mar. 1-2003	06/03/2003	Quinta-feira	Estela Benetti	19	“Modelo de SC do Fome Zero”	Modelo de atendimento social.
Mar. 1-2003	09/03/2003	Domingo	Capa Economia	17	“Florianópolis é o Eldorado da indústria da construção” “Florianópolis na onda imobiliária”	
Mar. 1-2003	14/03/2003	Sexta-feira	Diário Catarinense	12	“A educação como prioridade” SC detém alguns dos melhores indicadores socioeconômicos do país.	
			Trabalho	17	“Emprego cresce na indústria do Estado”	
Mar. 2-2003	22/03/2003	Sábado	Santa Catarina	23	“SC na ponta em Educação básica”	Tabela.
Mar. 2-2003	23/03/2003	Domingo	Caderno Especial: Florianópolis 277 anos	02	“Cidade vive momento de glória”	Com foto.
				03	“Uma Ilha e sua história”	Com foto.
				06	“A 4ª melhor cidade do país”	Qualidade de vida. Com foto.
				08	“Motivos para comemorar”	
Mar. 2-2003	24/03/2003	Segunda-feira	Diário Catarinense	16	“O valor da educação”	SC – destaque nacional
Abr. 1-2003	08/04/2003	Terça-feira	Economia	17	“Indústrias de SC faturam 0,7% a mais”	
Abr. 1-2003	09/04/2003	Quarta-feira	Visor	03	“Os números da indústria”	
Abr. 1-2003	13/04/2003	Domingo	Visor	03	“Força às exportações”	
Abr. 2-2003	16/04/2003	Quarta-feira	Diário Catarinense	12	“A indústria em expansão” “Florianópolis, beleza”	

Abr. 2-2003	18/04/2003	Sexta-feira	Economia	14	“Indústria de SC abre 1,8 mil vagas”	
			Santa Catarina	20	“Feriadão leva turistas para a capital”	Com foto.
Abr. 2-2003	20/04/2003	Domingo	Economia	16	“Bom momento se espalha no Estado”	
Abr. 2-2003	22/04/2003	Terça-feira	Santa Catarina	27	“Estado encanta os turistas do país”	Com foto.
Mai. 1-2003	07/05/2003	Quarta-feira	Diário Catarinense	13	“Uma cidade no limite”	342 mil habitantes
Mai. 1-2003	08/05/2003	Quinta-feira	Diário Catarinense	12	“Turismo de qualidade” “Cartão-Postal”	
Mai. 1-2003	09/05/2003	Sexta-feira	Página Quatro	04	“Florianópolis, a capital da criança”	Com foto.
Mai. 1-2003	15/05/2003	Quinta-feira	Santa Catarina	29	“Estado lança programa de moradia”	
Mai. 2-2003	16/05/2003	Sexta-feira	Economia	17	“Indústria de SC abre mais 1,2 mil vagas”	
Mai. 2-2003	18/05/2003	Domingo	Economia	15	“Mercado de SC abre 30 mil vagas”	
Mai. 2-2003	29/05/2003	Quinta-feira	Capa		“SC conquista nota 8 na área de educação”	
Jun. 1-2003	01/06/2003	Domingo	Economia	15	“Turismo de eventos atrai 1 milhão”	
Jun. 1-2003	09/06/2003	Segunda-feira	Diário Catarinense	10	“Empreender sempre”	
Jun. 1-2003	11/06/2003	Quarta-feira	Santa Catarina	19	“As duas faces de uma mesma Ilha”	Com foto. Atrai migrantes e pessoas mal intencionadas.
Jun. 2-2003	16/06/2003	Segunda-feira	Diário Catarinense	10	“A capital dos adventícios”	Mudanças visíveis. Legiões de migrantes.
Jun. 2-2003	24/06/2003	Terça-feira	Visor	03	“Turismo de qualidade”	

Jun. 2-2003	28/06/2003	Sábado	Capa		“Florianópolis cresce o dobro da média nacional, revela IBGE”	
			Santa Catarina	15	“Florianópolis concentra a migração”	Estudo e trabalho são as maiores causas da migração. Dados estatísticos.
Jun. 2-2003	30/06/2003	Segunda-feira	Página Quatro	04	“Pesquisa mostra a cara do Estado”	
Julh. 1-2003	01/07/2003	Terça-feira	Diário Catarinense	10	“A capital e as migrações”	Cresceu 3,31% ao ano. A média nacional é de 1,64%.
Julh. 1-2003	03/07/2003	Quinta-feira	Capa		“Migrantes com curso superior preferem Santa Catarina”	
			Página Quatro	04	“Santa Catarina é o destino preferido dos formados”	Com foto.
				05	“Migração contribui para mais empresas”	Áreas administrativas e tecnológicas estão entre os atrativos da Ilha.
Julh. 1-2003	06/07/2003	Domingo	Capa		“SC projeta verão com mais turistas”	
Julh. 1-2003	12/07/2003	Sábado	Diário Catarinense	10	“Desenvolvimento humano”	SC bem acima da média nacional.
Ag. 1-2003	10/08/2003	Domingo	Página Quatro	04 e 05	“Registros de uma Ilha em mutação”	Com foto.
Ag. 1-2003	14/08/2003	Quinta-feira	Capa		“Emprego supera crise na indústria do Estado”	Abertas 3,5 mil vagas.
			Economia	15	“Emprego melhora em 7 meses”	
Set. 1-2003	02/09/2003	Terça-feira	Diário Catarinense	10	“Atrações turísticas”	

Set. 1-2003	06/09/2003	Sábado	Economia	11	“Indústria do Estado cresce 9,35%”	
Set. 1-2003	11/09/2003	Quinta-feira	Visor	03	“Emprego e conjuntura”	
Set. 1-2003	13/09/2003	Sábado	Diário Catarinense	14	“Grande Florianópolis”	Atrai migração qualificada de outros Estados.
Set. 2-2003	18/09/2003	Quinta-feira	Diário Catarinense	10	“Vantagem competitiva”	Beleza naturais e tranquilidade.
Set. 2-2003	28/09/2003	Domingo	Capa		“SC abre 44 mil novos empregos em 1 ano”	
			Economia	18	“SC dribla a crise e abre mais empregos”	
Out. 1-2003	01/10/2003	Quarta-feira	Página Quatro	04	“SC fica mais rica durante século 20”	Evolução consolidada nos últimos 30 anos.
Out. 1-2003	02/10/2003	Quinta-feira	Política	06	“Regiões pobres ganham mais verba”	Tabela.
Out. 1-2003	03/10/2003	Sexta-feira	Capa		“SC tem o 2º melhor índice de desenvolvimento social do país, indica ONU”	7 municípios estão entre os 20 melhores no ranking. Florianópolis é a 4ª.
			Página Quatro	04	“SC cresce mais no país”	Com foto e tabela de melhorias em Fpolis.
Out. 1-2003	04/10/2003	Sábado	Diário Catarinense	11	“O modelo catarinense”	IDH.
Out. 1-2003	05/10/2003	Domingo	Diário Catarinense	10	“Um século de conquistas”	

Out. 1-2003	12/10/2003	Domingo	Capa		“Verão de SC abre 60 mil empregos”	
			Economia	17	“Temporada abre 60 mil vagas em SC”	Com foto.
				18	“Horário de verão aquece mercado”	
			Santa Catarina	25	“As capitais revelam riquezas de Santa Catarina”	Com foto.
Out. 1-2003	13/10/2003	Segunda-feira	Diário Catarinense	12	“Turismo e emprego”	
Out. 1-2003	14/10/2003	Terça-feira	Diário Catarinense	12	“Santa Catarina nos trilhos”	
Out. 1-2003	15/10/2003	Quinta-feira	Capa		“Indústria abre 1,1 mil vagas em setembro”	
			Economia	13	“Exportação melhora emprego em SC”	Tabela
Out. 2-2003	16/10/2003	Quinta-feira	Diário Catarinense	12	“Realismo com os números”	
Out. 2-2003	19/10/2003	Domingo	Capa		“Santa Catarina espera 2,5 milhões de turistas no verão”	
			Economia	19	“Santa Catarina espera 2,5 milhões de turistas no verão”	Com foto e tabela.
Out. 2-2003	20/10/2003	Segunda-feira	Página Quatro	05	“Nível de emprego tem saldo positivo”	
			Diário Catarinense	12	“Temporada promissora”	
Out. 2-2003	22/10/2003	Quarta-feira	Visor	03	“Confiança em SC”	
Out. 2-2003	25/10/2003	Sábado	Visor	03	“Transporte integrado”	
			Página Quatro	05	“Número de vagas cresce no Estado”	
Out. 2-2003	26/10/2003	Domingo	Visor	03	“O turismo e Santa Catarina”	
Out. 2-2003	28/10/2003	Terça-feira	Diário Catarinense	12	“O exemplo catarinense”	Redução das desigualdades sociais.
Out. 2-2003	31/10/2003	Sexta-feira	Cacau Menezes	39	“Parabéns Florianópolis!”	

Nov. 1-2003	09/11/2003	Domingo	Economia	27	“Investir na capital é bom negócio”	Com foto.
Nov. 1-2003	10/11/2003	Segunda-feira	Página Quatro	04	“Clima de verão invade o litoral” “Chance de lucro na estação”	Com foto.
Nov. 1-2003	11/11/2003	Terça-feira	Visor	03	“Um Natal promissor”	
Nov. 1-2003	12/11/2003	Quarta-feira	Visor	03	“Temporada a vista”	
Nov. 1-2003	13/11/2003	Quinta-feira	Visor	03	“Um verão mais seguro”	
Nov. 2-2003	19/11/2003	Quarta-feira	Capa		“Indústria abre mais 1,2 mil vagas em Santa Catarina”	
			Economia	12	“Indústria abre mais vagas”	
Nov. 2-2003	20/11/2003	Quinta-feira	Diário Catarinense	12	“Os números do emprego”	
Nov. 2-2003	23/11/2003	Domingo	Página Quatro	05	“Grande Florianópolis amplia opções”	
Nov. 2-2003	24/11/2003	Segunda-feira	Visor	03	“Turismo total”	
Nov. 2-2003	25/11/2003	Terça-feira	Capa		“Cresce oferta de vagas para o verão”	
			Economia	14	“Aumentam as vagas para o verão em Santa Catarina”	
				15	“Claro cria 800 empregos em SC”	
			Diário do leitor	38	“Florianópolis”	Parabéns ao povo.
Dez. 1-2003	02/12/2003	Terça-feira	Página Quatro	05	“SC tem orgulho de índice superior” Expectativa de vida.	Com foto e quadro.
Dez. 1-2003	03/12/2003	Quarta-feira	Diário Catarinense	15	“Verão seguro em Santa Catarina”	
Dez. 1-2003	04/12/2003	Quinta-feira	Capa		“Litoral festeja ocupação para a época de Réveillon”	

Dez. 1-2003	05/12/2003	Sexta-feira	Capa		“SC supera a média do país de crianças nas escolas”	
			Economia	14	“Estado quer atrair os turistas ricos”	
Dez. 1-2003	07/12/2003	Domingo	Visor	03	“No foco da temporada”	Aumentar número de visitantes.
Dez. 1-2003	11/12/2003	Quinta-feira	Página Quatro	04	“Hotéis revelam sucesso no Réveillon”	Quadro.
			Geral	31	“Réveillon da gente espera 250 mil”	Com foto.
Dez. 1-2003	12/12/2003	Sexta-feira	Capa		“Renda de SC cresce no ranking nacional”	PIB do Estado é o sétimo do país.
			Página Quatro	04	“Renda de SC avança no PIB do país”	
Dez. 1-2003	14/12/2003	Domingo	Página Quatro	04	“SC é destaque nacional” Grande Florianópolis tem melhor IDH do país.	2º lugar no IDH
			Diário Catarinense	18	“Um Estado de ponta”	
Dez. 2-2003	18/12/2003	Quinta-feira	Economia	20	“Sine de SC consegue empregar 10,2 mil”	
Dez. 2-2003	19/12/2003	Sexta-feira	Diário do leitor	46	“Turismo”	
Dez. 2-2003	20/12/2003	Sábado	Capa		“SC bate recorde de exportações no ano”	
			Diário Catarinense	10	“Mais energia para Santa Catarina”	
			Economia	12	“Exportações de SC batem recorde”	

Dez. 2-2003	21/12/2003	Domingo	Economia	24	“Estado investe para a temporada”	Com foto
					“Capital investe o ano inteiro”	
Dez. 2-2003	22/12/2003	Segunda-feira	Visor	03	“A aposta no turismo”	
Dez. 2-2003	23/12/2003	Terça-feira	Geral	29	“Movimento de turistas supera 2002”	Com foto.
Dez. 2-2003	26/12/2003	Sexta-feira	Geral	18	“Muita gente escolhe praias no feriado”	Com foto.
Dez. 2-2003	29/12/2003	Segunda-feira	Página Quatro	04	“Domingo de calor e praias lotadas”. Muitos turistas estrangeiros.	Com foto.

LIVRO	DATA	DIA DA SEMANA	SEÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	OBS:
Jan. 1-2005	02/01/2005	Domingo	Economia	18	“Argentinos em maior número”	Prefeito: Dário Berger. Com foto.
					“Governo investe em divulgação”	
Jan. 1-2005	03/01/2005	Segunda-feira	Capa		“Feriadão dá prévia do sucesso da temporada”	Com foto. 2 milhões de turistas até fevereiro.
			Economia	14	“SC recebe 3 milhões de visitantes”	
Jan. 1-2005	05/01/2005	Quarta-feira	Diário Catarinense	12	“A vocação exportadora”	
Jan. 1-2005	06/01/2005	Quinta-feira	Capa		“Ingleses, quatro da tarde” Turistas lotam praias da capital.	Com foto.
			Página Quatro	04	“Praia rende bons frutos não só no mar” Ambulantes.	
Jan. 1-2005	08/01/2005	Sábado	Estela Benetti	13	“Para Ministério, SC é modelo em sanidade”	

Jan. 1-2005	09/01/2005	Domingo	Capa		“Empresas de SC aceleram contratações”	Construção abrirá 15% das vagas.
			Diário Catarinense	10	“O modelo catarinense”	
			Economia	20	“Emprego fica mais fácil em 2005” “Construção civil oferece 7,5 mil vagas”	Com foto.
Jan. 1-2005	11/01/2005	Terça-feira	Economia	13	“Novas lojas abrem 1,4 mil vagas”	Quadro.
Jan. 1-2005	12/01/2005	Quarta-feira	Capa		“Indústria cresce 12% no Estado em 2004”	
			Página Quatro	04	“Indústria cresce 12% no Estado em 2004” “Produção bate recorde”	Quadro.
Jan. 1-2005	13/01/2005	Quinta-feira	Capa		“Verão quente traz argentinos de volta”	Com foto.
			Economia	16	“Argentino retorna em busca da praia”	Com foto.
Jan. 1-2005	14/01/2005	Sexta-feira	Diário Catarinense	12	“Turismo internacional”	
			Geral	18	“5ª-feira de praias lotadas na Ilha de SC”	Com foto.
Jan. 2-2005	17/01/2005	Segunda-feira	Geral	18	“Sul da Ilha mais agitado neste verão”	Com foto.

Jan. 2-2005	18/01/2005	Terça-feira	Capa		“Indústria do Estado abriu 15,8 mil vagas em 2004”	
			Economia	14	“Indústria emprega mais em 2004”	
				15	“Exportações em SC crescem 31,3%” “Cesta básica da Capital custa menos”	
Jan. 2-2005	23/01/2005	Domingo	Página Quatro	05	“Estrangeiros vêm em maior número”	Com foto.
Jan. 2-2005	30/01/2005	Domingo	Diário Catarinense	18	“Um Estado de qualidade”	Trabalho competente da administração pública.
Fev. 1-2005	03/02/2005	Quinta-feira	Diário Catarinense	16	“Nova cultura”	Cultura para todos.
Fev. 1-2005	04/02/2005	Sexta-feira	Economia	13	“Hotéis esperam lotar no carnaval”	
			Revista de Verão	Capa	“Jurerê Internacional: beleza em alta classe”	
				14 e 15	“Requinte à beira-mar”	Com foto.
Fev. 1-2005	06/02/2005	Domingo	Cacau Menezes	47	“Otimismo”	
Fev. 1-2005	07/02/2005	Segunda-feira	Capa		“Municípios lucram com novas empresas”	10 mil empregos.
			Economia	10	“Municípios de SC atraem empresas”	
Fev. 1-2005	08/02/2005	Terça-feira	Diário Catarinense	10	“Investimento e emprego”	

Fev. 1-2005	11/02/2005	Sexta-feira	Capa		“Indústria de SC tem desempenho histórico”	
			Página Quatro	04	“Indústria de SC bate recorde histórico”	Maior crescimento de 1992.
			Diário Catarinense	05	“Melhor resultado desde o cruzeiro”	Quadro.
12	“O salto da indústria”					
Fev. 1-2005	12/02/2005	Sábado	Economia	11	“Indústria emprega e vende mais”	Tabela.
Fev. 1-2005	13/02/2005	Domingo	Economia	19	“Sine oferece 6,1 mil vagas em SC”	
Fev. 2-2005	16/02/2005	Quarta-feira	Economia	14	“Indústria de SC cresce acima da média”	
Fev. 2-2005	20/02/2005	Domingo	Geral	31	“Capital promete lar a morador de rua”	1ª Casa de Passagem. Com foto.
Fev. 2-2005	23/02/2005	Quarta-feira	Economia	13	“Indústria de SC contrata 14,8 mil”	
Fev. 2-2005	25/02/2005	Sexta-feira	Revista de Verão	Capa	“As Ilhas de Santa Catarina”	Com foto.
Fev. 2-2005	27/02/2005	Domingo	Diário Catarinense	12	“O exemplo catarinense”	
			Cacau Menezes	55	“O turismo de quatro estações”	Nova Zelândia brasileira.
Mar. 1-2005	02/03/2005	Quarta-feira	Capa		“SC tem crescimento superior ao do Brasil”	Melhor PIB nacional.
			Página Quatro	04	“Riqueza de SC supera média do país”	Com foto.
Mar. 1-2005	07/03/2005	Segunda-feira	Capa		“Pequenas cidades de SC encolhem com a migração”	
			Página Quatro	04	“Migração esvazia pequenas cidades”	Vida fica melhor no litoral. Com foto.

Mar. 1-2005	09/03/2005	Quarta-feira	Visor	03	“Turismo”	Procissão do Senhor dos Passos.
Mar. 1-2005	12/03/2005	Sábado	Economia	11	“Indústria de SC lidera crescimento”	
Mar. 1-2005	13/03/2005	Domingo	Economia	19	“Calor esquentando mercado de verão”	Com foto.
Mar. 1-2005	15/03/2005	Terça-feira	Economia	16	“Indústria emprega mais em fevereiro”	
Mar. 2-2005	20/03/2005	Domingo	Diário Catarinense	12	“Uma nova Santa Catarina”	Programa de Descentralização.
Mar. 2-2005	22/03/2005	Terça-feira	Economia	35	“Aumento das vendas de SC supera a do país”	
Mar. 2-2005	23/03/2005	Quarta-feira	Diário Catarinense	12	“A reação das exportações”	
			Geral	34	“Com 279 anos e ainda sedutora”	Com fotos.
			Caderno especial “Florianópolis, 279 anos”	Capa	“279 anos”	Com fotos.
				03	“Uma Ilha cercada de encantos”	Quadro: detalhes que fazem de Florianópolis um lugar único – Capital com melhor qualidade de vida.
				05	“Começa uma nova era” Entrevista com Dário Berger.	
				06	“Muito além do verão”	Com foto.
12	“Controle para a migração”	Entrevista com Rose Berger. Com foto.				

Mar. 2-2005	24/03/2005	Quinta-feira	Visor	03	“Floripa na encruzilhada”	Migrações
			Economia	16	“Turismo estrangeiro fatura mais”	
					“Florianópolis é o nono destino mais procurado”	Com foto.
Abr. 1-2005	04/04/2005	Segunda-feira	Visor	03	“Exportações e turismo”	
			Estela Benetti	23	“Capital concentra 30% dos empregos na construção”	
Abr. 1-2005	06/04/2005	Quarta-feira	Economia	20	“Venda da indústria de SC cresce mais que país”	
Abr. 1-2005	13/04/2005	Quarta-feira	Capa		“Santa Catarina registra 2º melhor resultado na indústria”	
			Economia	15	“Indústria de SC cresce acima da média”	Quadro: O ranking.
Abr. 1-2005	15/04/2005	Sexta-feira	Capa		“Indústria já abre 2,7 mil empregos no ano em SC”	
			Economia	14	“Indústria emprega 2,7 mil neste ano”	
			Estela Benetti	21	“PIB de SC cresceu 6,7% em 2004, estima Governo”	
Abr. 2-2005	19/04/2005	Terça-feira	Capa		“SC exporta mais de US\$ 1 bi no trimestre”	
			Economia	13	“SC exporta US\$ 1,25 bi no trimestre”	Quadro: O desempenho no Estado.
Abr. 2-2005	20/04/2005	Quarta-feira	Diário Catarinense	20	“Na balança da exportação”	
Abr. 2-2005	21/04/2005	Quinta-feira	Cacau Menezes	47	“Aplausos para Santa Catarina”	
Abr. 2-2005	24/04/2005	Domingo	Visor	03	“Cooperativismo vivo”	
Abr. 2-2005	26/04/2005	Terça-feira	Economia	16	“Turistas gastam mais em SC” “Sobe nível de exigência”	

Abr. 2-2005	27/04/2005	Quarta-feira	Diário Catarinense	12	“Novo rumo no turismo”	
Mai. 1-2005	01/05/2005	Domingo	Economia	22	“Florianópolis coleciona grandes obras”	Empreendimentos que geram cerca de 4,5 mil empregos.
				23	“Mapa das construções”	Ilustração.
Mai. 1-2005	02/05/2005	Segunda-feira	Visor	03	“O futuro da Capital”	Investimento privado nas mais diversas áreas.
Mai. 1-2005	03/05/2005	Terça-feira	Capa		“Florianópolis supera o crescimento de SC”	Economia da Capital aumenta 61% em 4 anos.
			Economia	13	“PIB da Capital fica acima da média”	Desembarque de pessoas com alto poder aquisitivo.
Mai. 1-2005	05/05/2005	Quinta-feira	Diário Catarinense	12	“Um avanço para a Capital”	
Mai. 1-2005	06/05/2005	Sexta-feira	Diário Catarinense	15	“Visão de futuro”	SC sai na frente. Pesquisa científica e tecnológica.
Mai. 2-2005	17/05/2005	Terça-feira	Economia	14	“Emprego aumenta 5,5% em SC”	
Mai. 2-2005	22/05/2005	Domingo	Diário Catarinense	12	“Compreensão do modelo”	Aspectos históricos de SC.
Mai. 2-2005	23/05/2005	Segunda-feira	Diário Catarinense	12	“A força do cooperativismo”	
Mai. 2-2005	24/05/2005	Terça-feira	Diário Catarinense	14	“Conhecimento e emprego”	
Mai. 2-2005	28/05/2005	Sábado	Diário Catarinense	08	“Turismo de qualidade”	
Jun. 1-2005	02/06/2005	Quinta-feira	Capa		“Santa Catarina registra o menor número de pobres”	SC é o Estado do Brasil onde a desigualdade social é menos acentuada.
			Economia	18	“SC registra menor desigualdade social”	
Jun. 1-2005	03/06/2005	Sexta-feira	Cacau Menezes	35	“Enredo”	SC será enredo da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense.

Jun. 1-2005	05/06/2005	Domingo	Capa		“Agroindústrias têm 2 mil vagas”	
			Economia	20	“Sobra vaga na agroindústria de SC”	Sindicato comemora o avanço.
				21	“Construção civil busca mais trabalhadores”	
Jun. 1-2005	09/06/2005	Quinta-feira	Economia	19	“Capital vai abrir 10 mil vagas”	Emprego: 72,6% das empresas pretendem aumentar quadro de funcionários.
Jun. 1-2005	11/06/2005	Sábado	Economia	19	“Indústria catarinense cresce 7,9%”	
Jun. 2-2005	19/06/2005	Domingo	Economia	24	“Indústrias de SC contratam mais em maio”	O nível de empregos industrial continua positivo.
			Geral	34 e 35	“Florianópolis atrai e desafia migrantes”	Prefeitura dá a passagem de volta pra a casa. Reportagem sobre o NAF – Rodoviário.
Jun. 2-2005	24/06/2005	Sexta-feira	Capa		“Existem 700 vagas de empresas na região da capital”	
Jun. 2-2005	25/06/2005	Sábado	DC Cultura	12	“Como ser bela, santa e feliz”	SC hoje é um pólo turístico de expressão.
Jun. 2-2005	28/06/2005	Terça-feira	Capa		“Estado abre 2,8 mil vagas na educação”	
Julh. 1-2005	03/07/2005	Domingo	Capa		“Indústria derrota a crise com otimismo”	
			Economia	18	“Catarinenses acreditam na virada”	

Julh. 1-2005	04/07/2005	Segunda-feira	Diário Catarinense	12	“O turismo em pauta”	2004 – aumento de 18% em relação a 2003.
Julh. 1-2005	05/07/2005	Terça-feira	Economia	14	“Cesta básica está 1,78% mais barata”	A alimentação está mais barata em Florianópolis. Com foto.
Julh. 1-2005	06/07/2005	Quarta-feira	Economia	13	“Turismo de SC quer renda o ano todo”	
Julh. 1-2005	07/07/2005	Quinta-feira	Economia	16	“Emprego em obras de SC cresce 5,35%”	Com foto.
Julh. 1-2005	11/07/2005	Segunda-feira	Estela Benetti	15	“Belezas de Santa Catarina”	Cartões telefônicos com atrações catarinenses.
Julh. 1-2005	12/07/2005	Terça-feira	Cacau Menezes	39	“Santa Catarina na Sapucaí”	Escola Imperatriz vai homenagear SC.
Julh. 1-2005	13/07/2005	Quarta-feira	Economia	13	“Indústria de SC mostra vigor no ano”	
Julh. 2-2005	18/07/2005	Segunda-feira	Diário Catarinense	10	“Cem por cento catarinense”	Capacidade industrial do Estado.
Julh. 2-2005	19/07/2005	Terça-feira	Economia	12	“Exportação garante emprego em SC”	
				13	“Concursos abrem 3 mil vagas no Estado”	
Julh. 2-2005	20/07/2005	Quarta-feira	Diário Catarinense	10	“Exportações e realismo”	Façanha do Estado.
			Economia	13	“Emprego na indústria cresce 4%”	
Julh. 2-2005	29/07/2005	Sexta-feira	Cacau Menezes	43	“O melhor está aqui”	
Ag. 1-2005	07/08/2005	Domingo	Página Quatro	04	“SC mostra todo o potencial”	Diversificado, empreendedor e dinâmico.
Ag. 1-2005	08/08/2005	Segunda-feira	Diário Catarinense	13	“A pujança catarinense”	Riqueza e beleza.

Ag. 1-2005	10/08/2005	Quarta-feira	Caderno especial "A Força de SC: Sul e Grande Florianópolis"	03	"Entre a praia e a montanha"	Morar em Florianópolis se tornou sonho de consumo de boa parte dos brasileiros. Com foto.
				26	"Charme de Floripa" Com foto.	
				27	"Florianópolis: Ilha fascina os visitantes" O secular perfil da população, aliado a belezas naturais, completam o quadro que faz da capital um lugar exuberante.	
Ag. 1-2005	11/08/2005	Quinta-feira	Visor	03	"Investimento no futuro"	Ensino superior em SC.
Ag. 2-2005	16/08/2005	Terça-feira	Economia	13	"Emprego temporário tem 1,29 mil vagas"	
Ag. 2-2005	17/08/2005	Quarta-feira	Geral	27	"Estado vai abrir mais 1.797 vagas"	
Ag. 2-2005	18/08/2005	Quinta-feira	Visor	03	"Turismo de eventos"	Cresceu 15%.
			Geral	35	"ONG quer gerar 5 mil empregos por ano"	FloripAmanhã
Ag. 2-2005	20/08/2005	Sábado	Diário Catarinense	12	"Mercado Público"	Alma da Ilha.
Ag. 2-2005	21/08/2005	Domingo	Capa		"Verão de SC abrirá 16 mil empregos"	
			Economia	23	"Temporada vai abrir 16 mil vagas"	Quadro: As oportunidades.
Ag. 2-2005	22/08/2005	Segunda-feira	Diário Catarinense	12	"Turismo profissional"	Investimentos.
Ag. 2-2005	25/08/2005	Quinta-feira	Visor	03	"Temporada à vista"	
			Economia	27	"Prêmio destaca empresas de SC"	Revista Exame.
Ag. 2-2005	29/08/2005	Segunda-feira	Economia	15	"Turismo abre chance de empregos"	
Ag. 2-2005	30/08/2005	Terça-feira	Visor	03	"Temporada de oportunidades"	

Set. 1-2005	02/09/2005	Sexta-feira	Capa		“Preços da cesta básica caem 5,4% em Florianópolis”	
			Economia	15	“Cesta básica mais barata na Capital”	
Set. 1-2005	05/09/2005	Segunda-feira	Economia	15	“Shoppings investem R\$ 220 milhões”	
Set. 2-2005	18/09/2005	Domingo	Economia	23	“Sul da Ilha tem valorização recorde”	
Set. 2-2005	27/09/2005	Terça-feira	Capa		“Lojas abrem até 7 mil empregos temporários”	
			Economia	12	“Lojas abrem até 7 mil empregos temporários”	
Out. 1-2005	02/10/2005	Domingo	Economia	23	“Cresce faturamento das empresas em SC”	Indústrias de cosméticos
Out. 1-2005	05/10/2005	Quarta-feira	Geral	25	“Fenaostra atrai público na Capital”	
Out. 1-2005	06/10/2005	Quinta-feira	Visor	03	“Outubro é uma festa”	Festas de outubro. Com foto.
Out. 1-2005	07/10/2005	Sexta-feira	Economia	16	“Indústria de SC vende 6,8% a mais”	
Out. 1-2005	09/10/2005	Domingo	Capa		“Onze empresas de SC faturam 44 milhões”	
			Página Quatro	04	“Clube do bilhão cresce 164% em 4 anos”	Com foto.
				05	“Agroindústrias lideram o setor”	
					“Metalmecânica é referência” “Energia garante empregos”	
Out. 2-2005	16/10/2005	Domingo	Economia	27	“Shoppings criam 1,2 mil vagas”	

Out. 2-2005	20/10/2005	Quinta-feira	Capa		“SC lidera a abertura de empregos no país”	
			Página Quatro	04	“SC lidera crescimento de empregos”	SC – Estado que mais cresceu. Com foto.
Out. 2-2005	21/10/2005	Sexta-feira	Capa		“Florianópolis, 15h” Calor e sol levaram muitas pessoas às praias.	Com foto.
Out. 2-2005	23/10/2005	Domingo	Economia	31	“SC abre temporada de empregos”	Com foto.
Nov. 1-2005	03/11/2005	Quinta-feira	Economia	15	“Campeonato de surfe eleva ocupação de hotéis na Capital”	Com foto.
Nov. 1-2005	05/11/2005	Sábado	Capa		“SC mantém sétima economia do país”	
			Economia	13	“PIB de SC cresce acima do país”	
Nov. 1-2005	09/11/2005	Quarta-feira	Capa		“Esporte e cultura puxam o verão em Florianópolis”	
			Economia	14	“Sanidade de SC é exemplo”	
			Geral	25	“Florianópolis apresenta o planejamento do verão 2006”	
Nov. 1-2005	10/11/2005	Quinta-feira	Diário Catarinense	10	“O exemplo catarinense”	
Nov. 1-2005	14/11/2005	Segunda-feira	Economia	11	“Ocupação dos hotéis chega a 90% no feriado”	Com foto.
Nov. 1-2005	15/11/2005	Terça-feira	Capa		“Uma prévia do verão”	Com foto.
			Diário Catarinense	12	“O potencial turístico”	
			Geral	29	“Tempo bom garante praias lotadas no feriadão”	Com foto.
Nov. 2-2005	16/11/2005	Quarta-feira	Economia	11	“Santa Catarina tem o melhor feriadão do ano”	

Nov. 2-2005	18/11/2005	Sexta-feira	Economia	16	“Cooperativas de SC elevam exportações em 113% no ano”	
Nov. 2-2005	19/11/2005	Sábado	Capa		“PIB revela extremos da riqueza em SC”	
Nov. 2-2005	20/11/2005	Domingo	Capa		“Nove concursos abrem 3 mil vagas”	
			Economia	22	“Concursos com altos salários seduzem multidão”	
				23	“Vagas para SC somam quase 500 e procura é muito grande”	
Nov. 2-2005	24/11/2005	Quinta-feira	Capa		“Verão catarinense renderá R\$ 1,3 bi”	Turismo
			Página Quatro	04	“SC busca R\$ 1,3 bi com o verão”	
Nov. 2-2005	25/11/2005	Sexta-feira	Visor	03	“Temporada à vista”	
Nov. 2-2005	29/11/2005	Terça-feira	Política		“SC deseja atrair mais turistas americanos”	Potencial do Estado.
Nov. 2-2005	30/11/2005	Quarta-feira	Cacau Menezes	47	“Floripa é animal”	
Dez. 1-2005	02/12/2005	Sexta-feira	Capa		“SC tem a 2ª melhor expectativa de vida”	
			Economia	18	“SC vai faturar R\$ 19 milhões com os navios”	Com foto.
			Geral	22	“SC tem a 2ª melhor expectativa de vida do Brasil”	Com foto.
Dez. 1-2005	04/12/2005	Domingo	Economia	24	“SC aposta em turistas com maior poder aquisitivo”	
Dez. 1-2005	10/12/2005	Sábado	Visor	03	“Segurança no verão”	
Dez. 1-2005	12/12/2005	Segunda-feira	Política	13	“SC é premiada pelo combate à corrupção”	

Dez. 1-2005	15/12/2005	Quinta-feira	Política	06	“Caixa do Estado estará forte em 2006”	
Dez. 2-2005	16/12/2005	Sexta-feira	Capa		“Catarinenses pagam as contas e 35% melhoram de vida”	
			Página Quatro	04	“Catarinense encerra o ano sem dívidas”	Com foto.
			Diário Catarinense	16	“20 anos de conquistas”	
Dez. 2-2005	19/12/2005	Segunda-feira	Visor	03	“Sinal verde para o verão”	
			Geral	24	“A capital dos diferentes sotaques”	
Dez. 2-2005	20/12/2005	Terça-feira	Capa		“Arrecadação do Estado cresce R\$ 400 milhões”	
			Economia	18	“Arrecadação do Estado cresce R\$ 400 milhões”	
			Geral	29	“Canasvieiras e Ingleses: cidades dentro da Ilha”	Cidades independentes dentro de Florianópolis. Com foto.
Dez. 2-2005	21/12/2005	Quarta-feira	Economia	17	“SC lidera geração de emprego no Sul”	Com foto.
Dez. 2-2005	24 e 25/12/2005	Sábado e Domingo	Capa		“Turismo muda perfil da renda catarinense”	Com foto.
			Página Quatro	04	“Turismo: verão incrementa renda das famílias do Estado”	Com foto.
Dez. 2-2005	26/12/2005	Segunda-feira	Diário Catarinense	12	“A hora do turismo”	
Dez. 2-2005	29/12/2005	Quinta-feira	Política	06	“Cinco mil novas vagas no ensino”	Florianópolis.
Dez. 2-2005	30/12/2005	Sexta-feira	Economia	13	“Temporada promissora para SC”	
					“Argentinos e europeus chegam”	

LIVRO	DATA	DIA DA SEMANA	SEÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	OBS:
Jan. 1-2006	31/12/2005 01/01/2006	Sábado e Domingo	Capa		“Saiba onde buscar emprego em 2006”	
			Economia	15	“2006, ano para conseguir emprego”	15 mil vagas para SC.
			Retrospectiva 2005 - Economia	03	“Estado recebe turista com renda superior”	
Jan. 1-2006	02/01/2006	Segunda-feira	Visor	03	“Atenção ao emprego”	
			Geral	22	“Ano se inicia com dia de praia”	
Jan. 1-2006	03/01/2006	Terça-feira	Capa		“Canasvieiras: manhã de segunda”	
			Economia	17	“Exportações de SC vão crescer até 15%”	
			Geral	22	“Na Ilha um mar de guardasóis”	
Jan. 1-2006	04/01/2006	Quarta-feira	Geral	23	“Turista disputa sombra nas praias lotadas da Capital”	
Jan. 1-2006	05/01/2006	Quinta-feira	Economia	15	“Preço da cesta básica recua em Florianópolis”	
Jan. 1-2006	08/01/2006	Domingo	Economia	17	“Verão de SC atrai trabalhadores de outros estados”	
				18	“Consumo interno puxará a economia de SC em 2006”	Trabalho extra em plena férias.
Jan. 1-2006	10/01/2006	Terça-feira	Economia	16	“Turista gasta mais em bares e restaurantes neste verão”	

Jan. 1-2006	11/01/2006	Quarta-feira	Capa		“Onda de calor vai até a próxima segunda”	
			Reportagem Especial	04	“SC 38 graus. Um verão para ficar na história”	
				05	“Clima bom para a praia deve seguir até a Páscoa”	Para ambulantes, quanto mais quente melhor. Com foto.
Jan. 1-2006	13/01/2006	Sexta-feira	Revista de Verão	10 e 11	“ABC de Santa Catarina”	
Jan. 1-2006	15/01/2006	Domingo	Economia	20	“Carnaval gera empregos e renda extra em SC”	
			Geral	27	“Nem só de sol se faz um verão na Capital”	
Jan. 2-2006	16/01/2006	Segunda-feira	Economia	14	“SC recebe mais estrangeiros na alta temporada”	Com foto.
Jan. 2-2006	17/01/2006	Terça-feira	Capa		“Exportação do Estado bate recorde em 2005”	
			Visor	03	“Turismo globalizado”	
			Economia	12	“Estado tem recorde na exportação”	
Jan. 2-2006	20/01/2006	Sexta-feira	Revista de Verão	Capa	“Lagoa da Conceição: triunfo do belo”	Com foto.
				01	“Exuberante Lagoa”	Com foto.
				03	“Figueira Folclórica”	
Jan. 2-2006	22/01/2006	Domingo	Economia	17	“Turistas fazem disparar venda de imóveis”	Com foto.
Jan. 2-2006	27/01/2006	Sexta-feira	Cacau Menezes	43	“O melhor do Brasil”	
Jan. 2-2006	30/01/2006	Segunda-feira	Geral	23	“Onda de calor lota as praias na Capital”	Com foto.
Fev. 1-2006	01/02/2006	Quarta-feira	Visor	03	“Turismo de qualidade”	
			Geral	23	“Quem vem de fora se encanta e fica na Lagoa”	Com foto.

Fev. 1-2006	03/02/2006	Sexta-feira	Economia	16	“Cai preço da cesta básica na Capital”	
			Revista de Verão	04	“Belas praias são o alvo”	Com foto.
				12 e 13	“Perto do coração selvagem”	Com foto.
Fev. 1-2006	05/02/2006	Domingo	Economia	18	“Sul da Ilha conquista pelos preços baixos”	
Fev. 1-2006	10/02/2006	Sexta-feira	Geral	20	“SC está acima da média nacional no ENEM”	
Fev. 2-2006	17/02/2006	Sexta-feira	Revista de Verão	02	“Terra Celestial”	Com foto.
				09	“A arte pede passagem”	Com foto.
				10	“Caminho para o selvagem”	Com foto.
				11	“Recanto dos surfistas”	Com foto.
				14	“Nas ondas da Joaca”	Com foto.
Fev. 2-2006	25/02/2006	Sábado	Capa		“Procuram-se costureiras para empregar”	
			Economia	12	“Sobram vagas para costureiras no estado”	
Fev. 2-2006	26/02/2006	Domingo	Economia	14	“Turismo gay se consolida na Capital”	
Fev. 2-2006	27/02/2006	Segunda-feira	Revista de Verão	05	“Única e Maravilhosa”	Com foto.
Mar. 1-2006	05/03/2006	Domingo	Economia	22	“SC é modelo para o país”	Entrevista com o diretor geral do BIRD.
Mar. 1-2006	09/03/2006	Quinta-feira	Economia	15	“SC é o sexto Estado em competitividade”	
Mar. 1-2006	10/03/2006	Sexta-feira	Revista de Verão	Capa	“Campeche: um estilo de vida”	Com foto.
Mar. 1-2006	11/03/2006	Sábado	Economia	11	“Turismo de eventos cresce 15% neste ano”	
Mar. 1-2006	13/03/2006	Segunda-feira	Economia	15	“Empresas vão oferecer 12,3 mil empregos”	Com foto.

Mar. 2-2006	18/03/2006	Sábado	Economia	12	“Emprego fica estável e salário recupera a perda”	Com foto.
Mar. 2-2006	21/03/2006	Terça-feira	Editoriais	12	“Turismo e negócios”	SC – uma de suas vocações naturais.
			Economia	18	“Emprego na indústria de SC cresce 0,54%”	
Mar. 2-2006	23/03/2006	Quinta-feira	Editoriais	14	“A cidade que queremos”	Florianópolis é terra de muitas qualidades.
			Geral	42	“Florianópolis: cidade com praias, o grande diferencial”	Com foto.
						“Ilha está na mira da Unesco”
			Caderno especial “Florianópolis, 280 anos”	02	“Uma jovem de 280 anos a todo o vapor”	Foto antiga da cidade.
				4 e 5	“Berger está otimista com o futuro da Capital”	Com foto.
				09	“Lagoa da Conceição e suas tribos”	Com foto.
11	“Diversas alternativas de ensino”					
Mar. 2-2006	29/03/2006	Quarta-feira	Cacau Menezes	39	“Mídia internacional”	Em Florianópolis o ar é puro, o ritmo é desacelerado.
Abr. 1-2006	06/04/2006	Quinta-feira	Cacau Menezes	47	“Sou manezinho, graças a Deus!”	
Abr. 1-2006	13/04/2006	Quinta-feira	Capa		“SC lidera na atuação de jovens no trabalho”	
			Geral	19	“SC é líder no primeiro emprego”	Com foto.

Abr. 2-2006	19/04/2006	Quarta-feira	Economia	17	“SC dá exemplo no turismo”	Florianópolis, sonho de consumo da classe média.
Abr. 2-2006	20/04/2006	Quinta-feira	Política	14	“Estado terá mais verbas da União”	
Abr. 2-2006	30/04/2006	Domingo	Economia	09	“Concursos em SC oferecem 833 vagas”	
Mai. 1-2006	01/05/2006	Segunda-feira	Capa		“SC tem 35 municípios que são referência para o país em gestão”	
			Reportagem Especial	04	“A SC que é referência”	Com foto.
Mai. 1-2006	13/05/2006	Sábado	Reportagem Especial	04	“Hercílio Luz: e lá se vão 8 décadas da ponte”	Com foto.
				05	“A imagem mais ilustre e retratada pelos artistas”	Com foto.
Mai. 2-2006	16/05/2006	Terça-feira	Economia	23	“Prêmio destaca empresa de SC”	
Mai. 2-2006	24/05/2006	Quarta-feira	Economia	14	“Turismo de eventos cresce 30 % ao ano em SC”	
Mai. 2-2006	25/05/2006	Quinta-feira	Capa		“As receitas para o desenvolvimento”	21 empresários revelam os desafios para SC.
			Caderno especial “Estratégia SC”	Capa	“As receitas para o desenvolvimento”	
Mai. 2-2006	27/05/2006	Sábado	Cacau Menezes	39	“Outono na Ilha”	Orgulho da cidade.
Jun. 1-2006	07/06/2006	Quarta-feira	Economia	13	“Feijão e arroz custam menos na Capital”	
Jun. 1-2006	08/06/2006	Quinta-feira	Economia	25	“SC bem no ranking”	
Jun. 1-2006	15/06/2006	Quinta-feira	Economia	22	“Emprego tem leve alta nas indústrias de SC”	

Jun. 2-2006	16/06/2006	Sexta-feira	Economia	16	“Trabalhadores aproveitam o feriado para ganhar dinheiro”	
Jun. 2-2006	17/06/2006	Sábado	Economia	17	“Catarinense exporta 12,8% a mais”	Florianópolis é um dos destinos mais elogiados
Jun. 2-2006	24/06/2006	Sábado	Economia	17	“Sai o 1º Show case da Capital”	
Jun. 2-2006	30/06/2006	Sexta-feira	Editoriais	12	“A força do turismo”	
Julh. 1-2006	07/07/2006	Sexta-feira	Economia	15	“Indústria cresce 1,6% em maio e prevê expansão”	
Julh. 1-2006	10/07/2006	Segunda-feira	Reportagem Especial	04	“Parada da diversidade. Florianópolis: a capital gay do Brasil”	Com foto.
				05	“Cidade liberal”	Com foto.
Julh. 1-2006	14/07/2006	Sexta-feira	Estela Benetti	17	“Espanhóis investem em SC”	
Julh. 2-2006	16/07/2006	Domingo	Economia	17	“Mesa mais farta em SC” “Capital tem a melhor renda do Sul do país”	Com foto.
Julh. 2-2006	17/07/2006	Segunda-feira	Editoriais	10	“Excelência catarinense”	
Julh. 2-2006	18/07/2006	Terça-feira	Editoriais	12	“Turismo GLS em SC”	
Julh. 2-2006	19/07/2006	Quarta-feira	Editoriais	12	“Eficiência na segurança”	
Julh. 2-2006	20/07/2006	Quinta-feira	Editoriais	10	“Entre as 10 mais” Florianópolis.	Revista Newsweek destaca as 10 cidades mais dinâmicas do mundo.
Julh. 2-2006	23/07/2006	Domingo	Economia	18	“Construção em SC comemora reaquecimento”	
Julh. 2-2006	24/07/2006	Segunda-feira	Capa		“A terra da diversidade”	Caderno especial “Estado de vencedores”

Julh. 2-2006	26/07/2006	Quarta-feira	Caderno especial "Estado de vencedores"	Capa	"Florianópolis: luta pela dignidade"	Com foto.
Julh. 2-2006	28/07/2006	Sexta-feira	Estela Benetti	17	"SC na agenda do turista do exterior"	
Julh. 2-2006	30/07/2006	Domingo	Visor	03	"Turistas" SC é o 2º estado do país mais procurado por turistas estrangeiros.	
Ag. 1-2006	10/08/2006	Quinta-feira	Capa		"Shoppings vão abrir 10 mil vagas"	
			Economia	26	"Shoppings oferecem 10 mil vagas"	
Ag. 2-2006	21/08/2006	Segunda-feira	Economia	12	"Sine oferece 2,4 mil vagas em SC"	Segunda-feira
Set. 1-2006	02/09/2006	Sábado	Geral	22	"SC tem 8% da população com mais de 60 anos"	Com foto.
Set. 1-2006	10/09/2006	Domingo	Economia	22	"Desenvolvimento: Aplausos para a capital de SC"	Florianópolis foi eleita um dos principais centros urbanos do mundo. Com foto.
Set. 1-2006	13/09/2006	Quarta-feira	Editoriais	12	"Protagonista do turismo" SC	
Set. 1-2006	14/09/2006	Quinta-feira	Capa		"SC tem 30 % das obras de shoppings do país"	
			Reportagem Especial	04	"A explosão dos shoppings"	Com foto.
Set. 1-2006	15/09/2006	Sexta-feira	Economia	18	"SC quer mais estrangeiros"	

Set. 2-2006	17/09/2006	Domingo	Capa		“SC lidera no acesso à internet”	
			Visor	03	“Estrangeiros”	
			Geral	32	“Catarinense é campeão no uso da internet”	SC é o 2º lugar na lista dos destinos mais procurados para lazer por turistas estrangeiros. Com foto.
Set. 2-2006	21/09/2006	Quinta-feira	Economia	20	“Serviços em SC na onda da expansão”	Com foto.
Set. 2-2006	27/09/2006	Quarta-feira	Visor	03	“Inclusão”	Setor industrial de SC é exemplo de consciência.
Out. 1-2006	01/10/2006	Domingo	Capa		“Empregos: capital abre 2,5 mil vagas para o verão”	Classificados.
Out. 1-2006	04/10/2006	Quarta-feira	Editoriais	20	“Pela vida”	Duplicação da BR101 em SC vai proporcionar inúmeras oportunidades de negócios.
Out. 1-2006	06/10/2006	Sexta-feira	Cacau Menezes	43	“Os melhores”	
Out. 1-2006	12/10/2006	Quinta-feira	Economia	17	“Empresas em SC vivem mais do que a média”	Com foto.
Out. 1-2006	14/10/2006	Sábado	Economia	12	“Verão 10% mais rico no Estado”	Com foto.
Out. 2-2006	16/10/2006	Segunda-feira	Geral	20	“Turistas e moradores aproveitam as praias”	Com foto.
Out. 2-2006	19/10/2006	Quinta-feira	Estela Benetti	25	“SC é líder e ocupação no país”	Mercado de trabalho.
Out. 2-2006	25/10/2006	Quarta-feira	Editoriais	14	“SC e o turismo”	Grande potencial.
Out. 2-2006	29/10/2006	Domingo	Economia	28	“Há espaço para investir em SC”	

Out. 2-2006	30/10/2006	Segunda-feira	Geral	35	“Domingo foi de eleição, sol e praia”	Praias lotadas na capital. Com foto.
Nov. 1-2006	02/11/2006	Quinta-feira	Visor	03	“Verão à vista”	
Nov. 1-2006	07/11/2006	Terça-feira	Economia	13	“Hotéis de SC festejam a procura por pacotes”	Com foto.
Nov. 1-2006	09/11/2006	Quinta-feira	Economia	22	“Shopping muda o perfil do comércio na capital”	Com foto.
Nov. 1-2006	10/11/2006	Sexta-feira	Reportagem Especial	05	“SC contribui com o aumento da longevidade”	Com foto.
Nov. 1-2006	12/11/2006	Domingo	Visor	03	“Temporada”	Boas perspectivas para a próxima temporada.
			Economia	19	“SC oferece 32 mil vagas temporárias”	
Nov. 2-2006	16/11/2006	Quinta-feira	Economia	23	“Bom tempo ajuda turismo neste feriado”	Próxima temporada vai repetir o movimento de 2006. Com foto.
			Geral	31	“Praias da capital lotem no feriado da República”	
Nov. 2-2006	17/11/2006	Sexta-feira	Economia	15	“Economia de SC cresce 6,5%, acima da média nacional”	Com foto.
Nov. 2-2006	18/11/2006	Sábado	Economia	13	“Hotéis de luxo investem em SC”	
Nov. 2-2006	24/11/2006	Sexta-feira	Capa		“Nova lei das micros deve beneficiar 50 mil empresas no Estado”	
			Reportagem Especial	04	“Lei geral acelera desenvolvimento”	
Nov. 2-2006	26/11/2006	Domingo	Visor	03	“Temporada”	Movimento 15% maior.
Nov. 2-2006	29/11/2006	Quarta-feira	Economia	19	“Aberta a temporada de transatlânticos”	Com foto.

Nov. 2-2006	30/11/2006	Quinta-feira	Cacau Menezes	55	“Destaque nacional” Revista Exame.	2º Estado com o maior número de cidades entre as 30 que apresentam a melhor infra-estrutura para negócios.
Dez. 1-2006	02/12/2006	Sábado	Capa		“Homens de SC têm a maior longevidade”	
			Editoriais	10	“Turismo em alta”	
			Geral	19	“Homem vive acima da média em SC”	Com foto.
Dez. 1-2006	08/12/2006	Sexta-feira	Visor	03	“Turismo”	Aumento de 10%.
Dez. 1-2006	09/12/2006	Sábado	Cacau Menezes	31	“From Oz to Flori”	Comparando Austrália e Floripa.
Dez. 1-2006	10/12/2006	Domingo	Capa		“A grande aposta para os empregos”	Com foto.
			Economia	22	“Construção civil: aposta para 2007”	
				23	“Setor já emprega 43,9 mil no Estado”	Com foto e tabela.
Dez. 2-2006	18/12/2006	Segunda-feira	Geral	27	“Verão começa mais cedo” “Mesmo ilegais ambulantes atuam na Ilha” Maioria nordestinos.	Praias lotadas na capital. Com foto.
Dez. 2-2006	19/12/2006	Terça-feira	Estela Benetti	21	“Capital recebe turistas europeus”	
Dez. 2-2006	20/12/2006	Quarta-feira	Economia	18	“Emprego formal cresce 24% em SC”	
Dez. 2-2006	23/12/2006	Sábado	Visor	03	“Eventos”	

Dez. 2-2006	24/12/2006 25/12/2006	Domingo e Segunda-feira	Capa		“Indústria de SC inova e amplia exportações”	
			Economia	20	“Indústria de SC rompe as barreiras”	
Dez. 2-2006	26/12/2006	Terça-feira	Geral	18	“Temperatura de 31Graus faz da Praia a melhor opção do Natal”	Com foto.
Dez. 2-2006	28/12/2006	Quinta-feira	Capa		“Litoral vive a semana de ouro para o turismo”	
			Reportagem Especial	04	“Turismo vive a semana de ouro no Litoral Catarinense”	Com foto.
Dez. 2-2006	30/12/2006	Sábado	Capa		“Espaços ocupados”	Praias lotadas. Com foto.

ANEXO**ANEXO A - Capa do Jornal Diário Catarinense**



DIÁRIO CATARINENSE

22 - Nº 7.737

SANTA CATARINA, TERÇA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 2007 - www.dc.clicrbs.com.br

2ª EDIÇÃO R\$ 2,00

Como transportar
eletricidade
sem utilizar fios



Uma residência
que funciona até
com o dono longe



Vice da Capital
e mulher saem
da Renascer



Eprekall na Geral

CASANOVA

Cacau Menezes

SC é o 2º Estado mais seguro para os jovens

O grau de escolaridade
de Santa Catarina em
o segundo lugar no país onde
os jovens estão mais seg-
uros. O ranking elaborado
pelo Banco Mundial relacio-
na pessoas entre 15 e 24
anos. Entre os itens destaca-
dos estão desempenho es-
colar, baixa repetência e
maior frequência à pré-es-
cola. O ingresso no mercado
de trabalho também in-
fluenciou na pesquisa, que
foi feita no Distrito Federal em
o primeiro lugar. Página 28

COOPERATIVA DESTRUÍDA NA SERRA



O incêndio começou às 19h em caixas de maçãs e tomou grandes proporções em São Joaquim. Página 36

OPERAÇÃO MOEDA VERDE

Prefeito Dário
Berger presta
depoimento

A PF teria questionado a rela-
ção dele com quase todos os
22 presos. Página 27

FUTUROLOGIA



Polícia prende
o guru das
celebridades

Jurandir Landi Sobral, de 56
anos, é acusado de receber
R\$ 1 milhão em troca de pre-
visões. Página 37

ENERGIA

Aprovada a
usina nuclear
de Angra 3

Obra, no Sul do Estado do
Rio de Janeiro, custará R\$ 7,2
bilhões e será construída em
seis anos. Página 18

OPA AMÉRICA

Hugo Chávez
sa o evento
para aparecer

Páginas 4 e 5

SÉRIE B

Avai recebe o
Deará e Tigre
Joga em Belém

Esportes

Procurando imóveis e veículos?
Acesse www.hagah.com.br

hagah